
CENTRO ESPÍRITA
JOÃO VICENTE

É Preciso Saber Viver

NiltondeAlmeida Junior

Inspirado pelo Caboclo Sete Montanhas

Umbanda que faz você pensar


CENTRO ESPÍRITA
JOÃO VICENTE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida Junior, Nilton de
É preciso saber viver / Nilton de Almeida Junior. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 2020.

ISBN 978-65-00-03502-5

1. Ficção umbandista 2. Literatura brasileira 3. Ocultismo 4. Parapsicologia (Ficção) 5. Religiões afro-brasileiras 6. Umbanda I. Título.

20-36897 CDD-299.6720981

Índices para catálogo sistemático:

1. Umbanda : Literatura umbandista : Religiões afro-brasileiras 299.6720981

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

[2]

Apresentação..... 6

Ano Novo..... 11

O contato com a vidente..... 15

Conversa na praia..... 22

O Trabalho..... 27

Efeitos rápidos..... 34

Novos vínculos espirituais..... 41

Marcela procura orientação..... 45

Efeitos do desequilíbrio..... 51

Forças sem controle..... 62

André procura ajuda..... 69

O Trabalho no terreiro..... 78

O Trabalho com os obsessores..... 83

[3]

Pomba Gira fala com André..... 92

O começo da regeneração..... 106

O aprendizado de Márcia..... 113

O encontro no Centro..... 118

Laços antigos..... 127

Uma conversa séria..... 136

Ingrid começa sua iniciação..... 142

O primeiro combate de Ingrid..... 151

Nada é em vão..... 158

Avocêquelêeste livro; Avocêquetrabalhana Umbanda;

Avocêquecrênoamortransformandolágrimasem luz.

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Apresentaçã o

Nasci no Rio de Janeiro, onde cresci e resido, em outubro de 1965. Desde pequeno sempre tive muito interesse pelo espiritualismo, todo assunto relacionado à mediunidade e ao mundo dos espíritos me fascinava. Podia ficar horas ouvindo os adultos conversando sobre suas experiências, visões e temores sobre o fenômeno mediú nico.

_ “Vai brincar menino ... ”

Dizia alguém quando depois de longo tempo de conversa, percebia que eu ainda estava ali absorvendo cada vírgula do que eles diziam.

Lembro que tia Cleydes costumava ir lá em casa de tempos em tempos e chamava o Vovô Benedito, como era carinhosamente chamado por todos, o Preto Velho que com ela trabalhava.

Adorava ficar espiando o Velho baixar. Interessava-me ver a transformação que tia Cleydes sofria durante o transe mediúnico. Os olhos ficavam ainda mais miúdos e parados, imóveis no canto superior interno das órbitas, os gestos lentos e a voz pausada nada tinham daquela senhora robusta que chegara momentos antes em nossa casa. Sentia um enorme carinho e simpatia por Vovô Benedito e quando o Velho subia, sempre perguntava:

_ “Para onde ele foi? ”

Cresci lendo e observando tudo o que caia em minhas mãos que falasse de mediunidade e principalmente sobre a Umbanda. Muita coisa não entendia, muita coisa não aceitava,

muita coisa perguntava a quem pudesse me esclarecer, entretanto uma coisa me frustrava ... minha mediunidade ainda não tinha se manifestado.

_ “Será que eu sou médium? ”

Ficava me perguntando, doido para sentir um arrepio, sentir as mãos geladas, ver ou intuir alguma coisa ... Tive que esperar até os 17 anos para que tivesse minha primeira manifestação. Fiquei ensandecido quando Pai Joaquim das Almas incorporou pela primeira vez. Resolvi que tão logo tivesse um emprego e pudesse arcar com as despesas de material dos guias e as mensalidades do centro, iniciaria meu desenvolvimento. Tive que esperar até os 18 anos.

Concluí o curso superior que me formou em Psicologia, “estranhamente” as leituras feitas nos tempos de faculdade nã o abalaram minha convicção religiosa fazendo com que tivesse uma leitura psicológica do fenômeno mediúnico, ao mesmo tempo em que tinha uma leitura espiritualista/mediúnica das várias correntes de pensamento que se propõe a estudar o ser humano.

Muito tempo se passou, muita coisa aconteceu, tia Cleydes voltou para o mundo espiritual e eu assumi o comando do terreiro que ela abriu quando eu ainda era uma crianç a. Mais do que nunca, senti a falta de obras e textos que fossem realmente interessantes e úteis para a prática umbandista. Temos ampla bibliografia, entretanto ainda são poucas as obras que não se perdem em contradições ou mesmo em dogmas e mistérios e que realmente tragam esclarecimento a médiuns e frequentadores de centros de Umbanda.

Dezoito anos depois do início de meu desenvolvimento, escrevi meu primeiro livro. Primeiro? Será que quero insinuar que virão outros? ... Sinceramente não

sei, gostaria muito que sim pois foi uma experiência bastante enriquecedora.

Muitos me perguntam se é uma obra psicografada. Respondo que não, pois não incorporei espírito algum para escreve-la. De alguma forma fui impelido a escrever. Os capítulos e os acontecimentos da narrativa fluíram de forma bastante fácil de dentro de minha cabeça para o papel, por vezes era como se a história tivesse vida própria encadeando- se perfeitamente nas situações que se sucediam, cabendo a mim simplesmente servir de veículo para que ela fosse se derramando no papel, e por esta razão posso dizer que fui inspirado pelos amigos espirituais que me acompanham e orientam.

Lembro bem aquela tarde no hospital. Era a minha vez no revezamento que fazíamos para ficar com minha mã e, enquanto ela passava por mais uma sessão de quimioterapia. Era uma tarde de novembro, pela janela do quarto o vento entrava e tentava levar as folhas de papel onde eu escrevia os primeiros capí tulos.

Mamãe, recostada na cama ora olhava o teto, ora olhava sem muito interesse a televisão, ora tentava olhar pela janela qualquer coisa que a fizesse esquecer um pouco aquela incômoda agulha presa em seu braço e por onde deixava entrar em seu organismo o medicamento que ao mesmo tempo que prometia cura, tanto desconforto e ansiedade causava.

Tentando animá-la comecei a ler para ela as primeiras páginas. Seus olhos fixaram-se uma vez mais no teto, para logo depois pousarem sobre mim. Ela acomodou-se na cama como quem quisesse ouvir melhor, levou o dedo indicador até o canto da boca em característico gesto que fazia quando estava prestando atenção em algo ou em algué m.

Quando terminei a leitura do terceiro capítulo, ela ainda olhava fixamente para mim. Franziu a testa, apertando os olhos castanhos, esboçou um sorriso e disse meio incrédula, meio crítica, meio feliz:

_ “Você escreveu isto? Isto que você está fazendo é um livro? ”

Respondi com outro sorriso e disse que não sabia se aquela história teria

continuidade, que por enquanto tudo que tinha feito era somente aquilo que acabara de ler.

De alguma forma, o interesse que aquelas poucas páginas despertaram em minha mãe me incentivou a continuar. Sabia que minha história chegaria a um final e sabia qual era este final, entretanto também sabia que para chegar a este final, teria que desenvolver esta e aquela situação para que o enredo fizesse sentido.

Gostaria de deixar claro, que não pretendo esgotar com esta obra assuntos tão complexos como o tratamento da obsessão, o desenvolvimento mediúnico, as atividades dos guias na espiritualidade, o processo de reencarnação e outros assuntos abordados na narrativa. Este livro é fruto da minha vivência como médium de Umbanda e hoje especialmente como dirigente de um terreiro. Nossa religião é por demais rica

em detalhes, rituais e práticas que seria imaturo e egoísta sair por aí alardeando-se como baluarte da verdade com a pretensa ilusão de que só a nossa casa trabalha certo, e que a todas as outras lhes falta a doutrina e a orientação que “só nós temos” . Tenho esperança que a leitura trará orientação para muitos, e induzirá ao estudo e esclarecimento de vá rios aspectos ainda obscuros para todos nós umbandistas.

Quero oferecer este livro em homenagem à memória de minha mãe, Keomy Justino de Almeida para quem, infelizmente, a leucemia não permitiu que eu lesse todos os esboços dos capítulos subsequentes até o seu final, mas tenho certeza de que onde quer que ela esteja, ela está muito feliz em saber que tem um pouco dela aqui tambéⁿ m.

Agradeço a Deus pela oportunidade que me está sendo dada, espero saber aproveita-la e continuar aprendendo, agradeço a todos que me incentivaram a ir adiante, agradeço a você leitor por ter escolhido nossa pequena contribuição à literatura umbandista.

Um abraço a todos e boa leitura. Nilton de Almeida Junior

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Ano Novo

Boteiomeubarcon’á gua

Praverele navegar

PrimeiroeupedilicençaànossamãeIemanj á

PrimeiroeupedilicençaànossamãeIemanj á

IemanjáohIemanjá,elaéarainhado mar...

O burburinho dos transeuntes; o vai e vem sem fim de pessoas se acotovelando; turistas; curiosos; descrentes; velhos; jovens; crianças... o calor do verão carioca; a brisa do mar; a expectativa do ano novo. Tudo isto se misturava com estranha harmonia naquela noite de 31 de dezembro.

_ “iiih! Começou a macumba. Vamos chegar mais pra l á Marcinha? ”

_ “Pára com isso Marcela! Hoje vai ser impossí vel encontrar um lugar nesta praia que não tenha um terreiro. Esqueceu que hoje é véspera de ano novo? E depois você j á sabia que isso ia acontecer... e a mim não incomoda, tô at é querendo tomar um passe pra começar o ano de bem com Deus. ”

_ “Cruz credo!!... minha mão já tá toda suada... ” Marcela, jovem de 19 anos, fora criada dentro de famí lia

católica. Já não ia à igreja com a frequência de antes mas tinha muita devoção por Nossa Senhora da Glória. A fé católica nem sempre satisfazia aos seus questionamentos, mas era mais fá cil aceitar “os mistérios da fé” do que divagar pelos caminhos do oculto como adorava fazer sua amiga Má rcia.

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Márcia, um ano mais velha, adorava uma cartomante, um jogo de búzios, a brincadeira do copo que anda e tudo o que envolvia o mundo dos espíritos. No

auge da juventude era mais curiosa do que adepta; nunca tinha manifestado mediunidade nem o queria, pois não queria compromisso. S ó se interessava em “pesquisar” como seria o destino.

A tia trabalhava em um centro, mas para Márcia lá era “muito chato”, como costumava dizer, pois tinha hora pra tudo, não podia fazer barulho, nem chegar atrasado e nunca diziam o que ela queria ouvir... lá Márcia só “levava bronca” .

As duas jovens esperavam pelo grupo de amigos em frente a um quiosque como faziam todos os anos. Pouco a pouco as pessoas foram chegando e o tempo passou apressado entre copos de cerveja gelada, planos para o ano novo e a paquera nervosa dos que não queriam passar a última noite do ano sem dar um beijo na boca.

_ “Vem! Deixa de frescura... já é quase meia noite. É bom pra descarregar e começar o ano com o pé direito!” Dizia Márcia enquanto literalmente arrastava Marcela, pálida de medo.

_ “Pára Márcia!...me larga...você sabe que eu nã o gosto...não quero...larga! ”

Já não dava mais tempo para Marcela recuar. Já estava frente a frente com seu destino, embora só fosse perceber isto bem mais tarde. Estava diante de estranha figura: uma senhora idosa, colares coloridos pendurados no pescoço, um cocar de penas brancas a enfeitar a cabeça, bata e saia rendada também brancas contrastavam com sua pele negra. O

olhar calmo porém firme daquela mulher parecia entrar pelo seu íntimo. Sentia inexplicavelmente uma mistura de medo, curiosidade e confiança. Sem saber o que fazer e nem onde pôr as mãos, no nervosismo do momento, deu um pá lido sorriso e disse:

_ “B..Boa noite. T..Tudo bem com a senhora?... Eu só... ”

_ “Pára de pagar mico garota!” Cochichou por trá s Márcia. “Não ta vendo que ela não é ela?! ”

_ “Que?!! Como ela não é ela? Você me meteu nessa, agora me tira daqui! ”

_ “Ta fromosa fia?” Perguntou a entidade.

_ “Heim?” Respondeu Marcela, arregalando os olhos.

_ “Fia ainda muito jovem pra compriendê as coisa que caboclo tem pra dizê. Mas caboclo vai jogá as semente, pois sabe que o terreno é fértil. ”

_ “Olha moça, desculpe, eu não queira estar aqui... foi essa minha amiga que me arrastou... eu não gosto, nã o entendo dessas coisas... deixa eu voltar lá pro meu canto por favor? ”

_ “Fia é livre pra ir ou ficar, caboclo num vai fazê nada pra atrapaia sua vontade. Mas aproveita pra dizê pra fia que a fia tem uma missão. Fia fromosa, mas precisa de preparo at é chegá sua hora. ”

_ “O que? Missão? O que é que eu sou? Fromosa? O que é fromosa? Olha valeu tá? Tchau! ”

_ “Fia ainda não entende, mas o tempo vai ensiná a fia. Sua devoção com Nossa Senhora da Glória não é à toa. Fia

tem que ter mais paciência com sua mãe. A amiga da fia também é fromosa e vai ajudá muito a fia no seu desenvolvimento. ”

Marcela perguntou baixinho pelo canto da boca para Má rcia:

_ “Como ela sabe disso tudo? Quem contou pra ela que eu sou devota de Nossa Senhora da Glória? Como ela sabe da minha mãe? ”

_ “Ele vê as coisas sua lesada! É um caboclo e pode falar sua vida todinha se você duvidar. Viu, não te disse que você precisava de uns passes? ”

_ “Fia tá fromosa agora, por enquanto é tudo o que a fia precisa saber, vai com Deus fia! Leva o axé de caboclo Pena Branca. ”

A médium incorporada afastou-se e foi assediada por outras pessoas que também buscavam orientaçã o.

Caminhando de volta para o quiosque onde estavam, Marcela ainda intrigada olhou pra trás várias vezes, impressionada com as palavras da entidade. Sentia um estranho alívio depois que o caboclo jogou fumaça a sua volta e sacudiu as mãos perto da sua cabeça. Como poderia ele saber que naquela mesma tarde ela tinha discutido com sua mãe? Que negócio era aquele de missão? Chegaram ao quiosque e voltaram a enturmar-se no grupo que já fazia a contagem regressiva...

_ “10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1...FELIZ ANO NOVO!!!!!!!!!!! ”

[14]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

O contato com a vidente

Passados alguns dias, vamos encontrar Má rcia aguardando sua vez para ser atendida por uma médium que oferecia seus serviços através de um anúncio em um jornal. A referida médium anunciava-se vidente com poderes para fazer e desfazer qualquer tipo de trabalho. Prometia trazer de volta a pessoa amada em 3 dias e que preparava amuletos protetores infalíveis. Preço da consulta R$50,00 fora o material para realização do trabalho.

Márcia não o sabia, mas era vítima de um tipo muito comum de obsessão. Por ser muito impressionável, crédula e curiosa, era presa fácil de entidades irresponsáveis que gostavam de sugerir-lhe pensamentos de insegurança quanto à fidelidade do namorado, de como era motivo de inveja por ser bonita e inteligente, além de ter verdadeira paranóia com medo de engordar. As entidades que assediavam Márcia não eram suas inimigas, tampouco más. Eram simplesmente irresponsáveis e se divertiam em vê-la agitada e insegura, à procura de uma cartomante, de um médium qualquer que lhe satisfizesse a curiosidade fútil de jovem inexperiente.

Gostava de apreciar o ambiente, de ver as velas acesas junto a flores vermelhas, taças com bebida e garrafas enfeitadas com fitas coloridas. As imagens de exus representando homens musculosos e mulheres em poses sensuais, instigavam-lhe a imaginação. A quantidade de pessoas à espera de serem atendidas fazia Márcia pensar consigo mesma: “...essa mulher deve ser fera... olha a

[15]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

quantidade de clientes dela... hoje fico sabendo se tem macumba em cima de mim ou não... ”

Espiritualmente, o ambiente não era dos melhores. Obsessores e parasitas pululavam ali tornando o ar irrespirá vel, típico dos locais onde há uso indevido da mediunidade. Nã o pela cobrança dos serviços, questão ainda muito controversa em nosso meio, mas pela deliberada intenção de lucrar em cima dos problemas do próximo, pela total falta de escrú pulos em manipular as forças do oculto para prejudicar quem quer que fosse, só pelo interesse monetá rio.

Iracema, mulher de 40 anos, era realmente mé dium vidente. Seria grande auxiliadora das falanges do bem, nã o fosse a ambição e a vaidade que a isolavam da companhia dos seus guias. Os guias de Iracema tinham se afastado, deixando seu aparelho à própria sorte. Estavam a postos para auxiliá -la na hora em que ela se conscientizasse de que mediunidade é sinônimo de humildade e trabalho desinteressado. Poré m, Iracema deliberadamente preferia explorar os dons que possuía . Aprendera a manipular as forças da natureza e associara-se a entidades com quem na verdade vivia uma situação de simbiose: era obsediada por aqueles que julgava serem seus guias, e estes, em troca, lhes davam as informações que precisava transmitir aos seus clientes. Só o estudo sério e a disciplina podem orientar e libertar os médiuns como Iracema , que deliberadamente desperdiçam toda uma encarnação na busca do lucro efêmero da exploração do sofrimento alheio. Alertem-se médiuns e assistentes, mediunidade não é profissã o!

[16]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Depois de longa espera, chegou a vez de Márcia ser atendida. A jovem afastou a cortina de tecido vermelho que separava o quarto de atendimento da sala de espera para encontrar Iracema mulher de sorriso fácil, olhar cortante, vasta cabeleira castanha a cair pesadamente sobre os ombros, decote generoso a exibir pele muito bem tratada acostumada a cremes e óleos dermatológicos de boa procedência, pois era preciso dar boa impressão aos clientes, unhas bem feitas, mã os e punhos ornamentados com anéis e pulseiras que tilintavam ao menor

movimento das mãos de Iracema. Aos olhos do leigo, era uma bela figura.

O forte cheiro de incenso, a bola de cristal sobre a toalha preta de cetim e o baralho exposto eram os ingredientes que faltavam para envolver Márcia em verdadeira fascinaçã o por Iracema.

_ “Entre querida, boa tarde. Fique a vontade...” saudou jovialmente a mé dium.

_ “Boa tarde D. Iracema.” Respondeu Márcia, ainda com os olhos a percorrer todo o pequeno recinto em que acabara de entrar.

_ “É a primeira vez que vem aqui não é criança? ” Perguntou Iracema enquanto embaralhava com habilidade as cartas do Tarô .

_ “É sim, vim pelo anúncio no jornal... ”

Iracema, mais por experiência do que por intuiçã o, deduziu com acerto que Márcia era mais uma daquelas clientes que iam em busca da solução de problemas sentimentais. Afinal, o que levaria uma jovem como aquela a procurar seus

serviços? Uma jovem como Márcia usando roupas de grife , cabelos e mãos bem tratados, dizendo que veio pelo anú ncio do jornal (Iracema só anunciava em um jornal caro), só poderia ser “problemas do coração” .

_ “Me diga seu nome completo e dia do nascimento. ”

_ “Márcia Nogueira, 23 de agosto de 1980.” Respondeu Márcia mordendo o lábio inferior.

Iracema concentrou-se no nome que lhe foi informado e fechou os olhos de modo a facilitar a sintonia com seus orientadores. Ao concentrar-se exalou grande quantidade de fluido vital. Seus orientadores logo absorveram as emanaçõ es fluídicas provenientes da médium, assim como um sedento se aproxima de um copo de água. Saciados era hora de passar o serviço para que Iracema procedesse à consulta como de costume. Importante lembrar que

Iracema não se dava conta deste processo, tampouco sabia que isto é também um processo obsessivo. Lhe faltavam o estudo e a disciplina que orientam o médium no caminho árduo do bem. Para Iracema a cobrança dos serviços era justa pois afinal, estava ali gastando seu tempo e suas energias trabalhando para aqueles que se dispunham a pagar pelos seus serviços; no seu modo de pensar era um contrato justo e correto. Com relação aos trabalhos, em sua ótica distorcida da moral, ela não era responsável pelos efeitos dos mesmos pois os fazia porque a pagavam para fazer. Logo, os únicos responsáveis eram os mandantes. Ela apenas manipulava aquilo que os leigos não sabem fazer. Pobre Iracema, a lei de causa e efeito a colocaria na senda do bem.

[18]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

A caída das cartas confirmou a desconfiança de Iracema, a médium sorriu satisfeita e disse :

_ “Não se preocupe querida, este homem vai ser seu. Eu vou te ajudar a conseguir tudo o que você quer. ”

Márcia riu de nervoso e de espanto. “Ela é fera mesmo ” pensou Márcia “achei o local correto” .

Vendo que Iracema tinha ido ao X da sua questã o, Márcia baixou a guarda e entregou todo o ouro ao bandido.

_ “Pois é D. Iracema, nós estávamos indo tão bem...a í de repente o homem ficou estranho, se mostra ndo desinteressado, arredio...acho que é inveja daquela gente lá do prédio. Oh gente invejosa que não pode ver ninguém feliz... ” Iracema percebendo em Márcia uma fonte fácil de renda, mostrou-se falsamente interessada nos “sé rios problemas” da jovem descuidada.

_ “É, você é uma pessoa que tem uma aura ótima, uma energia muito positiva! E isto incomoda muita gente que te rodeia. Você vive cercada por pessoas invejosas que s ó querem te prejudicar. ”

Intuída por seus orientadores, Iracema começava a ter as informações sobre como manipular a vontade de Márcia : atacá-la pela sua vaidade. Os obsessores sorriam satisfeitos.

_ “É justamente o que eu desconfio D. Iracema... nã o tenho vontade de fazer nada, vivo cansada e com sono. Eu acho que tem alguma coisa em cima de mim. ”

_ “Claro que tem... uma pessoa como você não pode ficar andando por aí sem uma proteção...quer que te ajude meu amor? ”

[19]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “É para isto que vim D. Iracema! Vejo pela sua clientela e pelo preço de sua consulta que a senhora não é uma médium qualquer. Preciso, e muito, de sua ajuda. ”

Iracema sorriu com falsa modéstia ao sentir seu ego inflado ser adulado pela jovem cliente.

_ “Preciso do nome dele completo. ”

_ “É André. André Menezes Silva Junior. ”

_ “Pense nele meu bem, mentalize com força o nome dele. ”

Iracema voltou a embaralhar as cartas enquanto olhava fixamente para a bola de cristal e repetia mentalmente o nome do rapaz. O médium é para os espíritos um instrumento, assim como uma faca é um utensílio de muita utilidade na cozinha . Esta mesma faca em mãos mal intencionadas pode ferir e at é matar. A diferença entre o médium e a faca é que o mé dium pode escolher as mãos das quais ele quer servir de instrumento. A mesma mediunidade que traz orientação e conforto, pode também trazer discórdia e sofrimento, o uso do dom mediú nico é de inteira responsabilidade do seu possuidor e todo mé dium colhe os frutos do seu trabalho. Iracema de alguma maneira sabia disso mas sua estranha moral, sua vaidade e o assédio de seus “orientadores” a faziam seguir cometendo erros em cima de erros.

Na visão mediúnica de Iracema, a bola de cristal tornou- se turva por um instante para depois mostrar um rapaz moreno, cabelos pretos curtos penteados com esmero para trás e um cavanhaque bem feito que lhe dava um ar misterioso. Má rcia confirmou ser André o rapaz que Iracema acertadamente

[20]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

descreveu com voz pausada e ofegante. Iracema foi advertida por seus orientadores que André não tinha intenção alguma de relacionar-se seriamente com Márcia, que era ela quem insist ia em uma relação que para ele nada mais era do que amizade colorida. O rapaz era jovem, sabia que era bonito e atraente e não queria fixar compromisso com ninguém. Tudo o que quer ia era aproveitar a energia sexual que seus 21 anos lhe davam e , foi exatamente aí, pela invigilância do desregramento sexual de André que Iracema e seus orientadores encontraram a brecha para satisfazer os desejos de Má rcia.

_ “Você vai ter que voltar aqui outro dia com o material que vou te prescrever. Seguindo meus conselhos, querida, você terá seu homem na palma da sua mão... ”

_ “Obrigada D. Iracema, farei tudo como a senhora mandar. ”

_ “Eu é que agradeço criança... marque sua nova consulta com minha secretária agora na saída quando voc ê estiver fazendo o pagamento. ”

_ “Claro, claro...mais uma vez obrigada e boa tarde. ” Disse Márcia ao levantar-se da cadeira.

_ “Boa tarde meu bem. ”

[21]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Conversa na praia

Aquela manhã de sábado já estava quase terminando. O sol banhava toda a cidade deixando bem claro para quem quisesse entender, que ele realmente nascera para todos. Este exercício de democracia era ainda mais explícito na areia da praia onde vendedores ambulantes, donas de casa, crianç as, garotos de programa, chefes de família, desempregados, adolescentes em plena ebulição hormonal, homens e mulheres de várias idades e classes sociais expunham sem pudor suas formas. Algumas já castigadas pelo tempo, outras precocemente

gastas pela dureza da vida, outras viçosas e robustas acintosamente belas de se admirar. A água muito fria, fenômeno comum na orla fluminense na época do verão, nã o convidava muito ao mergulho... o jeito era refrescar-se nas duchas espalhadas pela areia e beber algo gelado nos quiosques da orla.

Marcela sentia-se inexplicavelmente bem em contato com o mar; bastava sentir a brisa salgada e o contato com a areia molhada para que seu corpo ganhasse vida novamente. Bebia água de coco enquanto Márcia ocupava-se em empurrar com a espátula de manicure a cutícula dos dedos das mã os. Sempre que ia à praia, Márcia levava consigo seu kit de manicure, aproveitando esses momentos preguiçosos para fazer uma das coisas que mais gostava: cuidar da aparê ncia.

_ “Ai Marcela, tô super ansiosa... hoje é o dia que eu vou fazer aquele negócio... ”

[22]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “Que negócio Marcinha?” Perguntou Marcela

enquanto, com os pés, brincava com a areia.

_ “Te falei... vou lá na D. Iracema hoje à tarde. ” Sussurrou Márcia com olhar cúmplice para a amiga.

Marcela ajeitou-se na cadeira, puxou os longos cabelos negros para trás fazendo um coque, limpou a garganta com um pigarro, gesto que sempre fazia quando queria falar seriamente sobre algo, olhou fixamente os olhos de Márcia e disse :

_ “Marcinha pensa bem... não vá se meter em encrenca. Eu não entendo e não gosto dessas coisas... você ainda pode desistir... ”

_ “Sai pra lá com esses seus medos! D. Iracema é uma pessoa ótima, disse que vai me ajudar em tudo e que ter o André só pra mim, é apenas uma questão de tempo. ”

_ “Marcinha, fazer alguém ficar contigo as custas de um trabalho de macumba?! Será que isso realmente funciona? Será que essa D. Iracema não está é comendo o seu dinheiro? Será que isto é correto? Forçar alguém que não te quer a ficar

contigo? Sim, porque só você não quer ver que o André nã o quer nada sério nem com você, nem com ninguém... ”

Marcela tinha intimidade suficiente para falar com Márcia naquele tom, afinal eram amigas desde pequenas, conheceram-se no jardim de infância e prosseguiram estudando juntas até o terminar do 2º grau. As famílias se tornaram também amigas justamente pelo forte vínculo que existia entre as duas. Não fosse o sincero sentimento que as unia, aquelas palavras duras de Marcela seriam motivo de grande discussão e selariam o fim daquela amizade. Márcia era

voluntariosa e por muito menos já tivera imensas desavenç as com a mãe e o irmão que também viviam advertindo-a quanto à sua teimosia em relação a André .

Márcia pôs de volta a espátula no estojo, pegou de dentro da bolsa de plástico transparente um pente de madeira e penteou freneticamente os cabelos, recolocou o arquinho na cabeça, buscou entre os pertences um protetor solar para os lábios e o aplicou na boca pequena. Admirou-se no pequeno espelho e sentiu-se mais segura, já que havia recomposto o ego com aquele ritual que sempre fazia quando se sentia ameaçada. Cruzou os braços sobre o peito, em típica posiçã o de quem não quer ouvir opiniões contrárias à sua e di sse fazendo biquinho:

_ “Você tá parecendo a minha mãe Marcela. Eu amo o André entendeu? Esse homem tá no meu sangue, eu sinto quando ele está por perto, ninguém precisa me avisar. Quando estou junto dele me dá um calorzinho no umbigo que vai se irradiando por todo o corpo... eu fico tremendo, eu fico doida! ”

_ “Sei não amiga, aquela lista que você mostrou tem tanta coisa esquisita... A sua tia, a D. Lourdes não é de centro? Por que você não pede a opinião dela? ”

_ “Tá maluca!? Minha tia vai querer cortar o meu barato com aquele papo de “lei do retorno” ou sei lá o nome da droga da lei... Aquele centro dela é um porre! Cheio de gente metida a besta, com um papo carola de estudo, não pode isto, não pode aquilo...” Respondeu Márcia com afetaçã o.

Sem saber, Marcela estava sendo intuída pelos espí ritos protetores de Márcia para que ela não se envolvesse em

encrencas. A espiritualidade superior utiliza-se de todos os meios para orientar seus pupilos no caminho do bem. Como Márcia já estava em perigoso processo obsessivo, os guias de la estavam se utilizando da mediunidade de Marcela, para persuadir Márcia a não realizar o dito trabalho.

Mesmo não aceitando ou temendo o fenô meno mediúnico, Marcela tinha atitudes que faziam dela um bom instrumento do mundo espiritual: cultivava bons pensamentos, acreditava firmemente na existência de Deus e tinha convicçã o na sua fé mesmo não indo regularmente à igreja e nã o querendo questionar muita coisa. Apesar das desavenças com a mãe, nunca guardava mágoas. Marcela tinha bom coração e os bons espíritos se aproximam daqueles que cultivam bons sentimentos, independente da sua convicção religiosa.

_”E não vem com esse papo de não acredito, que lá no reveillon o caboclo daquela mulher bem que acertou tudinho que te disse... ”

_ “Aquilo foi diferente... continuo sem entender como aquela senhora sabia de mim e minha mãe, aquele papo de missão é meio doido... mas de alguma forma aquele encontro me fez bem e eu não sinto isto quando você fala desta tal D. Iracema. ”

O tempo passou e Márcia, apesar de algumas vezes ser forçada a concordar com os argumentos de Marcela, estava decidida; iria fazer o trabalho de amarração recomendado por Iracema. As jovens recolheram as cadeiras de praia, envolveram os corpos bronzeados com suas respectivas cangas coloridas e caminharam em direção ao carro. O andar delas

derramava elegância e sensualidade por onde passavam ; alguns homens arriscavam cantadas baratas, mas elas simplesmente seguiram pelo calçadã o.

[26]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

O Trabalho

O carro branco de Márcia parou em frente ao pré dio onde morava Marcela, ela desceu do carro e as duas jovens despediram-se. Marcela observou o carro da amiga afastar-se até sumir no dobrar da esquina. Sentindo um incômodo aperto no coração, procurou com os dedos finos a medalhinha do Sagrado Coração de Jesus que trazia no inseparável cordã o pendurado no pescoço. Meneou pensativamente a cabeça e subiu devagar os poucos degraus que separavam a calçada da portaria do pré dio.

Márcia chegou apressada em casa, queria checar novamente a lista do material que Iracema pediu para ver se não faltava algo. Ainda queria tomar um banho, comer alguma coisa e marcar com André para saírem logo mais à noite.

_ “É você filha?” Ouviu-se a voz de Alzira vir lá do quarto dos fundos.

_ “Hum hum, tô na área...” Respondeu Márcia abrindo a porta da geladeira.

_ “Tem empadão de frango no forno pra você. Seu pai e seu irmão já almoçaram. ”

Ela serviu-se de empadão, salada e um copo de suco de tamarindo. Foi para seu quarto, de onde fez uma ligação para André .

_ “Não foi possível completar sua ligação, o nú mero chamado encontra-se fora da área de cobertura ou desligado. ” Disse a voz monótona e mecânica da gravação da companhia telefônica. Márcia tentou o número da casa de André .

[27]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “Alô, o André por fav... não está?! ... tá bom... é a Márcia... é liguei mais cedo sim... tá legal... obrigada. ”

Márcia foi até o armário e apanhou, escondido atrás de umas roupas mal

dobradas, um embrulho. Sentou-se na cama e de dentro da agenda, retirou o papel contendo a lista encomendada por Iracema. Checou mentalmente os objetos: um pacote de velas; dois metros de fita amarela; um litro de mel; um maço de cigarros; uma garrafa de champagne; um retrato de André ...- Mastigou um pedaço de empadã o enquanto lia os itens que achou mais estranhos: um pouco de cabelo de André (sorrateiramente retirados de seu pente); um pênis de cera e uma vagina de cera.

Um trabalho dinamiza e concentra energias. O pensamento do mago que faz o trabalho pode precisar de artifícios para orientar a carga energética de modo a torná -la eficaz. Para isto serviam o pênis e a vagina de cera; além de ter boa concentração de energia animal e vegetal, a sua forma ajuda o mago a direcionar seu pensamento e sua magia para o tema sexual. A foto traz a imagem da vítima, o que facilita a visualização daquele que é o alvo da carga energética. O s cabelos, unhas, roupas usadas, saliva, sêmen, lágrima, sangue menstrual, objetos de uso pessoal como cordões, ané is, pulseiras, brincos, pentes,... tudo isto fica imantado com nossa energia pessoal. Nosso magnetismo envolve tudo aquilo que sai de nosso corpo ou que fica em contato com ele por algum tempo e assim servem de endereços vibratórios para a magia assimilativa. Os cabelos de André em contato com o trabalho que seria feito por Iracema, serviriam de informação para onde

e para quem aquela carga energética deveria se dirigir, pois a carga energética do trabalho iria procurar a aura do possuidor daquele tufo de cabelos.

Reparem que este mesmo mecanismo pode servir para fazermos o bem também. Se quisermos levar paz, saúde e bem estar a alguém, basta informarmos para a energia que dinamizarmos para o bem, o endereço vibratório que queremos atingir. Por isto é que se diz que a magia não é nem negra e nem branca; ela é neutra. É o uso que fazemos da magia que a torna maléfica ou benéfica. Márcia iria aprender isto um dia... Ela guardou novamente a lista na agenda, tirou a roupa

e entrou no banho. Chegou na casa de Iracema na hora aprazada. O local estava cheio de pessoas à espera de serem atendidas.

_ “Cheguei na hora Lucy?” Márcia cumprimentou a ajudante de Iracema com intimidade enquanto Lucy pegava de suas mãos o embrulho.

_ “Chegou... mas vai ter que esperar um pouco. Hoje D. Iracema começou mais tarde a atender e quando é dia de consulta com a Padilha, isto aqui ferve! ”

É comum nos locais sem doutrina os mé diuns começarem seus trabalhos à hora que querem, como se os guias ficassem eternamente aguardando o chamado da boa vontade de seus aparelhos. É importantíssimo seguir os horários pré-estabelecidos com a espiritualidade, porque os guias têm outras atividades na espiritualidade das quais, nos orientar é apenas uma delas.

[29]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Padilha era uma das entidades que assessoravam Iracema. Espírito de identidade feminina, apresentava-se como uma pomba gira, usava nome de uma pomba gira, era tratada por Iracema e seus clientes como uma pomba gira, ela mesma chegava a acreditar-se uma pomba gira, porém, não o era. Seu baixo padrão vibratório, sua linguagem vulgar, seus conselhos e atitudes a denunciavam. Um verdadeiro exu é sensual sem ser vulgar, é franco sem ser mal educado, prega e aconselha o bem e luta contra o mal. Padilha era apegada ao mundo material, viciara-se em oferendas fartamente regadas com bebidas alcoólicas e sangue de sacrifícios animais, julgava-se muito poderosa que tudo podia e tudo fazia. Realmente era grande maga da espiritualidade, comandava os elementais com maestria, manipulava as forças do oculto há bastante tempo e tinha vasta experiência nesses assuntos. O que Padilha negava- se a reconhecer é que as coisas só existem e acontecem com a permissão de Deus e que seus poderes poderiam ser tolhidos a qualquer momento, que ela estava desperdiçando uma ó tima oportunidade de praticar o bem. Só as encarnações expiató rias sucessivas iriam colocar Padilha de volta na senda do bem.

Foi com visível cansaço que Márcia recebeu o aviso de que havia chegado sua hora de falar com Padilha. Iracema incorporada com a entidade ficava mais fogosa, levantava as saias com as mãos para caminhar languidamente, gargalha va largamente enquanto tremia os ombros jogando-os para trás. O cigarro sempre aceso e a taça de bebida sempre cheia juntamente com a contribuição anímica da médium, é o quadro

[30]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

que o leigo gosta de assistir ao presenciar a incorporação deste tipo de entidade.

_ “Boa noite moça! Vem me dar um abraço!” Sa udou Padilha.

_ “Boa noite...” Respondeu Márcia, mais curiosa do que encabulada.

_ “O que a moça quer comigo? ”

_ “Eu... gosto de uma pessoa... mas ele... ”

_ “Eu sei moça, aquele filho da puta tá te sacaneando né? ”

_ “Não sei, não é bem assim... eu apenas queria ele s ó pra mim... ”

_ “Vem cá moça, vamos fazer esse safado comer na sua mão...ou eu não me chamo Padilha!” E a entidade terminou a frase com estrondosa gargalhada.

Padilha procedeu à feitura do trabalho com ajuda de Lucy. Tudo o que Márcia fez foi repetir o nome de André a cada vez que lhe era solicitado. Ao terminar o serviço Padilha peg ou 7 rosas vermelhas e mandou que Márcia juntasse a elas salsa, gengibre, a calcinha que estava usando e fizesse um banho para tomar no dia que fosse sair com André. Márcia entregou à Lucy o dinheiro referente à salva do trabalho e foi para casa confiante. Ela não sabia, mas começava aí um triste capí tulo de sua vida.

*****

[31]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Eram onze horas da noite e Márcia estava aguardando por André no local de costume. O garçom conhecido serviu o terceiro copo de chope enquanto ela verificava o relógio . Sentia-se estranhamente agitada, um calor diferente envolv ia suas pernas que estavam ligeiramente bambas. Sabia que nã o era a bebida, pois nunca fora fraca em relação ao á lcool. Relembrava os acontecimentos da

tarde daquele sá bado enquanto deixava a brisa da noite brincar com seus cabelos.

Na verdade aquela inquietação e aquele calor diferente eram os efeitos do banho receitado por Padilha. O banho teve efeito direto no chacra básico, aquele que rege a circulaçã o sanguínea, os membros inferiores e os órgãos sexuais. Aquela ativação abrupta do chacra básico sem a devida orientação e preparo iria gerar um desequilíbrio na constituição perispiritual de Márcia, desenvolvendo precocemente sua mediunidade e tornando-a ainda mais vulnerável ao assédio de obsessores. Os pensamentos de Márcia foram interrompidos pela chegada de André .

_ “Oi gatinha, demorei? ”

_ “Nada... tô aqui curtindo esse chopinho...” Ela respondeu tentando disfarçar a ansiedade.

_ “Anselmo! Traz um pra mim!” – Ele chamou o garçom – “Então, qual é a boa de hoje? ”

_ “Vamos dançar um pouquinho? Tô a fim de dançar... ” Eles saíram para dançar. O vestido curto expondo as pernas bronzeadas da jovem, o jeito fogoso de Márcia se insinuando para ele enquanto dançava, o calor daquela noite de verão, o ritmo da música embalando os corpos suados...

[32]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

tudo levava aquela noite para um final óbvio e excitante. Andr é percebeu algo diferente em Márcia, algo que ele não consegu iu identificar. Sentia que, naquela noite, ela estava selvagem e lasciva e, no seu egocentrismo, atribuiu isto ao seu encanto de homem jovem e também ao álcool que Márcia ingerira um pouco mais do que de costume.

Quando ela chegou em casa era quase dia claro. O domingo prometia ressaca e preguiça. A água morna do banho trouxe o sono, o corpo relaxou e ela ao jogou-se na cama macia. Dormiu pesadamente.

[33]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Efeitos rá pidos

Alzira não aparentava a idade que tinha; era uma mulher de 59 anos que sempre se cuidara. Não tomava bebidas alcoólicas, evitava ao máximo alimentos com excesso de gordura, praticava exercícios regularmente, mantinha os cabelos sempre com um corte moderno e jamais saía do quarto sem um mínimo de maquiagem.

Márcia tinha a quem puxar; aprendera com a mãe a sempre estar com a aparência limpa e saudável. Alzira era uma mãe liberal, liberal até demais. Dava ampla liberdade para que seus filhos fizessem o que queriam, pois confiava no senso de responsabilidade que procurou lhes passar na infância. Deixou de trabalhar quando se casou; o dinheiro do marido, militar de alta patente, sustentava a casa. Tinha por hobbya pintura de onde retirava algum lucro com a venda de seus quadros. Era dona de um humor agradável, sempre tinha um sorriso no rosto, adorava cantarolar e tinha o costume de mandar “recados musicais”. Sempre que uma música ou trecho de música se encaixava em uma situação, Alzira a cantarolava mandando seu recado musical com bom humor e às vezes com velado deboche. Acreditava na Umbanda e simpatizava com o centro que sua irmã frequentava, pois achava o local tranquilo . A atmosfera de paz que sentia naquele lugar lhe fazia bem , muito diferente de outros locais que já visitara.

_ “Acorda Maria bonita, levanta e vai fazer o café...” – cantarolava Alzira ao entrar no quarto de Márcia com a bandeja de café – “...que o dia já vem raiando e a polícia já está de pé. ”

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “Huuum... que horas são?” Perguntou Márcia se espreguiç ando.

_ “Já passa do meio dia filha... você não vai deixar este domingo lindo passar assim e você... dormindo... ”

_ “Ai, que preguiça gostooosa.... ”

_ “Filha, eu vi a hora que você chegou... seu pai depois fala e com razão! ... sem falar no perigo que você corre saindo sozinha... ”

_ “Ihh mãe...” Márcia fez muxoxo enquanto mordia um pedaço de pã o.

_ “Ihh nada! Você sabe que não está certa... agora levanta, vai, sua tia Lourdes vem lanchar conosco... preciso da sua ajuda pra dar um jeito na casa enquanto eu estou na cozinha. ”

_ “Tá bom... vou levantar.... ”

Alzira deu um beijo na testa da filha e voltou para a cozinha. O desjejum de Márcia foi interrompido pelo toque do telefone.

_ “Alô, gatinha? Te acordei?” Era André e os olhos de Márcia brilharam enquanto seu sorriso se estendeu de uma orelha a outra.

_ “Ai meu amor... você ligando assim tão cedo pra mim...” Márcia ainda não se dera conta que já passava do meio dia.

_ “Você tava muito doida ontem heim...” - Falou ele com voz sussurrada – “...nunca te vi assim... ”

Ela não sabia o que dizer...

_ “Tá a fim de repetir a dose? Eu te pego aí mais tarde. ”

_ “Hoje?... mais tarde?... às seis tá bom? ”

_ “Não pode ser mais cedo? To cheio de vontade... ”

Márcia quase não acreditava nos seus ouvidos, “ser á que já é o trabalho?” pensou; mas não podia deixar de ajudar a mãe. “Droga, logo hoje...” maquinava uma maneira de ajustar os seus desejos com as ordens da mã e.

_ “E aí gatinha, tá a fim ou não? ”

_ “Olha... eu posso às cinco então... minha mãe precisa de mim hoje aqui... ”

_ “Ta legal às cinco de pego aí...um beijo... ”

Márcia pulou da cama; saiu do quarto radiante; arrum ou a casa displicentemente, escondendo mais a poeira do que limpando. Estava por demais feliz para se preocupar com todos aqueles porta-retratos, almofadas, persianas, tapetes, quadros e coisas mais. O tempo passava arrastado para Márcia que nã o via a hora de se encontrar novamente com André. Ela nã o almoçou, pois acordou muito tarde. Estava assistindo aos monótonos programas dominicais quando o interfone tocou. Era tia Lourdes que chegava.

Márcia abriu a porta para a irmã mais nova de sua mã e. Lourdes, apesar de ser apenas dois anos mais jovem do que Alzira, aparentava na verdade ser mais velha. A enfermidade do marido, já falecido, trouxe para ela rugas precoces e um ar de saudade doída que ela tentava disfarçar com o bom humor que não perdera. Era umbandista convicta, trabalhava há 20 anos. Sua mediunidade bem educada e sua atitude de respeito por todas as manifestações de religiosidade faziam dela aquele tipo de pessoa que queremos sempre ter por perto.

_ “Oi meu amor! Há quanto tempo!...” A tia abraçou a sobrinha com sinceridade.

_ “Oi tia... faz mesmo muito tempo... ”

_ “É sempre assim... se eu não apareço, não telefono... ninguém se lembra da véia aqui... ”

_ “Ah tia... é o trabalho, é o tempo tão corrido... e meu primo como está... ”

Lourdes foi entrando e cumprimentando a todos com seu bom humor e sua simpatia. Abraçou a irmã carinhosamente e, como era pessoa de hábitos simples, ajudou a irmã nos últimos afazeres da cozinha enquanto conversavam sobre a família, filhos, a novela das oito, planos para o carnaval,... Elas arrumaram a mesa para o lanche da tarde quando Má rcia avisou que não iria lanchar, porque ia sair com André .

_ “Ah filha, pelo menos um pouquinho de chá você vai tomar com sua tia... não faz desfeita... o André pode esperar... ”

Márcia olhava para o relógio a cada gole de chá que tomava, quase não prestava atenção na conversa e quando solicitada, respondia com monossílabos. Lourdes começou a observar mais atentamente a sobrinha; sentira um certo arrepio correndo pelos braços quando a sobrinha passou por ela certa hora na cozinha. Não deu muita importância no momento, mas agora vendo a sobrinha modificada pela ansiedade em sair logo de casa, uma intuição começou a martelar em sua cabeç a.

_ “Alzira, semana que vem é a festa de Oxóssi; voc ê não quer dar um pulinho lá?” Lourdes se dirigia à irmã mas seus olhos repousam discretamente sobre a sobrinha.

_ “É mesmo... dia 20 é dia de São Sebastião...é... vou sim, faz tempo que não apareço lá. Vamos filha na festa de Oxóssi? ”

O golpe de Lourdes dera certo. Ela sabia que Alzira nã o gostava de dirigir para longe e certamente iria pedir para que Márcia a acompanhasse; assim, caso sua intuição estivesse certa, a sobrinha seria atendida e até tratada se preciso fosse.

_ “Mãe, não vou prometer... semana que vem eu vejo isso tá? ”

O porteiro informou pelo interfone que André estava à espera de Márcia na portaria. A jovem despediu -se apressadamente de todos e saiu ao encontro do rapaz. As duas irmãs continuaram conversando e Lourdes procurou um jeito de tocar novamente na ida de Márcia ao centro.

_ “Alzira, gostaria tanto que Márcia fosse contigo ao centro. ”

_ “Porque minha irmã? Eu também prefiro que Má rcia vá lá no seu centro do que ande por aí nestas videntes que ela procura. Mas você sabe que ela não gosta muito de lá... ”

_ “Você sabe que eu não sou de ficar procurando chifre em cabeça de cavalo,

mas senti um mal estar na presença de Márcia... tenho a intuição de que ela precisa de ajuda, e o jeito que ela ficou agora à tarde não é o normal dela... espero que eu esteja errada... ”

_ “Ai Lourdes.... você assim me assusta.... ”

_ “Calma Alzira! Não vai começar a se impressionar ... pode não ser nada, pode ser só impressão minha! Mas é bom verificar, mesmo que ela não vá faça um esforço e vá você .

[38]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Essa menina fica andando nestes “terreiros de meu Deus” à procura de futilidades, uma hora destas pode se envolver com coisas que podem prejudicá-la. Quem procura acha! ”

Lourdes teve forte intuição de que Márcia estava em início de processo obsessivo. Médium experiente e educado, soube controlar o mal estar que sentiu na presença da sobrinha devido ter percebido o desequilíbrio vibratório de Márcia e também o das entidades que a acompanhavam. Lugar de se tratar de problemas espirituais é no centro; assim como é nos consultórios médicos e hospitais que os médicos atendem por lá contarem com sua equipe e seus instrumentos, o mesmo se passa com o médium de Umbanda; ele deve sempre orientar as pessoas para que procurem o atendimento no centro. Lá é que é o hospital do espí rito.

Ela não tinha vidência. Nem todo médium é vidente, mas era médium intuitivo. Era filha de Oxalufan e a vibratório ria deste orixá lhe dava uma sensibilidade enorme à presença de eguns. Percebera também a presença de seu Exu, o seu Caveira, o que lhe deu a certeza que Márcia não estava em boas companhias espirituais. Mas Lourdes também sabia que , se a sobrinha era vítima de obsessores, é porque de alguma forma ela o merecia e que o remédio para obsessão é estudo e disciplina, coisas que Márcia ainda não se tinha dado tempo de conhecer. A moça seria a peça principal no processo de cura, só ela seria capaz de cortar os laços em que ela mesma se amarrou.

A noite veio caindo preguiçosa. No horário de verão ela chega mais tarde e o carioca se despedia do sol caminhando

[39]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

pelo calçadão. Lourdes deixou a irmã e caminhou olhando a lua , que já ensaiava seu passeio pelo céu e fez comovida prece pela sobrinha.

[40]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Novos vínculos espirituais

As duas entidades que acompanhavam Má rcia perceberam o perigo que Lourdes representava para os seus planos. Eram duas mulheres que quando encarnadas tinham uma vida desregrada. Não tinham sido prostitutas como pode pensar o leitor, não faziam da prostituição sua profissão e nem precisavam. Foram mulheres que frequentavam a sociedade, tinham pertencido às chamadas “boas famílias”, estudaram em bons colégios e receberam toda educação que as moças de família recebem para fazerem bons casamentos. No entanto , eram viciadas em sexo e álcool. Suas vidas excessivamente erotizadas rodeadas por múltiplos amantes, as levaram a casamentos mal sucedidos e à destruição de outros.

Letícia, a de aparência mais jovem, morrera aos 40 anos na segunda metade da década de 20, vítima de parada cardíaca em consequência de overdose, pois tambéⁿ descambara para o vício das drogas. Ingrid falecera aos 51 anos depois de breve coma causado por acidente com seu carro quando dirigia embriagada. Como a morte não modifica ninguém, levamos para além do túmulo tudo o que somos, nossas virtudes e nossos defeitos nos acompanham na vida espiritual e com Letícia e Ingrid não poderia ter sido diferente. Continuaram na erraticidade à procura de sensações físicas e desregramentos morais. Quando encarnadas, não se conheciam, encontraram-se disputando restos de emanaçõ es alcoólicas que se desprendiam de um despacho feito em um cemitério. O passado semelhante e as inclinações atuais as

[41]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

uniram. Acompanhavam Márcia desde o dia do trabalho feito para André a

mando de um dos espíritos que assessoravam Iracema. O banho de rosas receitado por Padilha visava facilitar o entrosamento entre Márcia, Ingrid e Letí cia.

Naquela noite de sábado, Márcia, ao beber em excesso, serviu de copo para Ingrid e Letícia que se fartaram durante a madrugada acoplando-se ao duplo etérico da jovem através do chacra básico em descontrole, desfrutando e influenciando aquilo que Márcia pensava ser uma noite de amor. Era intençã o de Ingrid e Letícia manter aquela situação por longo tempo , pois sendo Márcia jovem, prometia muitas noites de prazer e excessos. Ao perceberem a aura benéfica de Lourdes a irradiar- se na casa de Márcia, trataram logo de influenciar sua ví tima para que não ficasse muito tempo na companhia da tia. Ainda na casa de Márcia, Ingrid segredou no seu ouvido.

_ “Não comente nada sobre ontem à tarde, essa velha beata vai te encher de novo com aquele velho sermão. ”

E Letícia completou.

_ “O segredo é a alma do negócio. O André está quase no papo, se você falar qualquer coisa vai melar tudo... ”

Márcia registrou essas sugestões como se tivessem sido seus próprios pensamentos e esta foi a razão do seu mutismo durante o chá. Ingrid e Letícia perceberam a aura benéfica e protetora de Lourdes, mas não sentiram a presença do Exu Caveira pois os bons espíritos conseguem alterar o padrã o vibratório de seus perispíritos de modo a ficarem invisíveis aos espíritos perturbadores. Foram elas também que influenciaram

André para que ligasse para Márcia. A partir daquele domingo , ele começaria a sofrer também a influência delas.

_ “Oi gatinha!” Falou André quando ela saiu do elevador. _ “Ai, que bom que você chegou... ”

_ “Então vamos pra onde? Pro mesmo lugar? ”

_ “Vamos beber alguma coisa antes? Estou com sede ... hoje fez muito calor... ”

_ “Vamos sim... também estou com sede. ”

Sob a influência de Ingrid e Letícia, eles beberam e fizeram sexo. As duas obsessoras brindaram a descoberta do filão de prazer que aquela dupla prometia. Os guias de Má rcia rezavam para que ela despertasse do pesadelo em que estava de metendo, mas os bons espíritos não interferem em nossas vidas. Eles sabem que é de nossa responsabilidade o orai e vigiai aconselhado por Jesus.

André sob a influência das obsessoras e já recebendo a carga maléfica do trabalho de amarração, teve seu chacra básico manipulado durante o rápido sono em que caiu enquanto Márcia tomava banho e se preparava para voltar para casa. Ele a deixou na portaria marcando para saí rem novamente no próximo fim de semana, Márcia sentia -se radiante e não via a hora de estar com Marcela para contar-lhe da novidade e dizer-lhe que os seus medos eram infundados, pois se sentia mais feliz do que nunca.

Chegou a quarta-feira, meio de semana, fim de expediente e André estava jogando seu charme em cima de uma colega de trabalho. Eles tinham saído algumas vezes e André achava que estava na hora de refrescarem a memória. A

jovem sorria, fazia um certo charme e acabou aceitando o convite. Algum tempo depois encontramos os dois deitados olhando para o teto. André com o rosto estampando embaraç o e decepçã o.

_ “Vamos embora? Já é tarde.” Falou Mônica para André . _ “Isto nunca aconteceu comigo...” Murmurou o angustiado André .

_ “Eu sei... eu te conheço... mas todo homem passa por isto um dia! Você deve estar cansado...podemos sair outro dia... ”

_ “Isto nunca aconteceu comigo... ”

Ingrid e Letícia trabalharam bem. O trabalho de amarração foi feito de maneira que André só conseguiria ter relações sexuais completas com Márcia, e ela sob a

influê ncia das duas poderia fazer loucuras com ele. Assim os dois médiuns desequilibrados poderiam servir Ingrid e Letícia com muito fluido vital, álcool e sensações carnais sem fim. Ao chegar em casa André não conseguiu parar de pensar no que lhe acontecera – “Que vergonha!” – pensava – “O que Mô nica pode pensar de mim agora?” Era demais para ele: homem, espada, 21 anos, bonito, irresistível ter brochado assim sem explicação. Naquele turbilhão de pensamentos, Ingrid sugeriu a imagem de Márcia na mente de André e ele resolveu aguardar o fim de semana para checar sua performance.

[44]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Marcela procura orientaçã o

Marcela teve estranho sonho com a sua amiga. Via Márcia sendo perseguida por pessoas de aparência estranha, ao mesmo tempo em que caía em sombrio buraco de onde Lourdes tentava retirá-la. Eram os guias de Márcia tentando ajuda através da mediunidade de Marcela. Em vão, Marcela ligou para Márcia a pedir que ela procure por Lourdes, mas ela recusou-se a fazê-lo. Deus usa o mal para fazer o bem, de alguma forma a obsessão de Márcia estava servindo para aproximar Marcela de sua mediunidade e diminuir as dú vidas que ela tinha em relação a Umbanda. Ela resolveu procurar a tia de Márcia. Era dia 20 de janeiro.

_ “D. Lourdes desculpa atrapalhar seu feriado, mas estou muito preocupada com a Márcia e acho que só a senhora pode ajudá-la. ”

_ “Você não atrapalha nada minha filha... entre, vamos tomar um café... acabei de passar... ”

Marcela contou para Lourdes seu sonho, seus medos e suas dú vidas.

_ “Eu ainda não sei muito bem o que se passa... mas sei que minha sobrinha precisa de ajuda. ”

_ “Mas como assim não sabe? ... A senhora não é médium? ... Não pode ver as coisas? ”

_ “Veja bem... o fato de eu ser médium não significa que eu tenho uma visão de raio X ou leia o pensamento das pessoas. E, além do mais médium todo mundo

é! ... ”

_ “Como assim? ”

[45]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “O médium é a pessoa capaz de receber e transmitir mensagens dos espíritos, e isto todo mundo faz mesmo inconscientemente. Os palpites, os pressentimentos, as intuições e até os sonhos, como o seu, são provas disto. ”

_ “Pra mim é tudo muito confuso... ”

Lourdes foi até a estante e pegou um exemplar do livro Amediunidadesemlágrimasde Eliseu Rigonatti.

_ “Leve este livro emprestado, leia e qualquer coisa é s ó perguntar... o que estiver ao meu alcance eu te ajudo. ”

_ “Obrigado D. Lourdes, mas me diz uma coisa... os santos lá do seu centro não podem fazer a Márcia ficar boa logo? ”

_ “Qualquer santo minha filha, pode ajudar Márcia ... desde que ela queira ser ajudada! Veja bem ... os guias estã o sempre, sempre prontos a nos ajudar, mas eles só podem ajudar aqueles que querem ser ajudados e Márcia não me parece disposta a cooperar ... pelo menos não agora ... ”

_ “É, faz sentido ... mas me dá uma pena ... será que ela não se toca? ”

_ “Você não quer ir ao centro amanhã? Amanhã, sexta- feira é dia de sessão. ”

_ “Ai ... não sei se devo ... tenho medo ... ”

_ “Você é quem sabe. Se quiser ir, entre em contato com Alzira ela deve querer companhia ... parece que Márcia j á disse que não vai ... ”

_ “Tá bom ... eu não prometo, mas vou pensar. ”

Na noite seguinte, Marcela, olhos arregalados, mão frias, estava sentada ao lado de Alzira à espera do início da sessã o.

[46]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Era a primeira vez que ela ia a um centro de Umbanda e aquela seria uma sessão festiva. Estavam homenageando o orix á Oxóssi que no Rio de Janeiro é sincretizado com São Sebastiã o. Ela observava o altar com imagens católicas, flores e velas; via a figura do Cristo no alto do gongá e sentia-se segura. Uma música suave proveniente de caixas de som fixadas na parede, envolvia o ambiente e convidava à meditação; havia folhas espalhadas pelo chão. Ao mesmo tempo em que as imagens católicas davam um ar familiar, ela sentia que era diferente a atmosfera daquele local.

A certa hora, o chefe do terreiro, um senhor de 60 anos anunciou que a sessão iria começar. Os médiuns uniformizados de branco tomaram seus lugares fazendo duas fileiras, uma de cada lado do terreiro. Entoaram cânticos acompanhados de palmas e do som de ritmado atabaque. Fizeram uma reverê ncia ao altar deitando-se de bruços no chão em frente a ele. O dirigente fez uma prece de abertura e, falando para a assistência, leu uma página do livro Fonte Viva, aberta ao acaso, fez um breve comentário sobre o trecho lido, esclareceu a disciplina da casa e convidou aqueles que desejassem tomar o passe, a fazê-lo na hora em que fosse indicado. Feito isso cantaram os pontos de abertura de sessão e o ponto de chamamento do guia chefe. Incorporado em seu aparelho, o caboclo Rompe Mato deu prosseguimento à sessão. Invocaram o orixá homenageado que imantou frutas que foram distribuídas para a assistência. Na hora da consulta Marcela nã o quis falar com nenhuma entidade, preferiu continuar

[47]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

observando. No caminho de volta para casa não faltaram perguntas que a jovem fazia uma em cima da outra.

_ “Como as pessoas recebem santo? ”

_ “Você quer dizer incorporar?” Retrucou Alzira enquanto manobrava o carro.

_ “É deve ser isso mesmo... a pessoa sabe o que est á fazendo? ”

_ “Sabe.” – respondeu Lourdes – “O médium tem consciência de tudo o que faz. ”

_ “Como assim? ”

_ “Enquanto incorporado, é como se tivessem duas personalidades ocupando o mesmo corpo. Na cabeça do médium surgem pensamentos seus e pensamentos do espí rito que está se comunicando. ”

_ “É complicado né?... E pra que aqueles cordõ es todos? ”

_ “Se chamam guias ou fio de contas, eles representam os orixás e as entidades que trabalham com o médium. Cada orixá tem uma cor ou combinação de cores. ”

_ “Por que as pessoas se deitavam em frente o altar? ”

_ “Aquele gesto se chama “bater cabeça” é a reverê ncia que se faz às forças espirituais representadas pelas imagens e pelas firmações magnéticas que estão ali. ”

_ “A senhora sempre foi espírita D. Lourdes? ” _ “Eu sou umbandista! ”

_ “Não é tudo a mesma coisa? ”

_ “Vou te explicar... muita gente inclusive muitos umbandistas fazem esse tipo de confusão” – Marcela estava

realmente interessada e ajeitou-se no banco de trás do carro para ouvir melhor a explicação de Lourdes – “o Espiritismo foi codificado por Allan Kardec no século XIX. Ele procurou dar um aspecto científico à doutrina que ele fundou com a publicaçã o de OLivrodosEspíritos. Nesta doutrina não se admite qualquer forma de ritual e eles são muito rígidos com relação à incorporação e mensagens que os espíritos dão. ”

_ “Ué... mas não foi isto que vocês fizeram lá hoje? ”

_ “O Espiritismo foi uma das religiões que influenciaram a Umbanda. A Umbanda é religião que nasceu no Brasil. É a mistura de ideias espíritas, religião do índio nativo, Catolicismo e da religião africana. A Umbanda faz rituais e reverencia os deuses africanos que assimilou aos santos católicos... isto o Espiritismo não aceita. ”

_ “E o Candomblé é igual à Umbanda? ”

_ “ O Candomblé é mais antigo que o Catolicismo e o Cristianismo. Os orixás eram cultuados pelos africanos desde muito antes do nascimento de Cristo! Na verdade, a palavra Candomblé significa brincadeira, reunião. Cada tribo africana cultuava um orixá. Com a escravidão, muitas pessoas de diferentes tribos foram reunidas nas senzalas. Quando eles começaram a praticar sua religião aqui no Brasil, cada tribo reverenciava o seu orixá. Aconteceu então o encontro de vá rios deuses em um mesmo espaço, dando origem ao Candomblé. ”

_ “Nossa... como a senhora saca dessas coisas!... ”

_ “Tem que estudar meu amor... o médium tem obrigação de conhecer a religião que pratica.” Responde u Lourdes com um largo sorriso.

[49]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Foram conversando animadamente por toda a viagem. Alzira deixou Marcela em casa, depois deixou Lourdes. Entrou em casa, tomou um banho e rezou por sua filha. A consulta que tirou a deixou preocupada com Márcia. Evitou consultar-se com o guia de sua irmã justamente para evitar que a irm ã pudesse interferir na consulta; tomou passe com um mé dium que não sabia do assunto e deixou as coisas acontecerem. Nã o fez isto para testar ninguém, ela só entregou nas mãos de Deus, sabia que se tivesse que saber alguma coisa o guia iria orientar, e se o guia não falasse nada era porque não estava na hora de saber ou não tinha nada a ser dito. O guia orientou que Má rcia fosse ao centro para passar por uma limpeza, orientou tambéⁿ m que ela estudasse e se dedicasse à leituras sadias sobre mediunidade e que sua mediunidade estava precisando de orientação. Alzira decidiu falar com a filha tão logo se levantasse pela manhã .

[50]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Efeitos do desequilí brio

A água do chuveiro corria morna e agradável. Andr é respirava aliviado debaixo do forte jato que batia em seu corpo enquanto Márcia se vestia – “Acho que era cansaç o mesmo...” – pensava ele enquanto se ensaboava. Era madrugada de sábado para domingo, eles já tinham jantado e se divertido, preparavam-se para voltar para suas casas. Alzira esperava acordada para falar com a filha, pois não conseguira fazê-lo durante o dia. Percebeu que Márcia, ao chegar, exala va forte cheiro de bebida e preferiu falar com ela mais tarde quando estivesse só bria.

A manhã estava quase terminando e Márcia dava a última mordida na torrada quando sua mãe aproximou-se da mesa e expôs sua preocupação acerca do comportamento dela e sobre a orientação que o guia deu na consulta. A reação de Márcia foi óbvia: negou tudo e ainda se aborreceu com a mã e por intrometer-se em sua vida.

_ “Isso é um absurdo!...” – desdenhou Márcia – “E sse pessoal desse centro da tia Lourdes é o fim... vivem se metendo onde não são chamados... ”

_ “Márcia olha o respeito! ”

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “É isso mesmo! Só eles estão certos... vivem se achando melhores que todo mundo... por isto que não vou mais lá ... estou cheia daquela gente. ”

_ “Márcia você está passando dos limites... eu estou apenas conversando com você. E você sabe que não tem se comportado bem ultimamente. ”

_ “QUER SABER DE UMA COISA!? TÔ DE SACO CHEIO DE VOCÊS TAMBÉM! JÁ SOU BEM GRANDINHA PRA CUIDAR DE MIM MESMA...” – Gritou Má rcia.

_ “Não é não queridinha...” – Alzira não aturava desaforos gratuitos – “...você só tem 20 anos e se você vive sob o meu teto, tem que viver sob minhas regras,

entendeu? ”

Márcia levantou-se da mesa visivelmente irritada. S abia que passara dos limites, pois não deveria ter gritado com a mãe. Foi para o quarto e se trancou; não queria falar com ningué m.

Assim é o médium em desequilíbrio: fica excessivamente irritável e a mais pura verdade pode trazer-lhe imenso desagrado. A presença de obsessores sempre perturba o ambiente, pois sua aura doentia polui tudo a sua volta tornando todos irritadiços ou enfermos. É claro que Má rcia respondeu à mãe devido à sua mediunidade em desequilí brio,

mas mesmo assim ela só falou aquilo que ela já pensava. A s obsessoras só ajudaram a trazer para fora aquilo que ela j á tinha por dentro.

Um mês se passou, o clima na casa de Alzira não era dos melhores. Márcia quase não falava com seus pais e irmã o, pois tudo era motivo de discussão. Quando ela acordava e nã o cumprimentava as pessoas, Alzira cantarolava: “Você passa por mim e não olha, como coisa que eu fosse ninguém ...”. Havia breves momentos de paz quando Letícia e Ingrid estavam ausentes, mas bastava as obsessoras voltarem para Má rcia alterar-se novamente. O “romance” com André também nã o estava lá essas coisas. André só conseguia ter relações com Márcia, o que o deixava intrigado e irritado. Quando se encontravam era só para transar e ele continuava distante, o que fez Márcia procurar por Iracema uma vez mais.

_ “D. Iracema, o que mais podemos fazer? O André t á ficando distante... ”

_ “Ah... mas você não pode negar que ele melhorou bastante... ”

_ “Eu sei...” Márcia respondeu baixando os olhos envergonhada.

Iracema fixou o olhar na bola de cristal e viu duas entidades acompanhando André .

_ “Você tem duas pombas giras te ajudando... o trabalho foi aceito... temos agora é que fazer um agrado pra essas moças continuarem a te ajudar... ”

As duas entidades eram, é claro, Letícia e Ingrid. Para médiuns sem estudo como Iracema elas passam facilmente como pombas giras. Mais uma vez Márcia fez um trabalho, s ó que desta vez foi feita uma oferenda que Ingrid e Letí cia receberam com muito gosto... mas pouco efeito teve. Andr é estava começando a reagir, estava encafifado com sua situaçã o em relação à Márcia e resolveu procurar ajuda.

A cunhada de André jogava cartas. Não cobrava, s ó jogava para pessoas conhecidas e ele pediu para que ela tentasse com suas cartas ver se havia alguma coisa errada com ele, pois já tinha até procurado assistência médica e seus exames estavam todos em ordem. Seu jogo mostrou forte influência espiritual negativa mas também mostrou uma pessoa com capacidade de ajudá-lo, era uma senhora viúva que o ajudaria a sair daquela situação estranha. Ele não conhecia tal senhora, mas estranhamente dias mais tarde ele encontrou com Marcela no supermercado.

[54]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “Oi André, tudo bem? ”

_ “Tudo gatinha...” – ele tratava assim a todas – “...gastando dinheiro? ”

_ “É um pouquinho... ”

_ “Você ainda vai comprar mais alguma coisa, ou já vai para o caixa? ”

_ “Só falta mais uma coisa ali daquela fila, por quê? ”

_ “Por nada...! É que eu já vou e agente podia ir caminhando juntos... ”

Marcela estranhou o convite. André não costumava puxar muito assunto com ela, principalmente porque era uma das pessoas que costumavam alertar Márcia

sobre a relaçã o deles ser tão física. Mesmo assim, ela aceitou ir com ele. O caminho dos dois era quase igual e ela sentiu que deveria fazer aquilo, não sabia porquê. Era tudo obra das entidades de luz que estavam tentando modificar aquela situação, pois Andr é demonstrara vontade de modificar-se.

Ela tinha que passar na casa de Lourdes para devolver outro livro que pegara emprestado. Ao passar perto da rua onde se localizava o prédio de Lourdes, disse para ele que precisa ver uma amiga. Ela não queria que ele soubesse que estava lendo livros sobre Umbanda. Como quase todo mundo,

ela envergonhava-se de assumir que estava lidando com estes assuntos. Muitos umbandistas ainda dizem que são católicos ou espíritas; um costume trazido do tempo em que a polí cia reprimia os cultos afros e que o preconceito teima em afirmar que Umbanda é coisa de gente ignorante. No dia que o umbandista perceber que só ele pode modificar esta imagem, ele vai disciplinar-se, vai estudar sua mediunidade e sua religião, vai aprender a respeitar-se e vai ser mais feliz sem medo se assumir quem ele é .

_ “André, eu tenho que dar uma passadinha na casa de uma amiga... se você quiser pode ir andando... foi muito legal ter sua companhia... ”

_ “Deixa eu ir com você?... nosso papo tá tão bom... eu não tenho pressa nenhuma.. ”

Inexplicavelmente ele queria ir com ela para onde ela fosse. Ela sabia que quando ele botava uma coisa na cabeç a, era difícil de tirar e depois ela ainda tinha esperança que ele não subisse, que esperaria por ela na portaria.

Lourdes abriu a porta e se deparou com o sorriso amarelo de Marcela a desculpar-se por ter trazido um amigo sem avisar.

_ “Que besteira....! Não tem problema algum. Seus amigos são meus amigos!

Entrem por favor...” disse a simpática senhora.

_ “Boa tarde D. Lourdes, eu sou o André. ”

Os olhos de Lourdes brilharam ao ouvir aquele nome, ela reconheceu logo que se tratava do André namorado de Márcia. Logo percebeu a mão da espiritualidade naquela situação e procurou ser o mais natural possí vel.

_ “Entrem meus filhos.... adoro receber gente jovem em minha casa... vocês são tão cheios de vida! ”

_ “D. Lourdes, nós não vamos demorar... eu só vim devolver isto.” Disse Marcela enquanto tirava da bolsa um exemplar do livro DesvendandoaUmbandade Míriam Prestes. _ “Então? Ajudou a esclarecer alguma coisa?” Perguntou Lourdes repousando o livro em cima da mesa.

_ “Hum hum. Gostei sim, ela escreve de um jeito bem simples...parece que está falando direto com a gente. ”

_ “Eu não sabia que você lia este tipo de coisa Marcela?!” Comentou André com visível espanto.

_ “Você não acredita filho?” Perguntou serena Lourdes, enquanto Marcela ficava vermelha de vergonha.

_ “Mais ou menos... minha família é católica... mas sabe como é, não custa nada de vez em quando acender uma velinha... minha cunhada joga cartas... ”

_ “É, meu rapaz, mas ser umbandista é muito mais do que acender velas e fazer jogos premonitórios... não parece , mas Umbanda é coisa séria! ”

_ “Desculpa... não me leve a mal... na verdade eu nã o entendo muito... mas respeito essas coisas.. ”

Eles começaram a conversar animadamente. Ingrid e Letícia não estavam por perto e André estava interessado no assunto, pois simpatizara imediatamente

com Lourdes; seu modo simples e direto de tratar o assunto não o tornava cansativo e piegas. Conversaram sobre mediunidade, orixá s, entidades, eram tantas as indagações levantadas que Marcela baixou a guarda e também participou da conversa.

_ “Esse negócio de dar comida, matar bicho não é coisa de gente atrasada? Já estamos quase no século XXI!?” Indagou André com naturalidade.

_ “Você tem razão até certo ponto meu rapaz. Mas vamos pensar um pouco... O costume de oferecer presentes e sacrifícios para os deuses não é coisa só de macumbeiro. Os judeus como podemos verificar na Bíblia ofereciam sacrifícios a

Javeh; os egípcios também tinham seus rituais; os Maias, enfim o ofertório é prática comum em todas as religiões, pois não é prática restrita aos cultos afro-brasileiros. O homem antigo fazia oferendas de comidas e até de animais porque naqueles tempos difíceis muito antes da descoberta da eletricidade e da invenção da geladeira e do freezer, a carne era produto de luxo! Oferecer comida e animais era oferecer aquilo que se tinha de melhor, afinal para Deus você só vai oferecer aquilo que voc ê tem de melhor. E ainda por cima o sangue representa vida e é o elo de ligação com Deus que é a fonte da vida. ”

_ “A senhora mata bicho?” Ele franziu a boca ao fazer a pergunta.

_ “Eu não falei que mato! ... Só quero te explicar que antes de se criticar um costume, é preciso situá-lo no tempo e no espaço. Hoje em dia com a evolução tecnológica, noções de higiene e esperança de evolução espiritual alguns rituais podem parecer cruéis e sem sentido, mas nós não podemos julgar quem os pratica afinal cada um sabe de suas necessidades e o livre arbítrio é uma dádiva que Deus nos legou. ”

_ “Mas a senhora mata bicho ou não? ”

_ “Eu sou umbandista meu amor. A Umbanda não faz matanças. Nós trabalhamos com as forças da natureza assim

[59]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

como o Candomblé mas não fazemos uso do sangue animal. Isso não quer dizer que somos mais adiantados ou mais fracos é simplesmente uma maneira diferente de lidar com um mesmo assunto. Para Deus tudo é válido quando feito com sinceridade. ”

_ “A senhora parece entender muito destas coisas ... é difícil ver alguém falar sobre espiritismo que não se perca em mistérios e explicações que não chegam a lugar algum ”

_ “Estudo deveria ser obrigatório em todo centro, seja de Umbanda ou de Kardec ”

_ “Mas não é tudo a mesma coisa? ”

_ “Marcela, explica pra ele vai ... isso você já sabe... ”

_ “Pode deixar D. Lourdes, eu vou explicando no caminho... tenho que ir agora... ”

_ “Mas já?” – exclamou André – “O assunto tá tã o bom... ”

_ “É mais o tempo não espera... olha só que horas sã o! Eu tenho que ir...” Explicou Marcela.

_ “D Lourdes, posso ir no seu centro?” Ele perguntou de sopetã o.

Lourdes já esperava por esta pergunta. Internamente deu graças a Deus e respondeu :

[60]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “Claro meu rapaz. ... Você será muito bem vindo ... teremos sessão na semana que vem. Se quiser pode marcar com Marcela ou comigo mesmo ... iremos juntos, será um prazer. ”

Marcela olhou com espanto para Lourdes. Só agora percebera que tinha sido um instrumento para que André e Lourdes se encontrassem. A simpática senhora piscou o olho para ela e sorriu. Tudo começaria a voltar para seu lugar, s ó dependeria das atitudes de André e Márcia agora.

No elevador o telefone celular de André tocou; era Márcia verificando onde ele estava. O ciúme dela estava cada dia mais doentio. Ele atendeu com má vontade, respondeu com monossílabos e foi ao encontro dela. André estava cansado daquela situação não gostava de se sentir preso a ningué m, mas não conseguia se libertar da influência de Márcia. A obsessão já estava se tornando subjugação. Eles se desped iram na calçada, Marcela seguiu seu caminho para casa com o coração aliviado, pois sabia que agora André queria ser ajudado, o que tornava as coisas muito mais fáceis. Ela olhou para o cé u e uma nuvem em forma de coelho pareceu mexer as orelhas para ela. Marcela respirou fundo, sorriu e agradeceu .

[61]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Forças sem controle

Aquela semana correu sem novidades. Márcia, com o seu agora habitual mau humor, pouco falava com as pessoas. Até Marcela ela estava evitando ultimamente, dizia que ela estava sendo catequizada por sua tia e que um dia ia ficar chata que nem ela. Ingrid e Letícia não admitiam que qualquer pessoa que significasse perigo aos seus planos se aproximasse de Má rcia.

_ “Quem diria ... logo você que sempre se borrava s ó em ouvir falar em espíritos, agora tá aí lendo essas coisas ... ”

_ “Eu estou aprendendo a ver a Umbanda com outros olhos Márcia; e é a sua tia que está me ajudando! Eu tinha uma ideia completamente distorcida ... mas o modo como D. Lourdes pratica essa religião é muito legal. Gostaria que todos os umbandistas tivessem a consciência que ela tem, a Umbanda seria muito mais aceita e respeitada. ”

_ “Tô falando... você tá uma tia Lourdes perfeita! Que consciência? Que estudo? Fala sério ... é só o cara deixar o guia baixar que ele faz tudo ... ”

_ “OK Marcinha ... não vamos discutir ... não quero discutir sobre isto com você ... ”

Marcela já sabia que não adiantaria falar sobre coisas que Márcia não estava pronta para escutar. Aprendera com Lourdes a calar-se quando a discussão seria infrutífera e s ó serviria para demonstrar quem era mais articulado verbalmente. Suas energias deveriam ser empregadas em assuntos mais produtíveis. Logo mais à noite, se tudo corresse bem, André iria

ao centro com ela e Lourdes. Não disse nada à Márcia para que ela não tentasse impedir a ida de André .

_ “Vou ligar pra ele pra saber onde ele está... ” Sussurrou Márcia pensando alto enquanto discava o número do telefone do namorado .

_ “Alô” Ele atendeu com voz mecâ nica.

_ “Oi amor ... onde você está? ”

_ “Onde eu sempre estou a esta hora! TRABALHANDO. ” _ “Nossa ... só liguei por que estou com saudades ... te

vejo hoje? ”

Marcela gelou ao ouvir a última frase de Márcia. Era o dia que estava marcado para André ir ao centro, será que Márcia ia impedir?

_ “Não, hoje não dá.” Ele respondeu já imaginando a resposta para a próxima pergunta.

_ “Por quê? ”

_ “Porque ... eu estou cansado, duro e com dor de cabeça.” Ele respondeu as três primeiras coisas que v ieram simultaneamente na sua cabeç a.

_ “Hum ... sei ... eu ainda tenho dinheiro ... só um chopinho vai ...? ”

_ “Não Márcia ... hoje não. Estou cansado mesmo, a coisa foi puxada aqui esta semana. Você sabe que tenho feito hora extra ... amanhã eu te vejo. ”

Ela mordeu os lábios pensativamente percebendo que ele estava irredutível. Não gostou de receber aquela negativa, mas não lhe restava nada a não ser esperar pelo dia seguinte. Desligou o telefone com irritação, Marcela percebeu a

contrariedade nos olhos da amiga e procurou puxar um assunto totalmente diferente para que o ambiente melhorasse. A hora do almoço das duas estava acabando e elas tomaram o rumo de seus trabalhos, a noite prometia surpresas e Marcela quase impaciente aguardava pela hora da sessã o.

A tarde passou vagarosa. Marcela presa no engarrafamento dentro do ônibus ansiava por chegar logo em casa para tirar a roupa suada e tomar um banho. Começou a imaginar a sessão de logo mais à noite, pensou em André e receou se ele realmente iria. D. Lourdes já tinha comentado que quando a pessoa está sendo obsediada, os obsessores fazem de tudo para que a sua vítima não encontre a devida ajuda; que é preciso muita paciência e força de vontade para que a ajuda se efetue. Ela desceu do ônibus e caminhou pela calçada com seu jeito quase infantil, os pés pequenos e ligeiramente, quase imperceptivelmente voltados para dentro davam passos apressados, ela queria chegar logo em casa.

_ “Mãe cheguei!” Ela falou enquanto jogava a bolsa no sofá. Tirou a sandália e correu para o chuveiro.

_ “Você não tem modos mesmo ... olha só essas coisas espalhadas pela sala ...” Resmungou Sônia, a mãe de Marcela. _ “Boa tarde ... D. Sônia tudo bem? Como foi o seu

dia?” Marcela devolveu a reclamação da mãe com um pouco de ironia, mas lembrou dos conselhos das entidades que, como o Caboclo Pena Branca no dia 31 de dezembro, pediam para que ela tivesse paciência com sua mãe e pediu desculpas dizendo que logo iria recolher suas coisas.

_ “Você vai sair de novo com aquela tia da Márcia? ”

[64]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “Vou sim mãe, por quê? ”

_ “Nada ... só pra saber ... (aquela macumbeira) ... vai querer jantar? ”

_ “Só um pouco ... tem salada? ... está muito quente ... ” Ela olhou para o relógio e viu que André estava atrasado

uns 20 minutos. Preparava-se para sair quando o interfone tocou e o porteiro avisou que tinha alguém aguardando por ela na portaria.

_ “Já estava indo sem você ... o que aconteceu? Amarelou?” Perguntava ela enquanto eles entravam no carro de André .

_ “Foi a Márcia que ligou na hora que eu estava saindo de casa ... parece que tava adivinhando ... insistiu em saber o que estava acontecendo, que eu estou muito esquisito ... essas loucuras dela que você conhece. ”

_ “Olha André, eu não quero complicação pro meu lado ... A Márcia é minha melhor amiga e eu não quero que ela pense que eu estou dando em cima de você ... Você realmente quer ir? ”

_ “Quero ... quer dizer ... acho que quero, sei lá! Estou mais é curioso ... não te falei que minha cunhada joga cartas? ... Ela me disse que uma mulher viúva ia ajudar no meu problema. ”

_ “Que problema?” Ela só percebeu a sua indiscriçã o depois que percebeu que ele percebeu que falou demais.

_ “Nenhum! ... Eu falei problema? ... Besteira, esquece. E só curiosidade mesmo... ”

[65]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “Desculpa, eu não queria ser indiscreta ... Mas se por acaso eu puder te ajudar,

pode contar comigo ... Olha André , eu vou ser sincera contigo ...” – Ela puxou os cabelos para trá s em gesto característico que fazia quando queria falar algo sério – “...eu não concordo muito com esse seu namoro com a Márcia ... Eu acho que é a maior forçação de barra, e també m acho que esse seu problema tem a ver com a Márcia. ”

Ela sabia que Márcia tinha feito um trabalho para André , mas não queria delatar a amiga e esperava que tudo se resolvesse da melhor maneira possível. Percebeu pelo modo como ele ficou sem jeito que o tal problema deveria ser algo muito íntimo. Não tinha coragem de perguntar, mas estava morrendo de curiosidade.

_ “Posso confiar em você Marcela? Digo, se a Má rcia confia tanto em você isto significa que você é do bem?” Ele perguntou cheio de receio enquanto passava a marcha do carro. _ “Como assim? .... ”

Ele forçou um pigarro, engoliu em seco fazendo um muxoxo enquanto tamborilava com os dedos no volante.

_ “Se eu te contar uma coisa você jura que não conta pra ninguém? ”

_ “André, não se sinta forçado a me contar nada... eu só estou aqui servindo de contato entre você e a D. Lourdes ... ” _ “Eu só consigo ter relações com a Márcia ... entende?

Já tentei sair com outras pessoas, mas não consigo ... eu ... você entende?” Ele fez um gesto com as mãos fazendo elas descerem.

Marcela ficou parada olhando para o porta-luvas do carro sem coragem de dizer uma palavra sequer, nem piscava . Preferia não estar ali, gostaria de nunca ter ouvido aquilo. Sentiu um misto de vergonha por estar tratando de um assunto tão íntimo da vida de André e de revolta por Márcia ter ido tã o longe na sua loucura. Como pôde ela fazer uma coisa destas? Na sua memória vinham todas as conversas e leituras feitas com Lourdes sobre lei de retorno e usos da mediunidade. Mentalmente pediu a Deus que chegassem logo ao centro, assim não teriam que falar mais sobre assunto tã o desagradá vel.

_ “Fui ao médico ...” – Ele continuou – “... fiz um monte de exames ... sangue, fezes, urina, até exame de AIDS eu fiz! Não tenho nada ... estou em ótima forma ... mas só consigo funcionar com a Márcia ... e olha que eu já tentei com outras pessoas, você conhece a minha fama ... e é uma coisa animal ... parece que ela se transforma, eu também às vezes me pego imaginando e fazendo coisas que nunca fiz ... quando acabamos, fica uma sensação de vazio ... e ela não larga do meu pé ... estou sufocando ... eu não sou de me impressionar, mas quando a minha cunhada que não sabe de nada me disse um monte de coisas, inclusive descreveu a D. Lourdes sem nem a conhecer e logo depois eu a encontrei ... bem aí tem coisa você não acha? ”

_ “Eu ... eu acho que você ... precisa muito de ajuda. E com certeza a D. Lourdes vai te orientar ... confia nela e tudo isto que você me contou ... fala pra entidade que te atender... ” Ela não queria falar mais nada, sabia que tudo aquilo era efeito

do trabalho que Márcia fizera. Tinha a confirmação daquilo que Lourdes dizia: As forças da magia são neutras. É o médium que as torna maléficas ou benéficas dependendo do modo como ele as manipule. Com certeza o material daquela lista que Má rcia lhe mostrara dois meses atrás, também poderia ser usado para atrair saúde e amor, mas a índole e intenção de quem o utilizou preferiram atrair vício e desequilí brio.

Ela sentiu enorme pena por André e Márcia. Q ue passado delituoso os unia nas noites dos tempos? Que papel teria ela nesta história, já que estava servindo de instrumento para a orientação de André? Uma lágrima caiu pelo canto do olho, ela tentou disfarçar olhando para fora do carro, desceu o vidro e deixou o vento bater no seu rosto.

Estavam quase chegando. Ele percebeu o desconforto de Marcela, colocou um CD de música clássica e eles segu iram viagem calados até chegarem ao centro.

André procura ajuda

O carro de André parou em frente a um terreno cercado por um muro alto, em bairro residencial e calmo. Marcela suspirou aliviada; o trânsito estava tranquilo e eles chegaram antes do horário previsto por ela. A noite estava linda, o céu sem nuvens exibia uma lua redonda e branca como um queijo, a claridade banhava a rua e as árvores com um tom prateado, o vento fresco anunciava o início do outono.

_ “É aqui.” Ela apontou para o terreno com muro alto. _ “Mas nem parece que tem um centro... que silêncio! ”

_ “Ainda é cedo, mas eles são super discretos... todo mundo lá dentro fala baixo. ”

Eles passaram pelo portão e André, desconfiado , percorreu com os olhos todos os cantos, encontrando um jardim bem tratado e florido. Os dois jovens seguiram pelo caminho que rodeava a casa em direção aos fundos do terreno . Lá encontraram o galpão onde eram realizadas as sessões. Os médiuns já uniformizados, tratavam de dar os últimos retoques nos preparativos para a sessão: arrumavam as flores no altar , verificavam se o material dos guias estava à mão dentro das respectivas sacolas. Alguns assistentes chegavam e escrev iam endereços de parentes e amigos e também nomes de pessoas falecidas para os trabalhos de irradiação e preces. A mú sica suave, já conhecida de Marcela, enchia o ambiente trazendo uma sensação de paz e tranquilidade. Foi Lourdes quem os v iu primeiro e foi ao encontro deles .

_ “Olá meninos ... chegaram cedo! Que bom ... ”

_ “O trânsito está limpo e o André não sabe andar devagar....” Respondeu Marcela sorrindo.

_ “É bom chegar cedo ... assim dá pra descansar da correria do dia. André, meu filho fique a vontade ... você est á entre amigos! Você quer colocar o nome de alguém nos trabalhos de irradiação e preces? ”

_ “O que é isto? ”

_ “Você pode escrever o nome de parentes, amigos, at é o seu mesmo... colocar o endereço que depois colocamos nos trabalhos que vão irradiar nossas preces para aqueles que nã o estão presentes. Coloca-se o nome de pessoas enfermas, perturbadas e também de pessoas falecidas. ”

_ “Hum ... chocante ... vou colocar o nome de minha mãe... ”

_ “Marcela, ajuda ele por favor... tenho que continuar a arrumação, hoje é gira de Pretos Velhos e preciso verificar os banquinhos... ”

Os preparativos para a sessão continuaram. M ais médiuns e mais assistentes chegaram e assumiram suas ocupações e seus lugares. André sentia-se bem apesar de uma certa ansiedade típica dos médiuns em início de desenvolvimento que percebem a vibratória forte do terreiro, mas não conseguem identificar o que estão sentindo. A ansiedade acaba por fazer eles pensarem que estão passando mal quando na verdade, se o permitirem, irão é passar muito bem.

André já tinha assistido a sessões quando menino, mas cresceu e parou de acompanhar a mãe nesses lugares. Aliás, a

mãe só comparecia aos centros em dias de festa; para a sociedade ela se dizia cató lica.

O dirigente do centro fez a sua costumeira apresentaçã o para aqueles que compareciam pela primeira vez. Abriu ao acaso o livro FonteVivae leu interessante mensagem sobre a importância de se reservar um tempo para tudo na vida: tempo para trabalho, tempo para diversão, tempo para descanso, tempo para religião, ... Para André, parecia que as palavras do orador estavam sendo ditas diretamente para ele. Sua vida e seu tempo estavam atribulados ultimamente e só agora ele percebia como era bom ter um tempo reservado para Deus.

A sessão foi se desenvolvendo, o guia chefe incorporou e sua pregação foi a respeito da responsabilidade que temos com nossos corpos e com nossa saúde. Que o bom uso e o bom trato que damos ao nosso aparelho físico é importante , pois a vida é dádiva de Deus e tudo o que fazemos, ingerimos, aplicamos em

nossos corpos repercutem em nosso perispírito . Por isto, todo médium tem por obrigação cuidar bem de sua constituição física com boa alimentação, repouso e bons pensamentos. Fez um alerta especial aos jovens que na correria da mocidade se esquecem de enriquecer o espí rito para que a maturidade seja mais tranquila. Começou a invocar os Pretos Velhos e Pretas Velhas, entidades que foram na sua maioria escravos e que se apresentam com a aparência de idosos representando a sabedoria, a humildade e o sacrifí cio. Os médiuns começam a incorporar seus respectivos guias, cada um com sua característica, seu andar curvado, alguns bem pesados e aparentando cansaço, outros um pouco mais á geis.

[71]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Os cambonos auxiliavam as entidades incorporadas a sentarem-se nos banquinhos de madeira, serviam seu material de trabalho, suas ervas, suas sacolas, suas tábuas para riscarem pontos. O cheiro do fumo dos cachimbos junto com o cheiro de ervas, encheu o ambiente. A paz era quase palpável . André quase não piscava, há muito tempo não se sentia tã o bem. Foi orientado pelo médium que anunciava que os passes já iriam começar, a tomar consulta com o Preto Velho do médium que dirige o terreiro já que era a primeira vez dele ali. Ele aguardou com ansiedade sua vez de ser atendido por Pai Cipriano.

Enquanto isto, Márcia em casa era assediada por duas preocupadas entidades que desde a hora do almoço nã o conseguiam chegar perto de André. Alguma coisa, uma espé cie de bloqueio as impedia de aproximarem-se. Eram Ingrid e Letícia que faziam de tudo para despertar em Márcia ciúmes de Marcela com André. Elas sabiam que alguma coisa estava acontecendo, pois André começou a ficar difícil de ser controlado. Queriam que Márcia procurasse Iracema o quanto antes.

_ “Aquela vadia fica falando mal do André só porque tem olho nele.” Sugeria mentalmente Ingrid para Má rcia.

_ “É preciso fazer alguma coisa... procure D. Iracema... ” Completava Letí cia

Os pensamentos de Márcia estavam completamente em desalinho. Não queria pensar mal de sua melhor amiga, mas aquela ideia a estava perseguindo como se tivesse vida pró pria. Era um pensamento que se impunha e não a largava

enquanto

[72]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

não prometesse para si mesma que iria ter com D. Iracema na primeira oportunidade.

Uma entidade aproximou-se das três mulheres sem ser notada pelas duas desencarnadas. Era um trabalhador da espiritualidade superior que enviava seus obreiros para cuidarem do caso Márcia/André. Era uma entidade de identidade masculina, um aspirante a Exu que sob a orientaçã o da espiritualidade do centro onde trabalhava aguardava a oportunidade de ingressar na falange de Exus de Umbanda. Ele teve seu padrão vibratório alterado de modo a ficar imperceptível para as duas obsessoras. Estendeu a mão sobre a fronte de Márcia aplicando um passe em seu chacra frontal fazendo-a cair em pesado sono.

_ “O que está acontecendo?!” Irritou-se Ingrid. *****

No centro onde estavam André e Marcela, chegou a hora de André ser atendido. Ele caminhou desconfiado pelo terreiro até alcançar o médium incorporado, sentado em um banquinho próximo ao altar. Já não parecia muito com o mesmo médium que falara no início dos trabalhos. Estava encurvado, gestos lentos e pesados, voz cansada e olhar profundo. O cambono orientou para que se sentasse e se colocou à disposição para o caso de qualquer dúvida que aparecesse .

_ “Podi ir fio ... ta tudo fromoso...” Falou a entidade para o cambono que se afastou humildemente.

[73]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Os olhos do médium incorporado encontraram-se com os de André, ele sorriu para a entidade como se faz quando não se tem o que dizer. O médium estendeu as mãos e Andr é automaticamente repousou as suas nas do médium. Com este gesto o médium se concentrou e aguardou por instruções da entidade que estava incorporada.

É assim que acontece na maioria das consultas de Umbanda. Na assistência os consulentes são observados por entidades que fazem uma espécie de “levantamento da ficha daquela pessoa”; verificam se existe problemas de saú de, obsessão, magia negra,... Quando o consulente posiciona-se na frente da entidade, o médium aguarda as instruções para o procedimento da consulta. Enganam-se aqueles que pensam que o guia incorporado pode falar toda a vida das pessoas, que vê e sabe tudo. A consulta depende muito da capacidade de percepção do médium, e esta percepção está intimamente ligada ao estudo, experiência, tipo de mediunidade e do tipo de informação que a espiritualidade permite que seja passada para o mé dium.

Seu José sentiu um arrepio gelado subir pelas pernas e pela coluna até chegar na nuca eriçando os cabelos. Era o sinal característico que tinha quando o consulente necessitava passar por uma corrente de descarga devido ao acúmulo de fluídos negativos. Na mente do médium brotavam as ideias de desregramento sexual, mediunidade perturbada, emoçõ es desordenadas, via duas entidades femininas em avançado grau de vício e promiscuidade. Médium escolado, não foi logo passando um sermão no rapaz, pois isto poderia irritá-lo e

colocaria a perder o atendimento. Procurou fazer que ele se acalmasse falando de si mesmo.

_ “Suncê entendi o que o veio diz fio? ”

_ “ Heim?! ...” Ele arregalou os olhos e jogou levemente a cabeça pra frente como quem quisesse escutar melhor. “ Ah! Sim ... entendo sim senhor... ”

_ “O que traz o fio aqui? ”

_ “Eu ... eu estou com uns probleminhas ... ”

_ “Fio, tudo que acontece na vida de ocês tem um pruquê ... nada acontece por acaso. ”

André mordeu o canto da boca como quem est ivesse descrente. Imaginou que iria levar um sermão daqueles . Suspirou e baixou a cabeça. O Preto Velho

continuou sua fala.

_ “Não pense o fio que o véio vai passá um sermã o. Véio não tá aqui pra julgar ninguém. Véio também foi jovem como o fio um dia ... véio sabe que a mocidade é cheia de atrativos e tentações; que para o jovem o dia parece ser pequeno demais e que rabo de saia às vez traz dor de cabeça. ” O jovem sentiu-se seguro ao ouvir que a entidade colocou-se ao nível dele, que não assumiu aquela postura distante de quem vai passar um longo sermão. Levantou os olhos e encarou a entidade como a pedir que falasse mais.

_ “Oh fio, tem coisa que os fio na terra passam pruqu ê precisa ... outras coisa os fio passam pruquê procuram ... as 24 horas do dia são a conta exata daquilo que os fio precisam pra levar uma vida boa a cada dia. O jovem tem muita pressa, corre tanto e às vez não faz nada ... tem tempo pra trabaiá , tempo pra descansá, tempo pra divertí, tempo pra tudo! At é

tempo pra Deus tem se os fio quisé. Fio veio aqui pensando que tem problema ou de saúde ou espritual ... fio tem um rabo de saia que tem perturbação ... se o fio tivesse no seu dia um tempo pra Deus isto não tinha acontecido... ”

_ “Mas eu rezo ... o meu problema é que esta menina que eu namoro está cada dia mais pegajosa ... eu gosto dela ... mas ... não é o que eu quero ... mas estou preso a ela de alguma forma ... ”

_ “Fio, nada acontece sem a permissão de Deus ... ocê s tem alguma coisa a resolver ainda nesta terra. Mas é o livre arbítrio que vai deixar ocês escolher o melhor finá pra esta história. O fio tem mediunidade ... a fia também ... existe uma influência espritual que precisa ser reorientada ... a fia nã o sabe mas está sofrendo ... Véio quer que o fio passe por uma corrente de descarga ... ”

_ “Tem algum trabalho feito pra mim? ”

_ “Fio passe pela descarga, perdoe e arrume um tempo pra Deus ... o resto deixa de lado. ”

Uma entidade de luz não semeia a discórdia, por isto o Preto Velho não

respondeu diretamente a pergunta de André ; mas para bom entendedor meia palavra basta. Andr é agradeceu e voltou para a assistência aguardando a hora de passar pelo descarrego.

*****

Na casa de Márcia, enquanto André era assistido no centro, guardiões astrais, entidades responsáveis em capturar

obsessores, se dirigiam para o local onde se encontravam Ingrid e Letícia. Essas entidades são conhecidas na Umbanda como Boiadeiros, Exus, Pomba Giras. São entidades que possuem corpo astral denso, o que lhes permite penetrar nos ambientes densos e poluídos espiritualmente, na busca de obsessores para serem doutrinados e encaminhados para os planos espirituais de recuperaçã o.

Márcia permanecia adormecida e seu espírito semiliberto estava inconsciente ao lado de seu corpo. Letícia e Ingrid enfurecidas, em vão, tentavam acorda-la.

_ “Acorda!” Esbravejava Ingrid para a inerte Má rcia.

_ “Isto está muito esquisito ... to achando que tem mã o de anjo por aqui ...” Murmurou Letícia. É assim que muitos obsessores se referem quando desconfiam que espíritos de luz estão interferido nos seus planos.

Neste momento, três guardiões astrais subitamente apareceram. Eram Exus verdadeiros e se apresentaram com todas as características necessárias para impressionar e impor respeito a qualquer obsessor. Pertenciam à falange de S eu Tranca Ruas trajavam pelerines, usavam cavanhaque e o que parecia o chefe da operação tinha um tridente enorme. Dois deles apareceram estrategicamente pelas costas de Ingrid e Letícia; com um movimento rápido cobriram as duas obsessoras com uma espécie de rede magnética que as imobilizou, mas não as tornou inconscientes. O que ficou responsável por Márcia, cuidadosamente a pegou nos braços e os três seguiram de volta para o centro. Começava o trabalho de desobsessão de André e Má rcia.

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

O Trabalho no terreiro

Visto pelo lado espiritual o terreiro era maior, as atividades se estendiam além das paredes materiais. Entidades que não incorporam mas que pertencem à direção espiritual da casa estavam atarefadíssimas. Eram médicos, enfermeiros, curandeiros, Caboclos, doutrinadores, passistas, ... cada um na sua área atendia aos necessitados espirituais que se encontravam ali. Alguns chegaram acompanhando os assistentes, dóceis e pedindo auxílio, outros eram trazidos pelos guardiões astrais, revoltados, xingando, dizendo impropérios e maldizendo a ajuda que lhes era oferecida. Por esta razão eram mantidos nas redes magnéticas ou amarrados pelas fortes cordas usadas pelos Boiadeiros. Ficavam isolados próximo a Casa de Exu onde a potente vibratória da firmeza ali presente os fazia sentir que apesar da sua revolta nada poderiam fazer, pois uma força maior os fazia recuar e os impossibilitava de libertarem-se. Foi para lá que Ingrid e Letí cia foram levadas.

_ “Droga ... sabia que alguma coisa estava errada! ” Disse Ingrid tentando libertar-se da tela magnética que a cobria. _ “Isso já me aconteceu uma vez ... vão começar com aquela cantoria infernal e depois vão usar pólvora ... é só fingir que se arrependeu, chorar um pouquinho ... sair correndo (se conseguir) antes que a pólvora estoure pois queima e assusta ... depois de um tempo a Márcia vai voltar a pensar no André nos dando novamente chance de nos aproximarmos ... é só saber esperar ... finja que está arrependida. ”

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Letícia parecia ter experiência com trabalhos de descarrego. É assim com muitos obsessores; sabedores que muitos obsediados não querem realmente se modificar, apenas se afastam ou fingem arrependimento para voltarem à carga mais tarde. Isto acontece também quando os médiuns que fazem o trabalho de descarga simplesmente tratam de afastar, assustando os obsessores com materiais, ervas e trabalhos agressivos como os que usam pólvora, mas não se preocupam em educar mediunicamente o obsediado. É preciso que o obsediado seja doutrinado e que realmente queira melhorar, que abandone hábitos e atitudes que predisponham a ação dos obsessores. É um trabalho de reeducação moral e

mediú nica. Em um caso de obsessão costuma-se pensar que é o espí rito obsessor que precisa de auxílio e orientação, na verdade a obsessão só acontece porque o obsediado o permitiu. Então é o obsediado que deve também mudar sua atitude e cooperar na sua cura.

Os espíritos responsáveis em auxiliar a incorporaçã o aproximaram-se de Ingrid e Letícia e as levaram para dentro do galpão onde André se encontrava sentado no meio do terreiro aguardando com curiosidade o que fariam com ele. Pai Cipriano era a única entidade ainda incorporada. Ele pediu que todos os médiuns retirassem suas guias e dessem as mã os fazendo um círculo em torno de André. Este é um procedimento normal em toda corrente de descarga. Retiram- se as guias porque iremos lidar com energias densas e doentias. A vibratória elevada das guias imantadas não vai facilitar a incorporação dos eguns e a vibratória baixa dos eguns pode

“sujar” as guias. O ato de dar as mãos visa unir o pólo positivo do corpo (o lado direito) com o pólo negativo (lado esquerdo) criando-se uma corrente magnética que orientada pela vontade dos médiuns e guias desfaz os miasmas e larvas astrais que acompanham o obsediado fazendo uma verdadeira faxina no enfermo.

Sob o comando sereno porém enérgico de Pai Cipriano, começaram a entoar pontos de descarga que atraem os obsessores e facilitam a incorporação. Alguns mé diuns começaram a sentir a aproximação de seus Exus e outros a aproximação dos eguns. A vibração ficou mais forte e duas médiuns incorporam respectivamente Ingrid e Letícia. Ingrid incorporou a contragosto; tinha as mãos amarradas para trás e gritava impropérios. Letícia tentava passar por Pomba Gira, pois gargalhava sensualmente buscando disfarçar as mãos també m atadas por fortes laços fluídicos. A entidade que pegou Má rcia no colo, cuidadosamente fez com que ela também incorpor asse em um outro médium que tombou pesadamente. É comum em trabalhos de desobsessão encarnados serem trazidos para serem doutrinados e passarem por um descarrego; ao despertarem não se lembram de nada, porém em seu subconsciente fica a semente que a doutrinação pela qual passou plantou, à espera de um momento propício para germinar.

Os médiuns que não incorporaram, mantinham a concentração e emitiam pensamentos de amor e harmonia. O s médiuns incorporados com seus Exus aguardavam o comando de Pai Cipriano e os médiuns que incorporaram os espí ritos

para serem doutrinados, procuravam mentalmente acalmá-los e convencê-los a deixarem-se ajudar pelos guias espirituais presentes. É uma tarefa complicada para o médium tentar fazer com que o espírito obsessor revoltado acalme-se e aceite, ao menos, ouvir a prece, mas como contra o bem não h á resistência, não há obsessor que não se cale quando o doutrinador emite a prece com sinceridade e emoção. També m não há obsessor que não respeite a poderosa falange de defesa que todo centro sério possui.

Pai Cipriano comandou a desobsessão com seu jeito manso e objetivo. Ao iniciar-se a prece, os mé diuns incorporados acompanharam mentalmente cada palavra e mentalizaram André e os obsessores envolvidos em um halo de luz. Terminada a doutrinação, Pai Cipriano entoou os pontos de fechamento de corrente, que visavam limpar os médiuns que trabalharam na desobsessão bem como limpar o ambiente, afinal ao trabalharmos em uma corrente entramos em contato com fluidos nocivos e é necessário fazer a limpeza dos aparelhos mediúnicos. Os Exus e Pombas Giras com seus gestos característicos dançavam, riam e faziam a limpeza que só eles sabem e podem fazer. Com seu jeito debochado e aparentemente brincalhão, ajudam na desincorporação dos obsessores e os encaminham para hospitais e centros de recuperação espirituais.

Ingrid e Letícia foram levadas para um hospital, seus corpos espirituais exalavam um cheiro insuportável devido à continuada absorção de fluidos viciosos de oferendas fartamente regadas com sangue animal e da procura constante

por emanações alcoólicas de toda espécie. Márcia foi levada de volta pela mesma entidade que a recolheu, e permanece u inconsciente porém tranquila ao

lado do corpo, até despertar pela manhã sentindo-se estranhamente mais leve e bem disposta. André foi orientado a voltar em mais duas sessõ es para passar por mais correntes, pois era necessário dar continuidade ao seu trabalho de reeducação mediúnica e espiritual. É como se fossem feitos curativos após um ato cirúrgico, o tratamento desobsessivo é demorado. Enganam-se aqueles que pensam que bastam umas preces, umas velas, banhos, oferendas, agrados e tudo está resolvido. Como foi dito acima, é necessário educar e orientar o obsediado para que ele não volte a cair na mesma armadilha que muitas vezes ele mesmo criou.

André deixou Lourdes e Marcela em casa. Sent ia-se bem, pensou em tudo o que viu e ouviu, lembrou das palavras do Preto Velho, da leitura inicial feita por seu José ... foi dirigindo devagar pelas ruas desertas. A lua cheia brilhava mais ainda no céu sem nuvens. Chegou em casa tranquilo, assovia va uma canção que sua mãe costumava cantar para ele quando criança. Passou pela porta do quarto dos pais e observou que eles dormiam sossegados. Sorriu satisfeito, tomou banho, deitou-se e adormeceu sorrindo. Fazia tempo que não se sentia tão bem. Tudo indicava que as coisas estavam voltando aos seus lugares.

[82]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

O Trabalho com os obsessores

O cheiro de café recém coado percorreu o corredor, encontrou passagem por pequena fresta entre a porta e o portal e brincou nas narinas de Márcia fazendo com que ela lentamente voltasse a ter consciência do seu corpo. Ela abriu os olhos, encolheu todo o corpo para logo depois se esticar toda e bocejou enquanto procurava o relógio para verificar as horas. Sentia-se bem, na verdade fazia tempo que não acordava tã o bem disposta.

_ “Meu Deeeus, que noite gostosa ...!” Falou baixinho enquanto bocejava, mais uma vez, coçando a nuca enquanto procurava os chinelos.

O afastamento de Ingrid e Letícia fez com que a Má rcia de outrora reaparecesse. Ela ainda sentia aquela atração por André, mas a ideia fixa que a fazia despertar pensando nele não estava lá naquela manhã de sábado. Na verdade nem lembrou dele, pois começou a pensar no esquisito sonho que tivera. Lembrava de pouca coisa e, da pouca coisa que lembrava, só restavam flashes rápidos de imagens de

mé dicos atendendo a pessoas enfermas, um homem barbudo no alto de um morro com os braços abertos e a falar com o céu, um homem forte de sorriso enigmático mostrando dentes perfeitos caminhando ao seu lado em um lugar que ela não conseguia dizer onde era.

Assim são os sonhos; muitos dos que temos sã o oriundos do “material diurno”, ou seja, a mente simplesmente repete aquilo que vivenciamos durante nossa vigília. Tudo

aquilo que nos impressionou, ou nos aborreceu, ou nos deixou contentes voltam à tela mental na forma de sonhos. Pode acontecer também de nossos sonhos serem lembranças dos contatos espirituais que fizermos durante o sono, e ao despertarmos nosso cérebro não consegue decodificar toda a informação, e tudo que nos resta são imagens alegó ricas daquilo que presenciamos. Márcia fixou a imagem do atendimento médico feito na espiritualidade; um trecho da Prece de Cháritas ficou marcado na sua lembrança: “ ...como Moisés sobre a montanha, nós vos esperamos com os braç os abertos, Pai ...” e a fisionomia do guardião astral que a acompanhou também ficou gravada na sua memória espiritual. Existem outros materiais mentais que também podem formar os sonhos, porém fica sob a responsabilidade das correntes Psicológicas e Psicanalíticas explicarem sua função e funcionamento.

_ “Bom dia!!” Ela saudou os pais e irmão ao entrar na cozinha, onde faziam o desjejum.

_ “Bom dia!” Responderam os três quase ao mesmo tempo, enquanto estranhavam o retorno do bom humor de Má rcia.

_ “Dormiu bem filha?” Perguntou Alzira enquanto serv ia o marido com uma xícara de café com leite.

_ “Hum hum, muito bem. ”

_ “Tem algum programa pra hoje? ”

_ “O de sempre ... vou ligar pra Marcela, quero ir à praia um pouco ... um

cineminha talvez e um sorvete no calçadão. Tô dura ... tenho que maneirar... ”

Alzira sorriu internamente percebendo o dedo de Lourdes por trás da mudança da filha. Não comentou nada para não estragar o dia que começava tão bem, mas não consegu iu fugir da mania de mandar recados musicais e cantarol ou enquanto passava uma camada generosa de geléia na torrada: _ “... nada dura eternamente, tudo na vida é

ilusão ...vai meu amor siga o seu destino que eu seguirei o meu ... Seja feliz, adeus!... ”

Enquanto isto na casa de André, ele fazia planos para o futuro. Imaginava-se de volta à sua vida de antes, sem compromisso que lhe tolhesse a liberdade. Não queria mal a Márcia, mas também não a queria como namorada. Aproveitou o fim de semana e subiu a serra, foi para a casa que a famí lia tinha em Petrópolis. Pediu aos pais que dissessem à Má rcia, caso ela ligasse, que não sabiam onde ele estava, que tinha saído e não disse aonde ia nem quando voltava.

Ele ligou o carro ainda mastigando o desjejum; q ueria aproveitar o máximo que aquele fim de semana poderia oferecer. Subiu a serra escutando um CD de músicas clá ssicas. Chegou na pequena residência, herança ganha por parte da família da mãe, abriu as janelas permitindo que o ar circulass e, foi para o andar de cima, tomou um rápido banho e, ainda enrolado na toalha, debruçou-se na varanda do quarto e percebeu interessante figura no jardim da casa vizinha.

Era Cíntia, a filha mais nova do casal da casa ao lado. 25 anos de idade, os olhos de um azul indescritível, os cabelos lisos da cor do milho maduro, a pele rosada viçosa e sem marcas. A miniblusa deixava à mostra um ventre firme bem

desenhado e uma cintura de vespa, a minúscula bermuda combinava com a cor dos olhos de sua dona. Ela ajeitava os óculos escuros no rosto enquanto caminhava em direção à rua levando a pequena babs, a poodle branca, para seu

passeio. Claro que o garanhão contido dentro de André falou

mais alto, e ele não sossegou enquanto não esbarrou com Cíntia e babs. Fingiu surpresa ao encontra-la assim tão “ sem querer”. André sabia como grudar em alguém quando queria, ele sabia fazer um assunto durar horas a fio. Jogou o seu charme suburbano e ela correspondeu. Almoçaram juntos, alugaram um filme e assistiram enquanto tomavam vinho na casa da família de André. Com segundas intenções, ele alugou justamente DonJuandeMarco... babs foi a única testemunha daquele fim de semana cheio de carícias, vinho e sussurros.

Márcia procurou por André duas vezes, e recebeu a mesma resposta. Tentou uma vez antes de sair de casa e outra vez na praia. Percebeu que ele não queria ser localizado e preferiu respeitar a vontade dele. Ainda ecoava na sua lembrança o modo frio como ele se despediu na sexta feira. Marcela achou por bem lhe contar que André tinha pedido orientação à sua tia. Preferia que Márcia soubesse diretamente por ela, afinal elas nunca mentiam ou omitiam nada uma da outra. Sem a influência de Ingrid e Letícia, foi menos difícil fazer Márcia entender o mal que estava fazendo para os dois. Em princípio ela revoltou-se, sentiu-se traída e chegou a dizer que se fosse preciso faria tudo outra vez para ter André só para ela. Foi quando Marcela sentiu-se forçada a

contar sobre a impotência de André. Um silêncio foi a resposta de Má rcia.

Ela engoliu em seco, buscou na bolsa o pente de madeira e faz todo o ritual já conhecido de Marcela. Fez um muxoxo e finalmente disse :

_ “Brocha?! O meu André ... brocha? ... impossível ... ”

_ “Efeitos do seu trabalho junto com D. Iracema. Entende agora porque ele ficou com você tanto tempo? Ele s ó conseguia ter ereção com você ... percebe agora a razão da frieza e do distanciamento dele? Agora me diz se vale à pena ter alguém assim ao seu lado? ”

_ “Não sei ... sinceramente, não sei ... ”

_ “Vamos um dia lá no centro Marcinha ... lá não é tã o chato como você diz ... ”

_ “Não sei ... sinceramente, não sei ... ”

No plano espiritual, Ingrid e Letícia despertaram da letargia em que caíram durante o transporte entre o centro e a instituição espiritual de atendimento a que foram encaminhadas. Estavam em uma espécie de enfermaria. Ingrid foi a primeira a abrir os olhos e percorrer todo o recinto com o olhar assustado. Um enfermeiro se aproximou e sorriu fraternalmente.

_ “Como se sente? Bem vinda ao nosso posto avanç ado de atendimento. ”

_ “Tenho fome e sede ...” Ela respondeu desconfiada.

_ “Entendo ... vou providenciar algo que faça sentir -se melhor. ”

Ele saiu e logo retornou com um caldo de cor alaranjada semelhante a uma sopa. Ingrid aceitou a alimentação e

começou a sorver o alimento como quem estivesse dias sem comer. Neste ínterim Letícia despertou .

_ “O que está fazendo sua “vira casacas”? ”

_ “Eu??! Estou me tratando meu bem ...” Responde u Ingrid com um pouco de caldo escorrendo pelo canto da boca. _ “Tá se vendendo sua vadia? Você não vê que somos prisioneiras? Fomos capturadas e agora acabou a nossa folia com Márcia e André? ”

_ “Desculpe ...” interrompeu o enfermeiro “... mas aqui ninguém é prisioneiro ... somos simplesmente um posto de socorro situado nas fronteiras do astral inferior ... vocês foram trazidas aqui por estarem necessitadas de atendimento, mas nada nem ninguém as obrigará a ficar aqui se não quiserem. ”

_ “Ah essa é boa! ... Nos trazem aqui, nos colocam em camas limpas, dão comida e não querem nada em troca? Nem um pouco de fidelidade ou que desfaçamos alguns trabalhos? ” Respondeu Letícia com declarado deboche.

_ “Não minha amiga ... estamos aqui para auxiliar aqueles que querem ser auxiliados. Você mesma deveria saber que no mundo espiritual a frase “querer é poder” é expressã o de grande verdade. Não podemos prender aqui alguém que não queira ficar, pois a própria diferença de padrões vibrató rios entre aquele que não quer ficar e a nossa nos afasta e isola uns dos outros ...” E ele continuou “... você não está cansada de ficar por aí a cata de emanações de despojos animais? De viver dependente do desequilíbrio emocional e mediúnico dos que ainda estão encarnados, como uma vampira? ”

[88]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “Lá fora eu sou dona do meu nariz! ... Faço o que quero e bem entendo e não preciso dar satisfações a ninguém ... se os encarnados são desequilibrados, o problema é deles, não sou eu que vou perder meu tempo ensinando a eles o que fazer. Eu vou é aproveitar o máximo que puder! ”

Letícia demonstrava que a primeira fase de doutrinaçã o não tocara ainda seu coração. É assim em muitos casos de desobsessão, os obsessores revoltam-se com a intervenção das forças do bem e tendem a endurecer ainda mais. É por isto que é importante a modificação de atitudes e educação moral e mediúnica do obsediado, pois o obsessor vai tentar agarrar-se a ele com “unhas e dentes”. Letícia não sabia, mas durante o tempo que elas estiveram inconscientes, durante o sono de André logo assim que ele chegou em casa, foi restabelecido o giro normal do chacra básico de André e Márcia, Isto diminuiria a facilidade de Ingrid e Letícia os influenciar como até agora o tinham feito.

_ “Como falei minha amiga, você é livre. Toda mudanç a íntima precisa ter início no coração. Nada obrigado tem valor para nosso progresso. Espero que a irmã um dia compreenda que obsediar é obrigar alguém a tomar atitudes e pensamentos que não são seus, e que a lei de retorno rege todo o universo e alcança a todos inexoravelmente. ”

Américo, o enfermeiro, era um mulato alto e forte. Tinha experiência no trato com obsessores, sabia que nã o adiantaria “bater boca” com Letícia. Ela estava por demais contrariada para raciocinar ou sentir alguma coisa equilibradamente. Ao contrário, Ingrid demonstrava mais

[89]

evidências de disposição para mudanças e cooperação, mesmo que a princípio fosse por interesse pois era visível que o que ela buscava era o conforto e a comodidade que aquele posto de atendimento oferecia. Logo ela iria compreender que para permanecer ali seria necessário modificar o seu padrã o vibratório, e isto exigiria dela uma reforma íntima radical.

O pátio do posto de atendimento era agradável, o jardim gramado e as árvores frondosas convidavam ao descanso e à reflexão. Médicos e enfermeiros iam e vinham, alguns pacientes absorviam as energias da natureza procurando reequilibrar seus corpos astrais. Ingrid e Letí cia caminhavam pelas alas floridas do jardim e observaram que além de médicos e enfermeiros, transitavam por ali tambéd m Exus, Pombas Giras e Boiadeiros. Puderam reconhece-los pelas suas vestimentas características. Traziam obsessores para o devido tratamento, revezavam-se assumindo posiçõ es estratégicas nos portões que separavam o posto de atendimento do Vale das Sombras, como era chamado o astral inferior, visando a defesa do posto. Letícia percebeu que para entrar, além de ter que passar pelo crivo da sentinela que estivesse de plantão, havia também a proteção das redes magnéticas que emitiam ondas fortíssimas capazes de afastar qualquer um ou qualquer coisa que ameaçasse a integridade do posto. Porém para sair era diferente; qualquer um saía, mas nem todos entravam.

_ “Tenho a impressão que se não aproveitarmos a oportunidade de fugirmos agora, não teremos outra . ” Sussurrou Letí cia.

_ “Sei não ... voltar para o Vale, ter que enfrentar o questionário de Padilha e seus asseclas ... aqui parece ser mais fácil.” Rebateu Ingrid sem coragem de encarar a comparsa.

_ “Sabia que você já não era a mesma ... melhor pra mim ... não dividirei Márcia com ninguém ...” Letícia dizia isso enquanto deixava Ingrid para trás, parada próxima a uma roseira. Passou pela sentinela, que não a impediu de exercer o seu livre arbítrio, e sumiu na escuridão do Vale.

_ “Ela ficará bem, não se preocupe. Cada um tem sua maneira de encontrar o

caminho de volta.” Falou Amé rico tocando o ombro de Ingrid.

Sem nada falar, ela lentamente rodou nos calcanhares e voltou para a enfermaria. Começava a lenta recuperação de Ingrid.

[91]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Pomba Gira fala com Andr é

Márcia caíra em estranho mutismo depois que soube o que acontecera com André por causa de sua imprudência. Em princípio pensou que estava tudo certo, que esta era a maneira de fazer com que André fosse somente seu e sentiu-se lisonjeada de ser a única capaz de fazê-lo funcionar. Logo depois se sentiu frustrada pois sabia que na verdade foi a magia de Padilha que tinha feito tudo aquilo e não o seu amor por André. Lembrava das noites que passaram juntos, ela se entregando de corpo e alma e ele simplesmente praticando um ato que só conseguia realizar com ela, talvez pensando em outra ou quem sabe em outras! Agora entendia a frieza dele quando não estavam fazendo sexo. Logo depois a lembranç a de todo prazer que sentiu ao tê-lo em seus braços voltava e ela ficava assim, oscilando entre a frágil sensação de alegria por uma vitória que não conseguiu por seus próprios méritos e a depressão por horas e horas a fio. Já não queria mais trabalhar, tudo o que queria era ficar olhando o retrato de André .

Letícia não saía do seu lado, insuflando pensamentos de luxúria e desejo mas já não tinha o controle de antes sobre o chacra básico de Márcia. Começou a aproveitar-se do seu estado melancólico para sugerir-lhe o desejo pelo álcool e pelas drogas, lembrando sua última encarnação lá nos idos da década de 20.

André sentia-se recuperado e feliz. Se aproximava o dia da segunda corrente de descarga e ele pode conferir sua performance com várias “amigas”. Não tinha procurado por

[92]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Márcia desde a sua última conversa ao telefone e gostaria de manter esta distância. Tinha plena consciência que não nutria por Márcia o sentimento que

ela devotava a ele e não tinha coragem de dizer-lhe isto. Sentiu seu ego inflado ao imaginar que alguém foi capaz de se expor a ponto de procurar uma feiticeira para amarra-lo, mas não queria mais ter que enfrentar o “grude” chamado Má rcia.

Letícia também se aproveitava da vida inconsequente de André. Adorava a promiscuidade que ele oferecia e tinha esperança de que o trabalho de desobsessão pelo qual ele estava passando, não iria além de uns cânticos e banhos de descarga e que ela continuaria ao seu lado por um longo, longo tempo.

Chegou o dia da segunda etapa da desobsessão de André. Tudo o que podia dar errado ... deu. Chegou tarde no serviço, pois o relógio estranhamente não despertou na hora de costume, o carro não dava partida e teve que enfrentar a condução lotada, a porta do elevador estava suja de graxa e encostou na sua roupa, o supervisor estava com um humor péssimo e não abonou o seu atraso, o telefone não parava de tocar e ele não conseguia dar conta de todo o serviço que tinha para fazer. Respirou fundo, levantou-se e foi até a janela. Do 15º andar tinha uma linda vista da Cidade Maravilhosa, olhava o bondinho que brilhava ao sol enquanto subia e outro descia. Lembrou-se de quando criança seu pai costumava fazê-lo ficar preocupado quando dizia: “... olha só filho, o bondinho vai bater ... presta atenção no barulhão que faz ...” O telefone

interrompeu seus pensamentos. Era Marcela combinando para irem ao centro logo mais à noite.

_ “Oi André, tudo bom? ”

_ “Bom nada ...! Hoje isto aqui está uma loucura, sem falar que eu não deveria ter saído de casa hoje ...” E ele narr ou para Marcela a sua odisse ia.

_ “É André ... tenha paciência ... é assim mesmo, lembra do que a D. Lourdes diz? Tudo o que puder acontecer para te desviar do caminho do centro hoje pode acontecer. Sã o as forças contrárias ao seu restabelecimento tentando fazer com que você desista ... seja mais forte, resista e faça tudo para ir ok?” Ela não queria dar a ideia de estar forçando a barra para ele ir, ou mesmo de estar dando em cima dele. Resolveu deixar que ele mesmo tomasse a iniciativa de continuar ou

nã o com seu tratamento.

_ “É eu estava pensando nisto agora mesmo ... ”

_ “Então tudo o que você tem a fazer é me dizer se vai ou não para que eu me organize ... de qualquer maneira, eu vou. Com ou sem você. ”

_ “Para quem tinha pavor dessas coisas, você está bem saidinha heim?! ”

_ “Tudo é a maneira como as coisas são passadas pra gente ... sempre me incutiram na cabeça que Umbanda era coisa de gente ignorante e que só fazia atrasar a vida porque mexe com coisas pesadas, que mata bicho, que é idolatria, que é isto, que é aquilo ... saiba que a D.Lourdes mudou a minha opinião. A seriedade com que ela encara a religião, a postura que ela tem frente a vida e o mundo, o conhecimento prático e

teórico que ela tem da Umbanda, me fizeram parar pra pensar e reavaliar tudo o que eu pensava que sabia ... ”

_ “Tem visto a Márcia?” Ele perguntou com a voz insegura. Ela sentiu o incômodo ainda presente nos pensamentos de André e respondeu com serenidade.

_ “Ela não está muito bem ... está afastada do serviç o por licença médica. Diz o médico que é uma virose. ”

Eles terminaram a conversa acertando o horário para chegarem ao centro como da outra vez, com tempo para descansarem do trânsito e para conversarem um pouco com Lourdes.

Naquela noite seria gira de Caboclos. André notou que os médiuns não traziam tantos apetrechos como as sacolas contendo cachimbos, fumo, fitas, figas e galhos de arruda ..., diferente da sessão anterior não estavam separando os banquinhos que os Pretos Velhos utilizavam para sentar. Ele escreveu alguns nomes e endereços para serem colocados na irradiação e perguntou se falaria com Pai Cipriano novamente.

_ “Pai Cipriano não dará consultas hoje meu lindo ... a gira desta noite é de Caboclos.” Respondeu Lourdes com seu habitual sorriso.

_ “E qual a diferença?” Perguntou ele em tom meio infantil dando de ombros.

_ “Os Caboclos são entidades de aparência mais jovem. Enquanto muitos dos Pretos Velhos foram escravos e apresentam-se como idosos, representando a humildade e a sabedoria, muitos espíritos que trabalham na falange de Caboclos, foram índios e se apresentam como tal. Gostam de

dançar com agilidade, fazem gestos como estivessem atirando flechas. Manipulam a força das matas e representam a lealdade e simplicidade. Os Pretos Velhos são mais pacientes e dóceis no modo de falar, os Caboclos, não menos iluminados, são mais diretos e objetivos. ”

_ “Que legal! … Tô curioso pra assistir esta sessão. ”

A sessão teve seu início como de costume. Seu Jos é falou da disciplina da casa, abriu o livro FonteVivaao acaso e fez um comentário sobre o trecho lido. O Caboclo Rompe Mato incorporou e prosseguiu com o comando da sessão. Logo após s a firmação dos trabalhos, que naquela noite foi feita sob a vibratória de Ogum, começaram as incorporações dos outros guias para que se desse o início ao trabalho de consultas. A incorporação da falange de Caboclos é envolvente. Os mé diuns parecem crescer, pois andam eretos e elegantes, dão saltos vigorosos e os brados e assovios são emocionantes. Os pontos cantados têm um ritmo acelerado e as letras falam de forç a, vigor e beleza.

André sentiu-se muito envolvido com aquela vibração e chegou a acompanhar timidamente alguns pontos com o bater de palmas. Aguardou a sua vez de consultar-se com o Caboclo Rompe Mato e quando chegou a sua vez, dirigiu-se à entidade com determinação e segurança, bem diferente da última vez.

_ “Como o fio se sente?” Perguntou a entidade. _ “Bem melhor, obrigado! ”

_ “Percebo que o fio passou por certas dificuldades at é chegar a hora de vir aqui, né fio? ”

[96]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “Um pouco ... cheguei a quase desistir ... até meu pai que nunca me dá trabalho, resolveu querer que eu ficasse em casa hoje à noite ... que não saísse de jeito nenhum ... ”

_ “É assim mesmo fio, ... quando se está passando em um descarrego ... os esprito que persegue vocês fica fazendo tudo pra atrapaiá, pra que tudo dê errado e que vocês desista de cuntinuá o trabalho ... vocês tem que sê forte e num disistí. ” _ “Caboclo? ... O senhor acha que eu já estou curado? ”

_ “O fio está em tratamento. Todo trabaio de descarrego tem qui sê acumpanhado de uma educação daquele qui está sendo descarregado ... e o fio ainda não abandonou os mesmos hábitos que levaram o fio para o problema que o fio arrumou.” De imediato André lembrou-se das palavras de Lourdes. Realmente o caboclo foi direto ao ponto vulnerável de André. Sentiu saudade da docilidade paternal de Pai Cipriano e corou de vergonha ao se sentir descoberto.

_ “Que o fio possa amadurecer e que Pai Ogum dê ao fio a objetividade qui o fio precisa na sua vida.” Dizendo isto, o caboclo aplicou um passe de dispersão de fluidos e orient ou André para que aguarde a hora de sua corrente de descarga.

O caboclo deixou em seu José a intuição que aquela conversa teria continuidade mais tarde. As entidades percebem quando os consulentes ainda não estão preparados para ouvir certas verdades e André assustou-se ao se sentir pego em flagrante. Durante a corrente, seria dada nova oportunidade para que André percebesse que nada escapa à espiritualidade sadia.

[97]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Próximo à casa de Exu, encontramos Letícia que buscava com o olhar revoltado a presença de Ingrid. Não a encontrando, revoltou-se mais ainda. Xingava e debatia -se inutilmente pois as cordas utilizadas pelos Boiadeiros pareciam vivas e apertavam mais à medida que ela tentava soltar-se. Letícia estava em estado deplorável, exalava um cheiro de bebida misturado com carne em decomposição. Sabendo que era dia da segunda corrente de descarga de André, fez de tudo para

atrapalhar e modificar a intenção de André em ir ao centro. Fez com que esquecesse de acertar o relógio, influenciou o humor do supervisor, fazia de tudo para que ele tivesse dificuldade de concentração e se sentisse cansado de forma a não ter vontade de ir. Sugeriu ao pai de André a ideia de um perigo iminente a cair sobre o filho ... Estava desesperada. Como não teve sucesso, tratou de esconder-se. Depois de sorver emanações que exalavam de um viciado que se deixava levar em perigosa e triste viagem, tratou de embrenhar-se pelo Vale das Sombras na esperança de não ser encontrada.

Os Boiadeiros, assim como os Exus e Pombas Giras, sã o entidades que possuem o corpo astral mais denso do que os Caboclos, Pretos Velhos e Crianças. Isto permite que eles penetrem em ambientes de baixo teor vibratório que causariam desconforto aos demais trabalhadores da Umbanda. Letícia foi observada todo o tempo e quando pensou que estava a salvo, foi surpreendida com uma forte corda a atar-lhe as mãos e pernas e foi levada de volta para a crosta. O Boiadeiro que a observava era um dos guias que trabalham com Lourdes. Márcia, trancada em seu quarto, consumindo-se em sua

depressão também logo seria levada para ser tratada e orientada.

Era chegada a hora da corrente. Os médiuns de mã os dadas, seguiam as orientações do Caboclo que caminhava pelo terreiro confiante no trabalho que realizava. Todas as equipes espirituais estavam a postos e Ingrid foi trazida por Amé rico. Ainda estava com as mesmas roupas, mas chora va silenciosamente. Américo auxiliou Ingrid a incorporar; a médium que a recebeu foi tomada por profunda tristeza e chorou convulsivamente. O Exu que trouxe Márcia era o mesmo da outra corrente; cuidadosamente acoplou o perispírito de la com o do médium e este também incorporou sentindo profunda tristeza e caindo pesadamente de joelhos. Letícia, por estar mais revoltada e mais carregada por fluídos negativos, foi deixada para ser trazida por último, pois exigiu mais trabalho para ser controlada. Ela esperneava, debatia-se, xingava e tentava morder as mãos que cuidadosamente a carregavam. A Pomba Gira da médium que incorporou Letícia, incorpor ou primeiro pois assim ela amorteceu a incorporação violenta que Letícia proporcionou. Este procedimento visa resguardar o corpo material e perispiritual do médium quando um obsessor

apresenta o comportamento que Letícia vinha apresentando e precisa passar pelo processo de incorporação. Os obsessores estão em uma faixa vibratória distinta da dos guias e protetores. A importância da atuação dos encarnados começa quando ao incorporar um obsessor, o contato dos perispíritos do encarnado e do desencarnado faz com que o desencarnado consiga ouvir a doutrinação e receber os fluidos que os guias

transmitem e o corpo do encarnado filtra para que o desencarnado os receba.

A Pomba Gira incorporada, caminhou pelo terreiro dando tempo para que as equipes espirituais controlassem a desesperada Letícia e para imantar o corpo de sua mé dium com fluidos isolantes. Parou em frente a André e ri u gostosamente como se soubesse de algo que ele não sabia que ela sabia. Posicionou-se atrás de André, Letícia foi trazida, agora amordaçada e fortemente amarrada. A médium sofre u forte solavanco quando três entidades especializadas em incorporação atuaram simultaneamente nos seus chacras básico, solar e mental. A Pomba Gira cuidadosamente, afasta- se para que Letícia incorporasse muito a contragosto contorcendo o corpo da mé dium.

Seu Rompe Mato deu ordem para que fosse feita a prece. A prece foi feita enquanto as equipes espirituais trabalhavam doando fluidos, aplicando passes nos espí ritos incorporados, fortalecendo a segurança do terreiro contra ataques provenientes do Vale das Sombras e uma chuva de partículas de luz caiu sobre todos. Ao terminar a prece, ao som dos pontos de limpeza e fechamento de corrente, Márcia e Ingrid foram levadas de volta e Letícia foi levada desacordada para outra instituição espiritual de onde a fuga não seria tã o fácil como no posto de socorro.

A Pomba Gira que trabalhava com a médium que incorporou Letícia, identificava-se com o nome de Rosa Vermelha. Rosa intuiu sua médium que desejava falar com André. A médium sabendo que para isto era necessá ria

autorização do guia que estava comandando os trabalhos, dirigiu-se a um cambono.

_ “Boa noite moço!” Disse a entidade incorporada ao solícito jovem.

_ “Boa noite D. Rosa! A senhora deseja alguma coisa? ”

A entidade sorriu enquanto olhava dentro dos olhos do rapaz.

_ “Pergunte ao comandante, se eu posso ter uma palavrinha com esse moço ...” Ela falou enquanto aponta va para André .

O cambono, dirigiu-se ao Caboclo incorporado e transmitiu a solicitação da Pomba Gira. Seu José te ve confirmada a intuição de que o assunto abordado por S eu Rompe Mato na consulta de André, seria retomado por D. Rosa Vermelha. O Caboclo permitiu que D. Rosa conversasse com André e os dois foram para o lado de fora do terreiro, pois a mais ninguém interessava o assunto que D. Rosa iria abordar com André. Lá fora os ouvidos curiosos não perturbariam a consulta que colocaria por terra qualquer dúvida que Andr é pudesse ter em relação à seriedade e a veracidade daqueles trabalhos.

_ “Boa noite moço!” D. Rosa iniciou a conversa.

_ “Boa noite.” Ele respondeu curioso e desajeitado com o olhar penetrante da médium incorporada. Desviou o olhar, baixou a cabeça e deu um meio sorriso.

_ “O moço se pensa muito esperto, não é moço? ”

Ele não entendeu o tom irônico da observação, mas gostou do comentário que para ele soou como um elogio ao seu ego viciado em adulaçã o.

_ “Pois fique sabendo moço, que tudo neste mundo é passageiro e a esperteza de agora pode revelar-se imprudê ncia no futuro. ”

André franziu a testa sentindo-se encurralado pela atitude de D. Rosa. Não gostava da situação mas ao mesmo tempo a curiosidade de saber até onde aquela conversa chegaria o fez voltar os olhos para o rosto da mé dium incorporada como a pedir que ela continuasse a falar.

_ “Sei que o moço não está gostando do rumo desta prosa ... mas sei também que a curiosidade do moço foi despertada. Não estou aqui para provar nada para ninguém ... muito menos estou aqui para satisfazer a sua curiosidade de verificar se meu aparelho (é assim que as entidades referem-se aos médiuns com que trabalham) está incorporado ou não. Falo com o moço porque estou vendo que o moço não est á ajudando em nada para que o trabalho que está sendo feito aqui dê certo.” A entidade falava de um modo autoritário mas ao mesmo tempo amigo. A médium com as mãos nas cadeiras não deixava margem para que André retrucasse. Ele simplesmente pensava “...Como ela sabe o que eu estou pensando? ... ”

_ “M...mas eu não fiz nada ...” É tudo o que ele consegue balbuciar.

_ “É o que o moço pensa ... de que adianta o moç o passar por uma limpeza hoje, se amanhã vai sujar tudo de novo? ”

_ “Como assim?” Ele chegou mais perto da mé dium como quem quer ouvir melhor.

_ “O moço veio aqui por estar com problemas causados por um “rabo de saias” não foi? ”

_ “F..foi...” Ele engoliu em seco antes de responder, ficando embaraçado ao lembrar-se do seu problema de impotê ncia.

_ “Calma moço ... estamos sozinhos aqui ... ningué m pode escutar ...” Ela riu com prazer fazendo André corar. Os Exus e Pombas Giras tem um modo peculiar de lidar com os encarnados. Por estarem tão próximos do nosso modo de vida, encaram tudo com muita naturalidade e apesar de parecerem frívolos, no seu modo debochado e brincalhão de ser fazem um trabalho muito sério de limpeza e esclarecimento quando encontram uma casa que lhes dê a devida

orientação e oportunidade.

_ “Pois bem moço ...” Ela continuou “... de nada adianta fazer uma limpeza no moço, se o moço procura um “rabo de saia” diferente a cada dia ... se o moço não educar esse calor que o moço tem no meio das pernas, alguma doença ou algum marido irá achar o seu endereço bem depressa. ”

Ele arregalou os olhos assustado com tamanha sinceridade. Mais uma vez perguntou-se como poderia a médium (ou a entidade) saber de tudo aquilo, inclusive que ele tinha relacionamentos com mulheres casadas. D. Rosa

prosseguiu e a médium assustada, pediu mentalmente para que tivesse o equilíbrio necessário para concluir aquela consulta com êxito. Tinha sido pega de surpresa, tratando de um assunto que não lhe dizia respeito, pois não sabia do caso de André e tampouco o conhecia. Confiava em D. Rosa e sabia que Seu Rompe Mato não permitiria aquela consulta se nã o fosse realmente necessário. Simplesmente sentia-se tambéⁿ embaraçada em ter que ser o veículo para tratar de assunto tã o embaraç oso.

_ “Sexo não é pecado moço ... O que é natural não é imoral ... Mas também não é brincadeira ... tudo demais passa da conta e o moço está brincando com o sentimento de umas, usando algumas e destruindo a vida de outras. Uma mulher magoada pode trazer muito problema, imagine três ou quatro! Hoje o moço encontrou ajuda nesta casa. Não se creia privilegiado, pois para Deus não há privilégios, nem se sinta melhor do que ninguém ... aqui é uma casa de caridade e também uma casa de educação e, educação é o que o moç o está precisando agora ... escute bem o aviso de que estou sendo portadora, pois quando não se aprende com a palavra .... a dor ensina. ”

Ele baixou a cabeça sem coragem e sem palavras para responder. A consulta estava terminada, D. Rosa o encaminh ou de volta ao terreiro e desincorporou levando qualquer vestí gio de negatividade de sua médium que voltou silenciosa para dentro do galpã o.

A sessão chegou ao final. André levou Lourdes e Marcela de volta. Sentia-se bem como da outra vez, mas as

[104]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

palavras da Pomba Gira ainda ecoavam na sua memó ria. Estranhamente concordava com tudo o que ela dissera e ao mesmo tempo sabia que teria que lutar contra si mesmo se quisesse ter êxito. Agora compreendia o que Lourdes queria dizer com a frase “o obsediado é a peça principal no seu processo de cura”. Tomou um banho e aconchegou-se na cama macia. O sábado prometia uma manhã fria e chuvosa; resolveu que não jogaria futebol, dormiria o quanto o corpo pedisse.

[105]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

O começo da regeneraçã o

Após a fuga de Letícia, Ingrid começou a participar das atividades que o posto de socorro oferecia aos internos. Pela manhã saudavam o nascer do sol com preces e câ nticos. Bebiam água solarizada em intervalos regulares controlados pelos enfermeiros, assistiam a palestras sobre temas que variavam entre reencarnação, mediunidade, obsessão, perdã o, alcoolismo, drogas, aborto ... Tudo isto visava o esclarecimento e a desintoxicação daqueles espíritos que voluntariamente ali permaneceram. Continuavam livres para ir a hora que desejassem, mas à medida que a desintoxicação prosseguia, a vibração de seus corpos astrais modificava-se tornando-os mais leves, de aparência limpa. Gradualmente os cabelos, pele, dentes e unhas assumiam tamanho, brilho e textura agradá veis. Alguns internos, mesmo assim, se deixavam escapar à procura das sensações que a obsessão e o vício podem proporcionar, mas Ingrid que em princípio somente queria aproveitar as facilidades que aquela “pousada nas imediações do Vale”, como ela chegou a denominar o posto, podia oferecer, ao notar as modificações em seu padrão vibratório e ao perceber que começava a acompanhar as palestras com interesse foi lentamente engajando-se na rotina daquela comunidade.

Ficou sabendo que todos os movimentos dos internos eram monitorados por um sistema de segurança ainda inexplicável na linguagem humana, tamanha sua simplicidade e ao mesmo tempo eficiência. Sendo assim teve conhecimento que o tempo todo as atitudes dela e de Letícia eram conhecidas

[106]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

pela direção e segurança do posto e mesmo assim nada foi feito para impedi-las. Realmente ninguém ali era prisioneiro, a não ser de si mesmo. Durante um dos intervalos das atividades do posto, enquanto Américo lhe servia um copo de á gua solarizada ela perguntou:

_ “Tem notícias de Letícia? ”

_ “Está cada vez mais desequilibrada ...” Respondeu Américo “... sua aparência é a de um animal furioso ... mas nã o se preocupe com isto agora, ninguém fica esquecido na imensa memória do Criador. Ela tem familiares e amigos que velam por ela em planos acima do nosso e eles estão se mobilizando para recuperá-la ... por enquanto tudo o que você pode fazer é rezar por ela e por você também ... ”

Ingrid foi tomando consciência de sua responsabilidade . Começou a perceber a complexidade e a amplitude dos seus atos, reviu sua última existência terrena, lembrou-se de sua família, seu esposo que a amara desde adolescente e a quem ela nunca devotou verdadeiro afeto, a não ser à sua conta bancária. Reviveu seu doloroso caminho do vício e do desregramento, sua morte, seu despertar no Vale das Sombras, sua busca doentia pelo fluido vital nos sacrifícios de animais e nas emanações alcoólicas, seu primeiro encontro com Letícia e com os asseclas de Padilha. Percebeu como a orientaçã o religiosa equilibrada faz falta, como as pessoas viveriam mais tranquilas se soubessem que a morte nada modifica e uma imensa tristeza invadiu seu ser. Chorava de arrependimento e antecipação pelo que encontraria fatalmente em sua pró xima encarnaçã o.

[107]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “Não deixe que o excesso de piedade por si mesma impeça que você lute.” Disse Américo um dia.

_ “Sinto uma tristeza e uma falta de ânimo ... nã o consigo afastar a imagem de Márcia de minha mente ... ”

_ “fique sabendo que esta sua melancolia sintonizou-se com a dela e está servindo para que Letícia a enlouqueça mais ainda ... não é necessário estar colado em alguém para obsediá-lo. O pensamento corre e conecta todo o universo. Desde aqui você ainda está influenciando Márcia. A proveite esta conexão que vocês têm para enviar-lhe pensamentos de força e coragem e não para derrubá-la ainda mais ... ”

Ingrid começou lentamente a recuperar-se, de vez em quando ainda caía em choro mas melhorava na medida que demonstrava ter grande aptidão para o trato com os novos internos. Sua recente passagem pelo Vale fazia com que os recém chegados se sentissem seguros com alguém familiar por perto. Tinha receios de reencontrar com Letícia e sabia que isto era inevitável pois se aproximava o dia da segunda corrente de descarga de André. Américo a acalmou quando lhe garantiu que sua segurança era a sua mudança de atitude, que enquanto ela permanecesse com o propósito de melhorar-se, nada de mal poderia lhe acontecer e além de tudo a seguranç a do terreiro e de seus trabalhadores era garantida pela falange de Exus e Pombas Giras, um verdadeiro Batalhão de Choque da espiritualidade.

Durante a corrente, viu quando Letícia foi amordaçada e notou o grau de desequilíbrio em que ela se encontrava. Uma profunda pena pela antiga companheira invadiu seu ser e

chorou mais ainda percebendo que poderia ela também estar nas mesmas condições em que se encontrava sua companheira de a(des)venturas.

A chuva de partículas de luz que banhou o terreiro durante a prece, penetrou pelo corpo da médium que estava incorporada com Letícia, juntavam-se com o fluido vital fornecido pela própria médium e tornava-se assimilável para os que se encontram com o padrão vibratório próximo ao da matéria. Passava para o perispírito da médium e este deixava passar para o perispírito de Letícia, fazendo com que ela adormecesse. Letícia ficou desacordada alguns dias, ao despertar sentia-se levemente zonza, mas pode perceber que o quarto não era o mesmo do posto de onde tinha escapado da última vez. Viu quando a porta do quarto se abriu dando passagem a uma figura que não via há muito tempo. Sua boca abriu-

se exageradamente enquanto os olhos pareciam que iam saltar das órbitas. Arrepiou-se toda ao ver a única pessoa que conseguia fazê-la tremer quando pronunciava seu nome com aquela voz grave e pausada.

_ “PAI ?!? ... é você paizinho?” Balbuciou Letí cia.

_ “Olhe para você ... Você parece destruída ... onde está filha que tanto eduquei e amei?” Os olhos de Laurindo transbordavam toda sua tristeza e preocupaçã o.

_ “Pai , te procurei tanto ... não te encontrei em lugar nenhum ... só via escuridão e desespero ... por que o senhor me abandonou? O senhor não imagina o que estou passando...” Letícia tentava fazer o mesmo jogo cínico que costumava jogar quando ela e o pai ainda estavam encarnados.

[109]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Sabia que cometera muitos erros e julgou que a influência dos negócios do pai se estendiam além tú mulo.

_ “Minha filha... pare de se enganar, pare de tentar me enganar! Estamos agora no mundo das verdades... tenho te observado e acompanhado desde o seu desencarne!! Acompanhei seu último ano de encarnada e observei com tristeza o quanto me enganei com você ... pude constatar por mim mesmo a sua vida de excessos e inutilmente tentei te inspirar pensamentos e atitudes que te reorientassem ... voc ê não me deixava alternativa, a não ser deixar que colhesse os frutos do seu desatino. Sei que sou responsável pelo seu modo irresponsável de agir ... confundi amor com permissividade, tardiamente percebi que deveria ter te dado senso de responsabilidade pelos seus atos e não fechar os olhos, como fechei, para TODOS os seus erros.” Laurindo tinha os olhos marejados, Letícia baixou os olhos reconhecendo a superioridade do pai.

O pai de Letícia tinha desencarnado um ano antes dela. Ela era filha única e o pai decidiu que ela não passaria por dificuldade nenhuma na vida, tudo que ela quisesse estaria ao seu dispor e todos deveriam satisfazer suas mais simples vontades. Laurindo só percebeu que criara um monstro depois de desencarnado, quando lhe foi permitido visitar a filha que ele não conseguia esquecer. Demorou a acreditar no que via. A criatura que ele julgava doce e meiga, era na verdade uma déspota, uma aproveitadora, lasciva e viciada. Ele tentou conectar-se com a

filha através de sonhos, pensamentos e intuições mas ela estava tão envolvida pelos obsessores e por

seu próprio desequilíbrio que não conseguia captar-lhe a tentativa de ajuda. Suplicou ajuda aos mentores do plano onde se encontrava e foi orientado a deixar que Letícia aprendesse com os próprios erros. O progresso é lei universal e alcança a todos mais cedo ou mais tarde.

Letícia tanto fez, tanto abusou do livre arbítrio que os mentores espirituais, acharam por bem lhe dar a dádiva da reencarnação compulsória. A reencarnação daria a Letícia o esquecimento necessário do passado, para que ela retomasse seu caminho evolutivo.

_ “Pai ... eu preciso sair daqui ... sei que o senhor nã o vai me faltar logo agora que conseguiu me encontrar...” Ela sussurrou enquanto aconchegava-se no largo peito de Laurindo. _ “Filha ... eu estou aqui para te ajudar, mas não do

jeito que você quer ... eu te encontrei há muito tempo ... voc ê é que se afastou de si mesma. Vim com a tarefa de te comunicar que você está sendo preparada para nova encarnação.” Ele deu a notícia segurando as mãos da filha enquanto olhava fixamente em seus olhos.

_ “NUNCA!!!” Ela puxou para si as mãos tirando-as do contato com as mãos de Laurindo. “Não quero e não vou voltar a reencarnar ... sou livre do jeito que estou ... não dizem os que trabalham para o Cordeiro que o “Pai” nos deu o livre arbítrio?” Ela pronunciou esta última frase com declarada afetação e deboche.

_ “Sim Letícia ... todos têm livre arbítrio, até que o percam devido o abuso e inconsequência que fazem com que a lei do retorno se faça cumprir. Você não é nenhuma inocente e

sabe muito bem que seus atos nestas 9 décadas não têm sido nenhum exemplo de

virtude ... não adianta Letícia, eu não vim pedir sua opinião como fazia quando encarnado... eu vim comunicar aquilo que os seus próprios atos provocaram. ”

Ela percebeu que o pai estava irredutível, percebeu que não estava em posição que favorecesse uma discussão e resolveu fingir que estava resignada. Laurindo percebeu todo o seu processo mental mas nada disse. Despediu-se da filha com um beijo quando a enfermeira chegou para aplicar passes em Letícia que voltou a dormir após relutar muito.

[112]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

O aprendizado de Má rcia

Sem a influência de Ingrid e Letícia, Márcia melhorou bastante. Voltou a trabalhar, mas de vez em quando caía em seu mutismo lembrando das promessas de Iracema, do trabalho de Padilha, do seu sentimento por André, do problema que lhe causou. Avaliava o relacionamento que tiveram e descobria que na verdade não tinha sido feliz como pensou que seria. Nunca mais fora a cartomante ou Pai de Santo algum, desiludira-se muito e não queria mais ser enganada.

Estava deitada no sofá da sala, olhos fixos no vazio em direção ao teto alheia à conversa da mãe e da tia. Alzira e Lourdes conversavam sobre vários assuntos, quando o tema André veio à baila. A mãe perguntou se ainda existia alguma coisa entre eles e teve o silêncio como resposta. As duas se entreolharam admiradas pela ausência de vida nas atitudes da jovem. Alzira estava a par de tudo que vinha acontecendo e não se furtou à oportunidade de cantarolar um recado enquanto se ajeitava na poltrona.

_ “O remorso talvez seja a causa do seu desespero ... Você deve estar bem consciente do que praticou ...” Foi interrompida pela irmã que não aguentou a sua falta de sensibilidade.

_ “Faça-me um favor Alzira ... se não tiver nada de ú til para acrescentar, tenha a fineza de calar-se.” Lourdes fal ou sério com a irmã enquanto uma lágrima rolou dos olhos de Má rcia.

[113]

_ “Só eu sei o que estou sentindo tia ... me vejo como uma panaca que serve de motivo de riso e piadinhas de mau gosto para todos ... como pude ser tão otária?” Má rcia respondeu enquanto sentou-se no sofá e limpou o nariz com as costas da mã o.

_ “Meu amor, você é jovem ... e o que fazem os jovens se não aprender com os próprios erros e acertos? ... ” Respondeu Lourdes exalando paciência. “Toda mulher quer ser amada. Aliás, todo mundo quer ser amado, mas é preciso que o relacionamento entre duas pessoas seja uma via de mã o dupla ... quero dizer que assim como se dá também se recebe! O amor não pode trafegar em um sentido único ou está fadado ao desgaste de ambas as partes. ”

_ “E o que é que eu faço agora? Será que ainda tenho chance com ele?” Os olhos suplicantes pareciam os de um cã o basset.

_ “Não faça nada Márcia. Deixe que o tempo cicatrize todas estas feridas que você abriu ... você já parou para pensar que talvez você e André não tenham um futuro juntos? Se voc ê anda por aí pulando de cartomante em cartomante, elas j á deveriam ter te alertado que o que Deus risca, o homem nã o rabisca. Deixe o André livre ... ele quer ser livre! ... se ele realmente gostar de você, ele mesmo vai te procurar ... e se ele não voltar, é porque ele não te quer! Ninguém é feliz quando é forçado a fazer aquilo que não quer. Está na hora de você começar a se valorizar, a cuidar de você ... vai lavar este rosto, penteie estes cabelos, passe ao menos um batom

nesta boca ... você sempre se cuidou! Ligue para a Marcela e marque alguma coisa, faça um programa ... levanta e anda! ” Enquanto falava, Lourdes transmitia sem saber uma

onda de positividade para a sobrinha. Alzira observava o modo caloroso com que a irmã se expressava e reconheceu intimamente que passara dos limites. Admirava o modo com que Lourdes conseguia avaliar uma situação e exprimir em poucas palavras tudo o que sentia, sem rodeios e sem meias palavras.

Márcia admitiu que as palavras da tia refletiam a verdade, mas era difícil para o orgulho deixar a humildade entrar em um coração magoado. Ela foi até o espelho e constatou que estava com a aparência péssima. Sentiu um incômodo no estômago e lembrou que não tinha comido nada o dia todo. Olhou para o carrilhão e viu que era quase três e meia da tarde. Respirou fundo e lentamente as palavras da tia repercutiram na sua mente. Lembrou da época em que seu tio ainda era vivo, de como ele e Lourdes eram felizes juntos. Certamente uma pessoa que tanto amou e foi amada tinha certeza sobre o que falara. O canto da boca ensaiou o esboç o de um sorriso, ela massageou o estômago com a palma da mã o em movimentos circulares, franziu o nariz e exclamou :

_ “Estou faminta! Vamos comer? ”

_ “Ai .. eu também! Aquela picanha estava ótima e ainda sobrou um pouco ... vamos mana?” Alzira pulou da poltrona ao responder. Na verdade não estava tão faminta assim, mas aproveitou a mudança de humor da filha para que ela continuasse a reagir.

_ “Claro! Afinal aquela carne ficou tão boa porque fui eu quem temperou.” Lourdes entendeu o recado da irmã e a acompanhou na tarefa de manter o ânimo da sobrinha de pé .

Márcia comeu com a avidez das feras. Não mais voltaram ao tema. Naquela tarde falaram sobre amenidades. A jovem acompanhou e participou da conversa que se estendeu por longo tempo na mesa da cozinha. O interfone tocou; era Marcela que estava na portaria. Ela subiu para encontrar a amiga assando um bolo que foi servido com o café que Lourdes estava coando e se alegrou ao ver Márcia bem disposta.

Elas serviram o bolo ainda quente, a calda de chocolate manchando os cantos das suas bocas e o café aquece ndo aquela tarde fria e nublada.

_ “Marcinha, o que você vai fazer agora à noite? ” Perguntou Marcela para a amiga usando o apelido que só ela usava para chamá -la.

_ “Não sei ... não programei nada e também não quero correr o risco de

encontrar o André por aí com outra ... ”

_ “Não tem perigo amiga, já soube pelos meninos que ele foi para Petrópolis passar o fim de semana naquela casa da família deles. ”

_ “Hum ... sei ... lá onde tem aquela vizinha chamada Cíntia ...” Ela franziu a boca ao pronunciar o nome, mas simultaneamente lembrou-se dos conselhos da tia. “...bom ... só desejo que ele esteja bem ... bem longe de mim! ... assim sofro menos ... vamos ao cinema? ”

_ “O que você quiser! Vai se aprontar que eu ajudo aqui na cozinha ...” Disse Marcela com um largo sorriso.

Elas saíram como há tempos não faziam; somente as duas. Assistiram a uma comédia, Marcela prudentemente evitou os dramas e romances, queria um besteirol, algo bem despreocupado para não ter que ficar elaborando muito.

Longe dali, na casa da família de André em Petró polis, ele ligou o aquecedor depois de abrir uma garrafa de vinho tinto. Estava sozinho. Não conseguiu companhia para o fim de semana e Cíntia, ao contrário de Márcia, nada queria com ele. Alegou uma indisposição mas foi vista por ele mesmo na companhia de outro rapaz desmanchando-se toda em sorrisos. Sentiu uma pontada de raiva por sentir-se preterido, afinal ninguém podia resistir aquele “pedaço de mau caminho ” chamado André. Lembrou-se das palavras de D. Rosa Vermelha e admitiu que era dificílimo lutar contra um hábito enraizado desde a infância. Fora criado para ser macho, e na concepçã o que lhe foi passada, macho é assim mesmo ... tem que pegar todas. Entendeu que Cíntia estava fazendo com ele, justamente aquilo que ele tinha feito com tantas outras. “Caramba, esta tal lei do retorno funciona mesmo” Pensou ele. Lembrou de Márcia . Pensando bem, não aprovava o que ela tinha feito para conseguir ficar com ele, porém não tinha raiva dela. Tampouco tinha vontade de ficar com ela. Sabia que mais cedo ou mais tarde os dois teriam que acertar as contas. Eles simplesmente deixaram de se falar, não houve uma briga, não tinha um motivo, mas de alguma forma eles se afastaram e as coisas estavam sem arremate, sem uma explicação. Ele resolveu que passaria pela última corrente e depois acertaria as coisas com Márcia. Terminaria Tudo.

O encontro no Centro

Marcela acordou sentindo-se diferente naquela sexta feira. Nada acontecera de extraordinário, nenhuma novidade, simplesmente sentia algo diferente. Não podia dizer que era alegria nem expectativa, era um bem estar sem explicaçã o. Lembrava de algumas cenas de um sonho onde caminhava pela beira da água em uma praia desconhecida, de alguma maneira a túnica que vestia era feita de água do mar, ou será que somente se confundia com a água? Andava sem tocar o chã o, ou será que caminhava sobre a espuma? Estava assim perdida nesses pensamentos, cotovelos apoiados na mesa, o queixo repousando sobre a palma da mão esquerda enquanto os dedos da mão direita brincavam com uma mecha de cabelos quando alguém a tocou no ombro.

_ “Marcela ... telefone pra você.” Disse a voz que veio por trás e por cima de sua cabeç a.

_ “Obrigada ...” Respondeu enquanto levant ou- se e foi em direção ao aparelho. “...Alô ... Oi Marcinha! ... Tudo b... Não... atrapalha nada ... estava descansando um pouco... Almoçar? ... Hoje? ... Claro amiga! Passa aqui então! ... Outro! Tchau. ”

Márcia estava desde o dia anterior lutando contra a vontade de ir ao centro com Marcela e Lourdes. Tinha receio de encontrar com André, e uma velada vergonha de ir buscar forças no local que ela sempre desdenhou e dizia ser “água com açúcar”. Queria saber a opinião de Marcela e ao

mesmo tempo saber notícias de André, verificar se seria uma boa ideia irem juntos ao centro.

Fazia dias que uma das entidades que trabalham com Lourdes estava influenciando Márcia para que ela sentisse vontade de ir ao centro. Seria favorável ao término do tratamento que ela estivesse presente na última corrente

de André. O Boiadeiro empenhou-se dia e noite, até que conseguiu fazer com que ela lhe captasse as sugestões. É um trabalho de paciência e resistência fazer com que os encarnados sintonizem-se com os pensamentos e sugestõ es dos espíritos de luz. É sempre mais fácil para os obsessores entrarem em sintonia com os encarnados, pois a invigilância e o orgulho ainda grassam muito entre nó s.

Márcia se fez anunciar na recepção do prédio onde trabalhava Marcela que desceu ao encontro da amiga. Caí a uma chuva fina, dessas que demoram a passar. Elas resolveram dividir o mesmo guarda chuvas pois andar na hora do almoço nas ruas do centro da cidade já é complicado com sol, que dirá em dias chuvosos. Chegaram ao restaurante e procuraram uma mesa reservada para poderem conversar tranquilas. O barulho de bandejas, copos e talheres se misturava com o burburinho das pessoas conversando e garçons indo e vindo com os pedidos dos clientes.

_ “Você vai à sessão hoje?” Márcia perguntou a certa altura da conversa.

_ “Hum hum ... vou sim.” Respondeu Marcela com uma interrogação no meio da testa.

_ “O André vai também? ”

_ “Parece que sim ... pelo menos foi o que ele disse na última sessão. ”

_ “O que você acha se eu for também?” Márcia fez a pergunta sem encarar a amiga, enquanto passeava com o dedo indicador na borda do copo.

_ “Eu acho que se você vai para se consultar, para tomar um passe ... vai ser ótimo... pra você. Agora ... Se voc ê vai porque é uma desculpa para encontrar com o André, eu acho uma péssima idéia. ... Hoje é a última corrente dele, e além do mais ... o que vocês tem para conversar é para ser dito só entre vocês dois. ”

_ “Eu sei ... mas você acha que ele vai falar direito comigo? Será que não é melhor eu ir outro dia? ”

_ “Eu acho que o centro é um lugar público e você tem tanto direito de ir aonde queira, como ele também tem ... e vocês são adultos o suficiente para saberem se comportar e se respeitarem mutuamente. ”

_ “Meu Deus! ... Você está falando igualzinho minha tia. ”

Márcia resolveu ir ao centro naquela noite. Ao voltar do almoço, ligou para casa e combinou com a mãe para irem juntas, pois Marcela iria com André. A tarde passou devagar e a chuva fina insistia em cair sobre a cidade deixando o trâ nsito caótico e os motoristas impacientes. Alzira prevendo o atraso da filha, deixou a roupa que ela vestiria exposta sobre a cama e a aguardava pronta para sair.

A sobrinha de Lourdes, chegou em casa cansada e chegou a pensar em modificar seus planos para aquela sexta -

feira, mas ao ver a mãe já pronta a esperar por ela e a roupa cuidadosamente escolhida e arrumada sobre a cama, resolve u não desapontar a genitora e tomou seu banho, jantou e volt ou para o trânsito que teimava em não andar nem para frente e nem para trás. Seria um longo caminho até o centro.

Ela estacionou o carro. Ao sair procurou pelo carro de André, mas não o encontrou. Lá dentro avista a tia atarefada na arrumação do terreiro. Lourdes acenou para as duas enquanto elas sentavam em um banco da assistência . Procuraram um lugar que desse ampla visão do terreiro, pois Alzira gostava de ver cada detalhe e aquela sessão seria de consultas com Boiadeiros, entidades que exerciam um verdadeiro fascínio sobre Alzira.

Faltando menos de meia hora para o início da sessã o, entraram apressados Marcela e André. Ficaram retidos no trânsito por conta de um acidente. Márcia olhou timidamente para André que se limitou a enviar-lhe um sorriso e um tí mido aceno. Sentou-se no último banco enquanto Marcela foi de encontro a Alzira e Má rcia.

A sessão teve início a sessão como de costume. Os médiuns bateram cabeça, foi feita a defumação do terreiro, seu José fez a leitura de um texto de teor espiritualista e foi feita a invocação do Caboclo Rompe Mato, para que ele d

esse continuidade aos trabalhos espirituais. À medida em que o ritual foi se desenvolvendo, Marcela sentiu o coraçã o descompassado e as mãos transpirarem mais do que o costumeiro. Não se sentia mal, muito pelo contrário sentia uma

felicidade imensa, mas estranhou as sensações pelas quais estava passando.

Seu Rompe Mato trouxe uma mensagem que serv iu como uma luva para Marcela. Ele falou das várias formas de amar e de ser amado. Falou que nas diferentes encarnaçõ es experimentamos as mais variadas formas de amor: o amor fraterno, o amor filial, o amor materno, o amor à terra e at é mesmo o amor sensual, todos são manifestações do amor Divino e são meios de se chegar até Deus desde que vividos com equilíbrio e sabedoria. Em seguida ele fez a firmação dos trabalhos e naquela noite invocou o orixá Iemanjá. Ao iniciarem-se os cânticos em louvor e chamada da deusa do mar, Marcela sentiu forte emoção, chorou como uma crianç a, arrepiou-se dos pés à cabeça e sentiu a cabeça toda dormente, especialmente o alto da cabeça, na região do ori, do chacra coronário. Lembrou-se do seu sonho e chegou a sentir no corpo o toque da túnica que usava.

A incorporação de Iemanjá deu lugar à incorporação dos Boiadeiros. Os médiuns ao incorporarem, emitiam sons como se estivessem tocando bois, fazendo gestos como se tivessem nas mãos uma corda que jogavam no ar laçando alguma coisa imperceptível aos olhos materiais. Caminhavam eretos como os Caboclos, mas não flechavam. Alguns eram mais sorridentes, outros carrancudos, outros tinham o jeito do homem do campo, matuto mais cheio de ensinamentos para transmitir. Chegou a hora das consultas e Marcela resolveu consultar-se com o Boiadeiro Navizala, a entidade que trabalha com Lourdes. Era a

primeira vez que ela se consultava com uma das entidades da tia de Má rcia.

_ “Boa noite moça! Como vai?” Saudou jovialmente a entidade.

_ “Boa noite, seu Navizala. Estou bem graças a Deus. ” Lourdes estendeu as mãos para ela que instintivamente repousa as suas dentro das da médium incorporada. Sua respiração estava levemente alterada, assim como seu ritmo cardíaco. As mãos transpiravam em abundância e Lourdes intuída pelo Boiadeiro, não teve dúvidas; Marcela estava em processo de incorporação e não sabia.

_ “Moça ... quero que saiba que mediunidade é sacerdócio, é abnegação, é renúncia, é sacrifício, é trabaio sem fim ... mas também é filicidade de realizá o trabaio que aproxima o médium de Deus. ”

_ “Hum !?” Ela não entendeu muito bem o rumo que a entidade quer dar àquela conversa e olhou para Lourdes incorporada, aguardando o prosseguimento da consulta.

_ “A moça já deve di sabê qui tem mediunidade ... qui nada no mundo acontece por acaso ... e qui Deus usa o mal para fazer o bem... ”

_ “Como assim? ”

_ “A moça veio aqui pra buscá ajuda pra sua amiga qui está em dificuldade... É aí que Deus usa o mal para fazer o bem... por causo dos erro de sua amiga, a moça foi se interessando nos assunto que num gostava... e acabou passando a gostá ... e agora num qué mais largá!” Marcela sorriu entendendo o recado.

_ “É verdade seu Navizala. Eu tinha pavor de qualquer assunto relacionado à mediunidade e espíritos. ”

_ “Intão ... A moça já sabe qui tem mediunidade ... e qui a sua sensibilidade está bastante aflorada ... já foi dito pra moça qui a moça tem uma missão num foi?” As palavras do Boiadeiro, fazem Marcela lembrar-se daquele 31 de dezembro e um arrepio gelado subiu pela coluna fazendo os ombros tremerem sem que ela quisesse .

Marcela nunca tinha comentado com Lourdes sobre aquele 31 de dezembro e o Boiadeiro começou a repetir (claro que com outras palavras, mas o conteúdo era

o mesmo) aquela consulta que ela praticamente foi obrigada por Márcia a receber na beira do mar. Ela achou aquilo fantástico, e agora com mais conhecimentos sobre a doutrina, pôde entender muitas coisas que naquela noite tinham ficado no ar. Ela perguntou sobre o sincretismo de Nossa Senhora da Glória, e o Boiadeiro explicou- lhe que esta santa católica é sincretizada com Iemanjá. Ele aproveitou também para explicar que sincretizar é unir, é fundir elementos originalmente distintos tentando fazê-los um só; mas que na verdade Iemanjá não é Nossa Senhora da Glória e nem Nossa Senhora da Glória é Iemanjá. Que Iemanjá já era cultuada na África muito antes do nascimento de Cristo, sendo portanto seu culto muito mais antigo que o próprio Catolicismo. O sincretismo foi a forma de resistência que o negro encontrou para continuar adorando seus deuses e manter viva sua cultura que o branco e a Igreja tentavam de todas as formas sufocar. A imagem católica é também a tentativa de dar uma forma

humana (e branca) a uma força da natureza, um deus do panteão africano.

_ “Moça ... feche os olhos e imagine um mar imenso na sua frente ...deixe a força do mar te envolver ...” O Boiadeiro tinha sido instruído pelos guias de Marcela que o orixá iria se manifestar em sua filha.

Marcela fez como lhe foi dito e sentiu que seu corpo tremia por dentro. Sua respiração acelerou, sentiu-se flutuar, um bem estar imenso invadiu seu ser, as mãos instintivamente fazem gestos como se estivessem dentro da água. Os chacras coronário, mental e laríngeo estavam em plena atividade emitindo no astral uma luminosidade imensa. Marcela est ava totalmente tomada pelo orixá que se apresentou com todas as suas características dentro do ritual de Umbanda. O Boiadeiro saudava com alegria “Odô Yá!” Lentamente a vibração diminuiu, a entidade desincorporou e Marcela voltou ao seu estado normal.

_ “Entendeu agora moça?” Acrescentou o Boiadeiro. “Sua missão é a sua mediunidade qui está chamando... Você é filha de Iemanjá. ... Que Nossa Senhora da Glória e Iemanj á possam te dar a força necessária para qui a moça cumpra seu papel. ”

O Boiadeiro deu alguns conselhos e esclarecimentos, Marcela voltou para o seu

lugar na assistência sob o olhar curioso e ao mesmo tempo feliz de Alzira e Má rcia.

André consultou-se com o Boiadeiro Navizala també m, enquanto Márcia consultou-se com o Boiadeiro da Estrada, entidade que trabalha com seu José o chefe do terreiro. Má rcia

[125]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

pensou que vai levar um sermão daqueles e teve uma grande surpresa ao ter a explicação de muitas coisas. Ela ao posicionar-se na frente da entidade, começou a falar os motivos que a levaram ali. O Boiadeiro pacientemente esper ou que ela desfiasse todo o rosário de lamentações, enquanto seu José juntava as peças de um quebra cabeças. Ele vinha observando que André sempre estava acompanhado por Marcela e Lourdes; ele sabia que Márcia era sobrinha de Lourdes. Foi ele quem consultou André nas primeiras vezes, logo ele estava sabendo das razões que o levaram até ali. Márcia contou com minúcias de detalhes toda a sua trajetó ria. O Boiadeiro viu que a consulta de André com o Boiadeiro Navizala tinha terminado e pediu a um cambono que chamass e de volta ao terreiro André e Marcela, ele tinha uma histó ria para contar.

[126]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Laços antigos

Os três estavam parados em frente a seu Jos é incorporado com o Boiadeiro. Era uma situação incomum, pois não era costume chamar-se consulentes que já tinham sido consultados de volta ao terreiro para nova consulta e ainda por outra entidade. Os médiuns tentavam disfarçar a curiosidade mas os olhares estavam todos voltados para os quatro personagens em frente ao altar. Seu José concentrado, olha va firmemente para os três à sua frente e entregou o comando ao Boiadeiro.

_ “Chamei os três aqui pruquê é chegada a hora de algumas explicação. A vida dos encarnado é como uma grande espiral ... no sentido vertical vai subindo como o passá do tempo ... mas as situação se repete no giro que ela faz para subi.

Muda os tempo, mas os personagem e as história se repete.

Vocês três já se conhece de outros tempo ... de outras vida ... em cada uma delas, oportunidades aparece pra se cuncertá alguns erro da anterior ... as vez cuncerta .. outras vez escangalha ...” Os três olhavam sem piscar ou respirar para o médium incorporado. Não queriam perder uma ví rgula daquela história. “... Uma vez um homem se interessou por uma jovem, mas ela não deu atenção pra ele. Intão ele jurou que ela seria dele de qualquer maneira pois ele num aceitava que fosse rejeitado por nenhum rabo de saia. Procurou uma feiticeira qui fazia todo tipo de trabaio. A moça foi enfeitiçada e depois qui o homem se cansou dela, ele a abandonou. A moç a

ficou enlouquecida e se matou, passando a persegui o homem mesmo dispois de morta ... A feiticeira foi tomada por imenso remorso ... pois a moça que se matou era sua prima que ela resolveu ajudá enquanto ganhava algum dinhero. Foi tã o grande o arrependimento da feiticeira, qui ela jogô fora tudo os seu apetrecho de magia, num queria nem mais chegá perto de um encantamento ...A feiticeira também começô a s ê perseguida pelos espírito qui ela escravizava com exorcismos e encantamentos, e também foi ficando louca ... quando desencarnô jurou qui nunca mais ia se meter com estas coisa ” Marcela facilmente identificou os personagens daquela histó ria e intimamente agradeceu a oportunidade de resgate dos erros do passado que a reencarnação oferece. O boiadeiro olh ou para ela e continuou sua explanação. “Você moça, é aquela feiticeira que precisa recomeçá seu trabaio que ficou inacabado ... educar sua mediunidade e seu pensamento para qui produzam bons frutos ... o seu medo era fruto das recordação da sua consciência culpada ...” Olhou para André e continuou “... Você moço, ainda é aquele homem qui a vaidade faz escurecê o raciocínio ... tudo qui o moço passa, nada mais é qui o retorno das suas ação no passado ... assim como o moç o enfeitiçou, também foi enfeitiçado... não ixisti ação sem reação.” Segurou as mãos de Márcia com carinho e firmeza dizendo. “...E você moça é a qui foi enfeitiçada, e ainda sofre influência daquele trabaio ... o sentimento qui a moça sente, não é amor ... é mágoa de ter sido usada e enganada ... claro qui tudo pudia ser diferente se houvesse perdão e arrependimento...” Depois ele se dirigiu para os três. “ ...mas

Deus não marca hora para que seus filhos aprendam, pois ele sabe qui eles têm toda a eternidade pra aprendê ... tudo é motivo de aprendizado ... vocês vêm trilhando um longo caminho ... espero que os acontecimento tenham ajudado para o seu progresso ... a vaidade, o orgulho, o medo e o ó dio pesam muito no coração e não deixa o espírito voar mais alto ... deixem que o amor cicatriza tudo aquilo que dói. ”

Márcia, André e Marcela tinham os olhos úmidos, as palavras do Boiadeiro tocaram fundo em seus corações. Eles inconscientemente sentiam que havia um elo que os ligava. Voltaram para a assistência com um sentimento de paz no fundo da alma. Tudo se encaixava com perfeita harmonia e agora, para eles só restava continuar a partir dali, com ânimo e boa vontade, procurando seguir o conselho que Jesus deu à mulher adúltera: “Vai e não peques mais. ”

Era chegada a hora da última corrente de André. O Boiadeiro da Estrada também colocou Márcia na corrente e os dois estavam sentados lado a lado no meio do terreiro. Os médiuns de mãos dadas em torno deles, aguardavam o comando do guia chefe. Ingrid chegou acompanhada de Américo; Letícia foi trazida em uma espécie de maca; nã o estava inconsciente, mas está sedada. Seu pai a acompanhava . As entidades encarregadas de auxiliar na incorporaçã o começaram a atuar nos chacras dos médiuns que serviram de aparelho para os espíritos a serem tratados. O guia chefe d eu início à limpeza com os pontos específicos, os mé diuns sentiram a diferença do padrão vibratório daquela ú ltima corrente, bem mais tranquila do que as outras duas. Quem

trabalha em desobsessões pode perceber que à medida que o trabalho de doutrinação vai tendo sucesso, os obsessores vã o se apresentando com menos agito, menos mágoa e sofrimento. Obsessores incorporados, Ingrid não chorava tanto, simplesmente suspirava ao sentir o calor que se irradiava do corpo da médium em que estava incorporada. Letícia també m registrou bem estar ao captar as vibrações da médium que lhe servia de aparelho, mas os passes que vinha recebendo t inham efeito direto na sua consciência. Ela estava

gradativamente perdendo a memória dos atos que praticou e também a memória da ultima encarnação. Ao sair dali foi dado início o seu processo de reencarne. Seu perispírito passou por um processo de redução de tamanho, para poder ser gradualmente conectado ao corpo que lhe serviu de veículo em sua pró xima encarnação. Laurindo ficou ao seu lado todo o tempo, insuflando palavras de coragem e força, pois sua estadia na carne não ofereceria as facilidades materiais que a ú ltima encarnação ofereceu e seria necessário que Letícia t ivesse bastante força de vontade para não sucumbir novamente. Sua avó paterna já estava reencarnada e teve a missão de tê -la como filha.

Durante a doutrinação, novamente a chuva de partículas luminosas banhou o ambiente. A percepção de Ingrid estava maior e ela percebeu que aquelas partículas eram absorvidas não só pelos obsessores, mas por todos os presentes. Elas penetravam pelo perispírito e lentamente eram absorvidas pelo corpo e pelo espírito, restaurando energias, normalizando a circulação e a respiraçã o.

No encerramento daquela corrente, o B oiadeiro convocou Exus que trabalham nos cemitérios, visto que estava sendo feito o desmancho de um trabalho que se encontrava enterrado. Lourdes sentiu a aproximação do Exu que trabalha com ela, o seu Caveira. Américo deixou Ingrid, que já est ava desincorporada, na companhia de uma enfermeira e ela observou admirada quando Américo incorporou em Lourdes.

Ao incorporar seu Exu, apesar de ele pertencer à falange dos Caveiras, Lourdes não ficava toda torta como se fosse uma aleijada. Pelo contrário ela andava ereta e elegante como Américo; não dava gargalhadas espalhafatosas mas sorria quando necessário para aqueles por quem sent ia simpatia. Américo/seu Caveira incorporado em Lourdes ped iu um charuto a um cambono que, após consultar ao guia chefe, trouxe o charuto para ele. O Exu deu fortes baforadas no ar enquanto caminhava em volta do casal sentado no meio do terreiro. De vez em quando ao passar pelas costas deles ele fazia um gesto como se estivesse retirando alguma coisa do chão. Fazendo isto, seu Caveira estava retirando o que restava de negatividade em André e Márcia. A fumaça do charuto e o movimento circular faziam com que os miasmas se desprendessem. Com o gesto de retirar algo do chão, ele estava realmente desenterrando o duplo etérico do que restava

do material usado no trabalho feito por Padilha e que tinha sido enterrado para que as forças telúricas o fortalecessem. Ele repetiu estes gestos por quatro vezes, ao final ele saiu de costas fazendo gestos com as mãos como se estivesse arrastando para fora tudo aquilo que ele retirou do chão. L á

fora ele desincorporou e, junto com outros Exus e alguns elementais, levou embora os miasmas e os restos do trabalho que foi desenterrado. Lourdes retornou para o seu lugar no terreiro.

Letícia foi levada de volta para a espiritualidade e, a partir daquele momento, teria início o seu processo de reencarne. A enfermeira tocou no braço da boquiaberta Ingrid, chamando-a para prosseguir viagem de volta ao posto de socorro.

_ “Ele .. ele .. ele é um ...” Balbuciava ela para a enfermeira.

_ “Ele é um Exu! Para ser mais precisa ele é um Exu Caveira.” Respondeu a enfermeira sorrindo enquanto com a cabeça fez um gesto para que elas caminhassem .

A corrente chegou ao seu final. O Boiadeiro deu o trabalho por encerrado, prescreveu banhos de limpeza para complementar o descarrego e orientou os dois para que sempre retornassem para um passe e que procur assem manter-se limpos através da emissão de bons pensamentos e de uma vida equilibrada. O que tinha de ser feito pela equipe espiritual daquela casa, foi feito. Agora caberia a André e Márcia seguirem com suas vidas.

No dia seguinte, sábado, Marcela não aguentou a ansiedade e foi até a casa de Lourdes. Ela voltou de carro com André, enquanto Lourdes voltou com a sobrinha e a irmã . Precisava conversar sobre o que acontecera com ela e ningué m melhor do que Lourdes para esclarecer todas as suas dú vidas.

_ “D. Lourdes, como pode? ... Eu lembro de tudo! ” Exclamava Marcela.

_ “É claro que você lembra, criança ... incorporar não é desmaiar! A incorporação inconsciente é uma modalidade raríssima, eu particularmente chego a crer que ela não existe. ”

_ “Bem que a senhora tinha falado algo a respeito na primeira vez que eu fui com a senhora ao centro ... Explique melhor, por favor D. Lourdes. ”

_ “O termo incorporar dá uma ideia incorreta da realidade. Incorporar passa a ideia de entrar no corpo ... e nã o é isto que acontece. ”

_ “Como acontece a incorporação D. Lourdes? ”

_ “Quando o médium está concentrado, seu perispí rito aumenta a vibração e ele começa a entrar em sintonia com a vibração do perispírito do espírito que vai incorporar. Na verdade incorporação é aproximação de perispíritos... entã o nosso perispírito capta as sensações, emoções e pensamentos do espírito comunicante e as transmite ao nosso cérebro, e o nosso cérebro ao corpo na forma de palavras ou gestos. ” Marcela piscou e sacudiu a cabeça como a tentar processar toda aquela informaçã o.

_ “Deixa eu ver se entendi ... Tudo o que o guia quer dizer ou fazer, primeiro passa por nossa mente para depois ser executado? ”

_ “Exatamente! ... Parece que tem duas consciê ncias dentro da sua cabeça, pois às vezes as opiniões do guia sã o diferentes das suas, ou então ele te passa uma orientação, um

pedido, sem dizer o porquê.” Respondeu Lourdes enquanto retirava duas xícaras de dentro do armário da cozinha.

_ “Mas e as pessoas que dizem não lembrar das coisas que o guia fez ou disse?” Perguntou Marcela enquanto aceita va o café que Lourdes oferecia .

_ “Toda incorporação tem este processo: ... o pensamento e a emoção do espírito

comunicante sã o transmitidos para a nossa mente, através da aproximação do perispírito dele com o nosso. Nós acompanhamos tudo o que é dito e feito. Mesmo na chamada incorporação inconsciente o processo é o mesmo ... nossa mente é, durante todo o tempo a mediadora deste fenômeno.” Lourdes batia cadenciadamente com o dedo indicador na borda da mesa enquanto falava, como se fosse um juiz aplicando uma sentenç a.

_ “Mas é tão confuso ...” Marcela resmungou por trás da xí cara.

_ “Pode parecer no início ... mas você verá que a consciência na incorporação é absolutamente necessária pois além do médium aprender com as consultas que dá, ele também ajuda o guia quando ele também domina certo assunto, e é justamente aí que entra a necessidade de estudar ... e é aí também que o umbandista torce o nariz, pois é um vício nosso não estudar ... é mais fácil se dizer inconsciente e sair espalhando que é o guia que faz tudo. ”

_ “Mas também existe o perigo do médium interferir na comunicação!? ”

_ “Existe ... e como interfere! ... É o chamado animismo. Se o médium participa de todo o processo, é natural que ele

interfira. Mas ... volto a dizer, é o estudo que vai fazer com que esta interferência seja positiva, que ajude na transmissão de conceitos e explicações e até na mentalização positiva na hora de uma corrente ou oferenda. ... agora, quando o médium est á cheio de dúvidas, cacoetes e vícios de incorporação, temos o animismo negativo que é como uma erva daninha que precisa ser extirpada. ”

Marcela suspirou fundo ao perceber a complexidade que é um trabalho de consultas. Participar da orientação sobre saúde, vida sentimental, frustrações, anseios, medos, desejos, etc da vida de outrem, é uma responsabilidade muito grande. Questionou se realmente estava preparada para tudo aquilo. Lourdes como que percebendo a sua inquietação, comentou :

_ “Bem vinda ao clube amiga! Isto é só o começo ... ”

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Uma conversa sé ria

Segunda-feira, dia de voltar à realidade. O fim de semana foi dedicado a reflexões e tomada de decisões. A partir daquele dia, todos os esforços seriam feitos para uma guinada radical em sua vida. A história contada pelo Boiadeiro, a consulta que recebeu, a melhora que sofreu depois da ú ltima sexta-feira, tudo isto passava e repassava em sua memó ria desde cedo enquanto tomava banho, acompanhou-a na mesa do café, caminhava pela rua, subia no elevador ... Estava agora no banheiro da firma onde trabalhava. Penteou-se com o pente de madeira e retocou o batom. Caminhou pelo longo corredor até chegar na sala onde trabalhava. Sentou-se, à sua frente estava o telefone. Retirou o fone do gancho; ao sinal de linha disponível discou o número que tantas vezes discou nos ú ltimos meses.

_ “Alô!” Respondeu uma voz ao mesmo tempo, surpresa e aliviada.

_ “André, sou eu Márcia.” Ela falou sem jeito.

_ “Como vai?” Ele não sabia se ficava formal ou relaxado, sua testa transpirava .

_ “Estou bem ... estou ligando porque acho que precisamos conversar” Ela também estava ansiosa.

_ “Eu também ... quando? ”

_ “Hoje mesmo se possível ... que tal depois do expediente?” Ela falou mais confiante.

_ “Combinado ... te vejo à tardinha.” Ele desligou o telefone e suspirou .

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

O dia teria corrido normalmente se não fosse pela ansiedade dos dois. André ficava treinando a melhor maneira de terminar aquele relacionamento sem criar traumas ou constrangimentos. Escolhia palavras que diria para Márcia, mas não conseguia escolher nenhuma frase que o agradasse. Quanto a Márcia, ela

simplesmente queria acabar logo com aquilo tudo. Realmente a antiga Márcia estava de volta, pois este era bem o seu estilo. Quando colocava uma coisa na cabeça, não descansava enquanto não resolvia aquilo que a estava incomodando.

Eles combinaram de se encontrar em frente a uma loja de departamentos em movimentada rua do centro da cidade. Márcia chegou primeiro, resolveu entrar e dar uma espiada nos preços enquanto esperava. O vai e vem das pessoas atropelando-se a estava incomodando. Ao sair tinha na mã o algumas sacolas. Foi André que a viu primeiro.

_ “Oi Márcia, como você está?” Ele parecia não saber onde colocar as mã os.

_ “Oi... estou bem ... e você?” Ela sorriu enquanto ajeitava a alça da bolsa que teimava em não ficar no ombro.

_ “Vamos sentar em algum lugar tranquilo?” Suger iu André apontando para os lados de uma antiga confeitaria .

Sentaram-se em uma mesa no fundo do salão. O garçom serviu o chá com torradas que eles pediram. Foi Má rcia que tocou no assunto, enchendo-se de coragem e arrumando os cabelos para trás das orelhas, já que não cabia pentear-se por completo com o pente de madeira como era de sua vontade.

_ “André ... vamos logo direto ao assunto?” Ele sentiu - se aliviado por ter sido ela quem tocou no assunto primeiro.

_ “É ... está na hora de acertarmos nossos ponteiros, n é gatinha?” O modo carinhoso com que ele pronunciou aquela frase quase fez Márcia pular no seu pescoç o.

_ “Eu e você ... nós ... nós já não somos os mesmos de antes. ”

_ “Concordo com você ...” Ele limpou a garganta com um pigarro. “...pra falar a verdade, Márcia, creio que este nosso namoro foi um grande erro. ”

_ “Eu pensei que com o tempo você ia aprender a gostar de mim ... como eu

gostava de você. ”

_ “Gostava? ... ”

_ “Sim, gostava ... as palavras do Boiadeiro serviram para apontar uma coisa que eu já sabia mas não queria encarar... O que eu sinto por você é uma espécie de obsessão. ” _ “Márcia, por favor ... não me entenda mal ... não é

que eu não goste de você, só não quero e não posso te oferecer o relacionamento que você procura. ”

_ “Agora eu sei disso ... é difícil quando em um relacionamento só um ama e o outro só é amado ... desgasta muito e de modo algum faz bem. O amor é um sentimento que nos coloca mais bonitos e tolerantes, que nos põe pra cima; e o nosso relacionamento estava fazendo conosco justamente o contrário.” Márcia lembrou de sua tia ao pronunciar esta ú ltima fala, nem ela acreditou que foi capaz de dizer aquilo.

_ “Como faremos agora? Eu nunca terminei com ninguém desta maneira... Sempre há um motivo, uma briga e

aí deixamos de falar um com o outro...” Ele deu de ombros e sorriu sem graç a.

_ “Não é necessário brigarmos André... e motivo existe! Simplesmente descobrimos que falta um ingrediente essencial em todo relacionamento: reciprocidade ... Se você quer um motivo, podemos arrumar um bem agora ... que tal o fato de eu ter buscado uma feiticeira para te amarrar e por causa disto você ficou brocha?” Ela falou com indisfarçável irritaçã o jogando o guardanapo em cima da mesa nervosamente.

André sentiu o rosto aquecer gradativamente com o calor que lhe subia pelo pescoço fazendo-o corar. Não esperava aquela resposta, pois não sabia que Márcia tinha conhecimento daquele seu problema e ao mesmo tempo ela assumiu na sua frente que tinha feito um trabalho para ele. Suas sobrancelhas contraíram-se realçando os olhos negros que pareciam duas facas prontas para cravarem-se na jugular da ex-namorada. Como pôde Marcela trair a sua

confiança? Não tinha ele pedido segredo? E agora, quem garantiria que ela não iria sair por a í alardeando para quem quisesse, as suas particularidades?

_ “André eu não vim até aqui para brigar... Desculpa se eu passei das medidas ... mas eu também estou muito nervosa ... no fundo eu ainda cheguei a pensar que a gente podia dar certo saindo para conversar ... ”

_ “Então é verdade que você fez macumba pra me segurar... ”

_ “É André ... fiz sim..” Ela procurou um lenço dentro da bolsa, pois começou a chorar. “...Gosto tanto de você, que me expus ao ridículo de procurar este tipo de coisa... quando voc ê

se apaixonar, vai entender o que é isto ... mas como você viu, tudo foi desfeito graças a atuação do pessoal lá do centro da minha tia. Você não tem ideia de como está sendo difícil para mim ter que encarar minha família depois disto tudo ... eles não falam nada, mas eu sinto um quê de vergonha e desaprovação vez por outra, em um olhar ou um sorriso. ”

Um pouco mais calmo, André compreendeu que Má rcia estava profundamente marcada por tudo aquilo. As consequências da sua irresponsabilidade estavam retornando mais rápido do que ela poderia esperar, mas ao mesmo tempo, ela estava crescendo com o sofrimento e todo crescimento requer uma cota de dor. Ele mesmo também estava crescendo. Aprendera que juventude e beleza física também eram uma forma de provação, pois dão ao seu possuidor um poder de sedução que pode abrir muitas portas no mundo material, entretanto o abuso deste poder traz um imenso desequilí brio espiritual além de expor os incautos aos perigos dos vícios e doenças que assolam o submundo dos prazeres fáceis e efê meros.

_ “Está bem gati... digo, Márcia. Não vamos mais tocar neste assunto. Acho que já falamos tudo o que tínhamos para falar um para o outro ... não faz mais sentido ficarmos cutucando nossas feridas só para ver quem sangra mais ... Sem rancores, sem mágoas ... vamos ficar amigos? Ou você prefere um afastamento total até toda esta poeira assentar? ”

_ “Não sei André ... não sei ... pode me procurar se você precisar. Nossos amigos são basicamente os mesmos e sempre teremos notícias um do outro mesmo que não se queira.

[140]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Eu vou ficar bem ... pode deixar ... como disse Scarlet Ohara “...Amanhã é um outro dia... ”

_ “O quê? Quem disse o quê?” Ele realmente nada entendeu desta última frase dita por Má rcia.

_ “Nada André ... ninguém disse nada! Você pode ser muito bonitinho, mas não entende nada de cinema ... ”

Ele riu ao ver a antiga Márcia de volta. Sacudiu a cabeç a e pediu a conta. Ao saírem da confeitaria a noite já tinha caí do. Caminharam pela rua de paralelepípedos carregando as sacolas enquanto conversam amenidades. Os gritos dos ambulantes, as luzes da cidade, o vai e vem das pessoas pela rua ... tudo isto se misturava enquanto o casal desaparecia na turba cansada por mais um dia de serviço que chegava ao fim.

[141]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Ingrid começa sua iniciaçã o

A lua crescente enfeitava o céu naquela madrugada de outono. O vento frio balançava as copas das grandes á rvores como se fossem vastas cabeleiras verdes a ondular pesadamente no infinito. Tudo transpirava paz enquanto solitária figura caminhava pelas alamedas do jardim do posto de socorro. Observava os muros que os separavam do Vale, a cerca magnética e as sentinelas a postos não deixavam margens para dúvidas: Estavam muito bem protegidos. Lembrou de seus tempos no Vale; a eterna disputa por um território; ter que estar sempre em estado de alerta para nã o ser ludibriada ou usada por ninguém; a descoberta das facilidades que o vampirismo e a obsessão oferecem, o alto preço que Padilha e seus asseclas cobravam para dar facilidade e proteção para aqueles que

circulavam por aquelas paragens; como aprendeu a comandar alguns elementais, a fazer e desfazer alguns trabalhos em troca de uma generosa oferenda. As lembranças atropelavam-se na cabeça de Ingrid quando ela viu os portões se abrirem para deixarem passar Américo e mais três entidades: duas Pombas Giras e um Exu. Eles se despediram alegremente e Américo foi ao encontro de Ingrid.

_ “Sabia que você estaria aqui fora ... está tudo bem? ” Começou ele sabendo que seria crivado de perguntas.

_ “Minha cabeça deu um nó Américo ... ou devo dizer seu Caveira? ”

_ “Posso saber por que deu nó? Você nunca viu um Exu antes?” Argumentou ele enquanto a convidava para sentar em um banco pró ximo.

_ “Claro que já! ... Mas sempre vestidos como aqueles ali...” Apontou para as sentinelas. “...e são debochados, sensuais, aleijados, deformados, ...” Ela parou de falar ao ver Américo gradativamente transformar sua aparência robusta em enorme esqueleto.

_ “Que tal assim?” Perguntou ele totalmente transformado tendo somente uma capa a cobrir as costas (se é que ele tinha costas) daquela caveira de 1,80m.

Ingrid deu um grito e levantou-se apavorada com aquela figura grotesca. Américo voltou à sua aparência normal e explicou :

_ “Você está acostumada a nos ver com a forma perispiritual que usamos quando vamos ao Vale ou à crosta em tarefas que exigem este tipo de vestimenta. Além de ser como uma roupa especial que nos protege das vibrações hostis destes ambientes, a aparência impressiona, assim como te impressionou, os habitantes do Vale e os encarnados ignorantes que ainda estão presos ao mundo das formas e das aparências. Essas entidades só respeitam quem for mais feio e mais forte do que elas ... longe dos trabalhos, temos nossa aparência normal, temos outras atividades como qualquer outro espírito. ”

_ “Quer dizer então que os outros enfermeiros e enfermeiras, médicos ... todo mundo aqui é Exu?” Pergunt ou ela admirada.

_ “A maioria ... mas nem todo Exu vem pra cá. Existem outros postos de socorro, outros tipos de instituição. Nem todos os médicos e enfermeiros daqui, são Exus ... alguns sã o Boiadeiros, outros estão aqui na condição de nossos orientadores, são Caboclos, Pretos Velhos ou simplesmente simpatizantes da causa umbandista. ”

_ “Ainda não entendi direito ... Você não tem jeito de Exu!” Resmungou Ingrid enquanto coçava a cabeç a.

_ “Você diz isto porque está pensando como muita gente por aí pensa. Um Exu não precisa ser um cafetão, ou um marginal, ou mendigo, ou um monstro com pés de bode, rabo e chifres ... Da mesma forma que uma Pomba Gira não precisa ser uma prostituta, ou aquelas mulheres desaforadas e mal educadas que falam palavrões sem a mínima necessidade. ”

Ela se interessou pela explicação e voltou a sentar-se ao seu lado para prestar melhor atenção. Ele continuou a explicar. _ “Dentro da falange de Exus, encontram-se os mais variados tipos de espíritos, nos mais variados graus de evolução. Todos no entanto, para permanecerem filiados a esta falange, tem que se submeter a uma rígida disciplina sob pena de perder a condição de Exu. Coisa que do lado de cá do Vale é um grande avanço espiritual. ”

_ “Que tipos de espíritos se pode encontrar nesta falange?” Ela estava sinceramente interessada no assunto.

_ “Encontram-se os mesmos tipos que um encarnado encontra quando caminha por uma rua muito movimentada. Temos desde pessoas comuns a médicos, enfermeiros, padres, freiras, pais e mães de santo, gigolôs, prostitutas, professores,

policiais, mendigos, bruxos, feiticeiras, ... É tanta gente! De todos os credos, raças, sexos, idades e profissões. Na sua maioria foram um dia obsessores, assim

como eu e você, que se converteram ao bem e buscam na árdua tarefa de ser Exu, queimar o karma acumulado. ”

_ “Por que árdua tarefa? ”

_ “Somos cobrados o tempo todo! Ser um Exu significa estar comprometido com os mais complicados trabalhos, penetrar nos ambientes mais poluídos espiritualmente, estar em constante contato com o vício, a degradação e o sofrimento. Ainda estamos em grau evolutivo bem próximo ao do homem encarnado e portanto sujeitos a paixões, antipatias, alteraçõ es de humor e tudo mais que eles também têm. Porém na condição de guias, não podemos mentir ou praticar o mal sob pena de severas punições do orixá a que devemos obediência. ” _ “Mas e Padilha? Como se explica a atuação dela e de muitas outras entidades que fazem qualquer coisa em troca de um bom bife sangrento? ”

_ “Esta a quem você se refere, não é uma Pomba Gira verdadeira. Ela até usa o nome de uma Pomba Gira, mas sua prática difere muito da prática de um Exu de Lei. Esta que se intitula Padilha é um quiumba, uma mistificadora perigosa e muito inteligente que mais dia, menos dia será agraciada com a dádiva da lei do retorno. ”

_ “E como vocês são tão cobrados sendo inclusive passíveis de punições, e ela continua impune depois de tanto tempo fazendo o que faz?” Ela falava com a voz esganiçada de inquietação enquanto colocava as mãos nas cadeiras.

_ “Acontece que Padilha e todos os quiumbas iguais a ela, juntamente com os médiuns que lhes servem de aparelho mesmo praticando as atrocidades que praticam, sem o saber, estão cooperando com a evolução de suas vítimas. ”

_ “Como assim? ... Tá maluco? ... Quer dar outro nó na minha cabeça? ”

Ele achou graça da impaciência quase infantil de Ingrid e prosseguiu .

_ “Acontece que Deus usa o mal para fazer o bem. Na verdade o que Padilha faz é simplesmente executar o karma dessas pessoas, e não se esqueça que a magia negra s ó alcança aquele que tem afinidade com ela, aquele cuja invigilância e

passado delituoso deixam brechas por onde os obsessores penetram e se instalam fazendo o estrago que voc ê bem conhece...” Ingrid baixou os olhos, sentindo um passado ainda bem próximo a incomodar-lhe a lembrança. “...Este tipo de atividade existe justamente porque ainda se encontram pessoas que procuram estes profissionais das trevas. É simplesmente aquilo que na Terra chamam de “lei da oferta e da procura” se há quem pague, há quem faça. No dia em que os homens entenderem que só o amor liberta, passarão a perdoar mais e viverão com mais saúde e equilíbrio espirituais. ” Ingrid começou a perceber que Américo estava demasiadamente interessado em dar todas aquelas explicaçõ es. Estava demorando mais do que de costume naquela conversa, ele que sempre tinha algo para fazer, sempre andando de um lado para o outro estava ali sentado conversando com ela

despreocupadamente. Ele percebeu todo o processo mental dela e foi direto ao assunto.

_ “Ingrid, o trabalho de desobsessão de André e Má rcia continua ... Você ainda está em recuperação, mas demonstra grandes tendências a abandonar os hábitos que te trouxeram até aqui ... Letícia se encontra em processo de preparação para o reencarne e dentre as várias provas que ela vai encontrar na volta à matéria, está a mediunidade ...” Ele levantou-se de forma a tornar o momento mais solene. “...E dentre as provas que você vai encontrar no futuro, uma delas é ser a Pomba Gira que irá trabalhar com Letícia quando a mediunidade dela se manifestar. ”

Ela levou as mãos ao peito como se com isso pudesse controlar a respiração ofegante que aquela notícia causou.

_ “Ma.... ma... mas você mesmo disse que ser Exu é uma tarefa dificílima ... ”

_ “Você será devidamente preparada ... não pense que já é uma Pomba Gira ... a coisa é bem mais complexa. Primeiramente você tem que realmente estar disposta a aceitar esta tarefa, daí você vai passar por um longo treinamento, aprenderá o manuseio correto dos elementos e elementais, far á uma regressão à vidas passadas de modo a encontrar a vestimenta perispiritual que vai utilizar nas incursões ao Vale ... Assistirá por um longo tempo às sessões do centro e aos

trabalhos de desobsessão até que gradativamente assumir á responsabilidades, em princípio supervisionada até ser considerada apta para responder por suas ações como um Exu de Lei. Você terá uns 30 anos para se preparar. ”

[147]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “E se eu não aceitar? ”

_ “Será aproveitada em alguma outra atividade, pois ninguém no seu estágio de internação fica ocioso por aqui ... ou se preferir, lembre-se que é livre para partir quando quiser. ” Rapidamente ela fez a escolha. Resolveu aceitar a tarefa ,

pois percebeu que seria loucura aventurar-se na escuridão do Vale. Sabia que mais cedo ou mais tarde seu destino se cruzaria com o de Letícia e no fundo gostava da ideia de ser iniciada como Pomba Gira.

_ “Lembre-se que já na condição de aspirante a Pomba Gira, sua responsabilidade aumenta pois você começará a ter conhecimentos especializados, e a quem muito é dado muito será cobrado ... Há quem diga que o Exu não tem responsabilidade sobre aquilo que ele faz a mando de algué m, pois ele é simplesmente o executor que não é responsá vel pelos seus atos ... não é bem assim. Pois sendo Deus tã o perfeito e justo, como ele iria criar seres privilegiados que nã o respondem por seus atos e ao mesmo tempo cobrar dos seres humanos que sejam bons, honestos e cultivem todas as virtudes para que possam desfrutar do reino dos céus? ... Para Deus não há privilegiados! Exus, Boiadeiros, Caboclos, Pretos Velhos, Crianças, ... TODOS têm um compromisso com a verdade e com a caridade. Uma entidade de Umbanda orienta, ajuda, esclarece e só faz o bem; qualquer atitude que fuja a esta diretriz não provém de uma entidade de Umbanda. ”

Ingrid suspirou profundamente avaliando o tamanho da responsabilidade que estava abraçando. Compreendia agora o sentido da expressão “árdua tarefa” utilizada por Amé rico,

[148]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

lembrou da atividade de Padilha e anteviu o seu futuro. Com certeza quando estiver em plena atividade como Pomba Gira, será posta à prova sendo tentada a fazer algum (ou alguns) trabalho escuso em troca de agrados e oferendas.

Mas de alguma forma sentia-se aliviada e feliz. Aliviada por estar deixando para trás o vício e o sofrimento, na verdade suas atividades junto a Letícia e outras entidades desequilibradas não acrescentavam nada de positivo ao seu espírito, nunca fora verdadeiramente má. Frívola e inconsequente talvez. Lembrou dos tempos de criança no semi- internato quando fugia das aulas de religião, do catecismo que fez só porque achava o padre bonito, nunca teve convicçã o religiosa, sua fé em Deus só ia até o pronunciar mecânico do Credo. Entendeu como a religião faz falta a uma pessoa, como a fé bem orientada e com bases sólidas dá forças e sustenta o espí rito.

A lua já tinha terminado seu passeio pelo céu e somente algumas pequeninas estrelas teimavam em resistir a luz do astro rei que começava a tingir o azul com lindos rasgos dourados. Os internos e trabalhadores do posto de socorro j á começavam a se reunir no pátio para as primeiras orações do dia e Américo convidou Ingrid a juntarem-se aos outros. A partir dali Ingrid renasceu, descobriu o prazer de ser pequeno e de servir. Envolveu-se de tal maneira nas atividades propostas que chegou a acompanhar a gestação de Letícia. Aprendeu muito com a observação das sessões e dos trabalhos de desobsessão. A vida seguia seu curso, a vida é como o tempo

não envelhece, não pára e não espera. Segue como um rio levando consigo as águas para o destino inevitável que é o mar.

O primeiro combate de Ingrid

Um ano e meio se passou depois destes ú ltimos acontecimentos. Encontramos Márcia em frenética correria sem saber que roupa vestir. Abriu o guarda-roupa, vestia tudo o que encontrava e nada parecia agradar a jovem. Alzira parada no

canto do quarto simplesmente cantarolava uma canção de Noel. _ “Com que roupa eu vou? ... Pro samba que você me convidou ... ”

_ “Mãe ... pára de cantar e diz o que você acha deste aqui ...” Márcia mostrou o tubinho preto colocando-o em frente ao corpo.

_ “Está ótimo filha! ... Nada como um pretinho bá sico para qualquer ocasião. ”

_ “Não quero repetir roupa ... usei este aqui na ú ltima vez que fomos na casa da Marcela... ”

A ansiedade de Márcia tinha um nome: Bruno o professor da academia que ela frequentava há seis meses. Era visível a diferença no comportamento dela; o ciúme ainda era a sua marca registrada, mas estava muito mais tranquila na medida em que era correspondida nos seus sentimentos. Ela também era agora assídua frequentadora das sessões do centro onde Lourdes trabalhava. Começou a sentir alguns sinais de mediunidade, mas resolveu não assumir nenhum compromisso até terminar a faculdade que ocupava grande parte do seu tempo.

Nunca mais procurou Iracema ou qualquer outro tipo de atendimento parecido. O sentimento que nutria por Bruno lhe

dava a segurança necessária e os conselhos das entidades abriam seus olhos dia após dia para os perigos pelos quais a sua inexperiência e futilidade a fizeram passar.

Letícia agora reencarnada, contava 3 meses de vida. Sua primeira tentativa de reencarne não chegou a termo pois seu perispírito apresentava muitas deformações e desequilí brios energéticos devido ao uso abusivo do álcool e entorpecentes antes e depois do túmulo, não conseguindo por isto moldar ou acoplar-se ao corpo em formação com a devida eficiência. Isto já era esperado pelos técnicos da reencarnação e após novo tratamento na espiritualidade, a segunda gestação trouxe ao mundo bela porém agitada criança que exigiria dos pais sem muitos recursos materiais, doses cavalares de amor, paciê ncia e desprendimento para educá-la dentro dos moldes rígidos em que acreditavam serem o correto para educar uma criança e que na verdade era justamente o que

Letícia, agora Ruth, precisava.

Ingrid encontrava-se em plena atividade. Já fazia incursões ao Vale sem supervisão e também já tinha sua vestimenta perispiritual com a qual se apresentava como D. Sete Saias, filiou-se a legião de Pombas Giras comandadas por Iansan orixá de cabeça de Ruth. Já ajudava em finais de corrente de descargas carregando as impurezas que eram retiradas dos consulentes e levando para os locais da natureza onde seriam naturalmente recicladas pelos elementais que comandava com maestria.

Certo dia foi chamada por Américo para ajudá-lo em um desencarne que já levava dias para consumar-se e sendo ele de

Oxalá e ela de Iansan foram convocados pela equipe responsável pelo desencarne para auxiliá-los. Ao chegarem no hospital, dirigiram-se à enfermaria feminina na ala de oncologia. A agitação era grande próximo ao leito número 8, obsessores acotovelavam-se, riam, gritavam. Esperavam ansiosamente que a mulher deitada desse o último suspiro, ela porém agarrava-se desesperadamente ao corpo com o pouco de forças que ainda tinha. Estava apavorada ante a iminência do desencarne e at é chegou a pedir perdão a Deus por todos os erros que cometera. A equipe do desencarne precisava desfazer os nós que

ainda prendiam aquele espírito ao corpo já em estado avançado de sofrimento e decomposição visto o forte mau cheiro que exalava do câncer enraizado por todo o intestino, porém a turba de obsessores prejudicava o atendimento pois estavam praticamente grudados na enferma à espera do desenlace para arrebatá-la para as sombras do Vale.

_ “Que bom terem chegado, a malta está em frenesi. Uma vez controlados conseguiremos atender a criatura que praticamente já se encontra do lado de cá.” Disse com calma Edmundo, o chefe da equipe de desencarne.

Américo e Ingrid já se apresentavam com suas vestimentas perispirituais de trabalho. D. Sete levantou os braços e balançou levemente os punhos, fazendo as pulseiras douradas tilintarem. Subitamente os obsessores pararam o barulho que estavam fazendo e voltaram-se para o lugar de onde partiu aquele ruído já

conhecido. Depararam-se com um esqueleto de quase dois metros de altura, de dentro das ó rbitas daquele rosto ossudo saia um brilho ao mesmo tempo

assustador e paralisante, a capa preta por fora e vermelha por dentro escondia segredos e poderes que não estavam nem um pouco dispostos a desvendar ou enfrentar. Acompanhando aquela imensa caveira estava bela e jovem mulher, sua saia matizada parecia mudar de cor alternando-se nela as sete cores do espectro solar; trazia na cabeça uma tiara de pedras vermelhas e na cintura um punhal e uma espécie de bolsa ou saco de couro onde guardava pequenos seixos e um p ó misterioso e cheio de poderes estranhos.

_ “Ela é nossa! ... Não venham se intrometer em um assunto que é nosso ... vocês sabem que ela nos pertence. ” Esbravejou a mulher que parecia comandar aquela turba.

D. Sete reconheceu a entidade que falava tã o acintosamente com eles, pode observar então quem estava no leito pois, ao virarem-se para eles, afastaram-se da cama deixando à mostra a mulher que agonizava. D. Sete viu com velado espanto Iracema carcomida pela doença, assombrada ante o inevitável que ela insistia em não aceitar. Daquela Iracema de outros tempos, só restou o olhar cortante e frio que não se apagou mesmo com tanto sofrimento.

_ “Afaste-se Padilha, não nos force a tomar atitudes que você sabe muito bem não terá condições de enfrentar. ” Respondeu fria e calmamente seu Caveira.

_ “Engraçado ... onde está a lei de retorno e o livre arbítrio? Afinal ela não fez tudo o que fez porque quis? Não é natural que esteja no meio daqueles que ajudou a fazer tanta coisa?” Padilha comentou com as mãos nas cadeiras em posição ameaç adora.

_ “A ninguém foi dada a missão de julgar quando, como e onde a lei se cumprirá. Deixe que cada um encontre seu retorno, sua infelicidade ou sua

felicidade de acordo com a ordem natural do tempo.” Interveio D. Sete, já refeita do reencontro com Padilha e Iracema.

_ “Estou te reconhecendo ... você bebeu muito à s minhas custas, lembra safada?” Respondeu Padilha com desdém olhando D. Sete de cima em baixo “... Agora vem toda emperiquitada querendo dar uma de iluminada? Aquela outra que reencarnou por onde anda? Estou catando aquela coisinha linda ... essa aqui ...” Apontou para Iracema. “... já não me serve mais ... vou preparar a outra só pra mim ... ”

Padilha não terminou sua fala, com um gesto rá pido como um raio D. Sete sacou o punhal preso a sua cintura e o atirou em direção a ela. A lâmina certeira caiu entre os pés de Padilha prendendo firmemente sua saia comprida ao chão e ao mesmo tempo impedindo qualquer movimento pois o contato do punhal com a vibratória da aura de Padilha provocou algo como um curto circuito congelando os membros da obsessora. Aproveitando o efeito que o susto provocou nos outros obsessores, D. Sete tirou da bolsa um punhado de pó que soprou para o alto enquanto seu Caveira ria e sacudia sua capa fazendo o pó espalhar-se mais ainda. Com três passos largos passou pelo meio da turba atônita e cobriu Iracema com a capa isolando-a do ambiente. O pó espalhado no ar entonteceu os revoltados que começaram a cair ou sentavam no chã o impossibilitados de dar um passo.

[155]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Edmundo e sua equipe tiveram o caminho livre para fazer seu trabalho. Aproximaram-se do leito e aplicando passes dispersivos começaram a diluir os nós que ainda prendiam o espírito de Iracema ao corpo já imprestável. Ela ainda tent ou lutar ao sentir o frio da morte tomar conta das extremidades do corpo, Edmundo abaixou-se e disse ao seu ouvido:

_ “É inútil lutar minha amiga. Tudo está consumado, não torne as coisas mais difíceis do que já naturalmente sã o. Você já está do lado de cá. Respire bem fundo que logo, logo o frio passa. ”

Iracema sentiu segurança e confiou na voz ao seu ouvido. Respirou fundo, seu peito levantou dando passagem ao ar para dentro dos pulmões e ao expirar ele baix ou pesadamente para não mais voltar a arfar. Ela desligou- se totalmente do

corpo material e foi carregada pela equipe de Edmundo para o posto de socorro.

D. Sete recolheu seu punhal. Padilha ainda sentindo as articulações geladas e doloridas afastou-se desmoralizada e foi seguida por um grupo de espíritos atordoados e decepcionados por não terem conseguido executar seus planos nefastos.

_ “Ótimo trabalho D. Sete ...” Disse seu Caveira. “ ... Você hoje teve uma amostra daquilo que vai encontrar muitas vezes no seu trabalho ... o reencontro com antigos companheiros de desdita é comum na nossa atividade ... nã o se deixe abater pelo desânimo que as palavras duras que eles proferem causam em nossa mente ... siga adiante com humildade e boa vontade, afinal quem nunca cometeu erros? ”

[156]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

_ “Obrigada meu amigo ... ainda tenho muito que aprender!” Ela respondeu com um sorriso enquanto aceitava a oferta do braço ossudo que ele ofereceu ao saírem da enfermaria.

Era digna de uma pintura a imagem daquele estranho casal. Ele uma caveira de 1,80m trajando somente uma pelerine, de braços dados com aquela bela mulher esbanjando beleza e elegância. Os dois caminharam pelo longo corredor do hospital, impercetíveis aos olhos dos encarnados que iam e vinham. Enfermeiras com bandejas de remédios, aparelhos médicos e soro; médicos apressados para atender uma emergência em algum quarto, faxineiros, pacientes que caminham sem pudor com aquelas batas que não fecham atrás ... O Casal caminhava e sorria enquanto sum ia devagarzinho na medida que se distanciava do quarto onde uma vez esteve internada Iracema.

[157]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

Nada é em vã o

Ingrid deu um pulo do banco onde estava sentada. O vento bateu mais forte na superfície calma do lago encrespando o espelho d’água, parecia que a natureza

também se revoltava e arrepiava-se de susto com a notícia trazida por Amé rico.

_ “Fugiu?!! Por que? Como? ”

_ “Ora como?! ... Como todo mundo que sai do posto o faz, passando pelo portão! ...Você sabe que a saída é livre, que as sentinelas nada fazem para impedir a vontade daqueles que querem seguir seu destino se embrenhando no Vale das Sombras.” Disse com sua calma habitual aquele mulato de sorriso perfeito e dentes impecavelmente brancos.

_ “Mas Américo por que?” Contestou ela com a voz esganiçada que fazia sempre que se incomodava com algo.

_ “Porque ela não se adaptou à disciplina do posto; porque ela está forte e magneticamente ligada à Padilha; porque ela precisa reencontrar as vítimas que ela fez e que vagam pelo Vale ou pela Terra ainda incapazes de perdoar, sedentas por acerto de contas do qual ninguém pode livrá-la. ”

_ “Mas e todo aquele esforço de protege-la no hospital? Foi em vão? ”

_ “Nada é em vão sua revoltada! ... Aprenda de uma vez por todas que nossa função é servir sem esperar a gratidã o. Nós fomos até lá porque fomos atender a um chamado, a uma prece que a própria enferma fez. E como toda prece tem resposta, atendemos na esperança de que o seu

arrependimento fosse sincero. Não nos cabe julgar ... simplesmente lamentamos e rezamos para que todos no Vale um dia retomem o caminho do bem. ”

Ingrid baixou os olhos reconhecendo mais uma vez a sua pequenez e incompreensão diante dos intrincados caminhos do destino. Olhou para a pequena Ruth a mexer os braços tentando alcançar os brinquedos pendurados no carrinho onde estava deitada, e fez uma oração silenciosa pedindo a Iansan que lhe desse a força e o discernimento necessários para levar sua missão até o fim com êxito. A tarefa de ser um guia espiritual é pesada e difícil, sentia-se ainda muito imperfeita para poder guiar alguém. Mas não é assim que crescemos? Não é de nossos próprios erros que retiramos o conhecimento? Ela cresceria

espiritualmente junto com Ruth, uma ensinando a outra, trabalhando juntas reparando erros e enxugando lá grimas.

A mãe olhou o relógio e preparou-se para voltar para casa, tinha levado a pequenina para um banho de sol na Quinta da Boa Vista e estava na hora de recolherem-se, já se aproximava das dez da manhã. Ingrid continuou seu desenvolvimento, trabalhando sob a orientação de Américo e acompanhando o crescimento de Ruth, prometeu que a protegeria dos assédios de Padilha ou qualquer outro quiumba. Naquele mesmo dia à noite no centro, encontramos Marcela uniformizada na fila dos médiuns perto de Lourdes completando oito meses de efetivo início de desenvolvimento de mediunidade. Aquela sessão era de Caboclos e ela já estava sentindo a vibração do seu guia, sentia o coração acelerado e

os ombros largos. Aguardou demonstrando bom controle e educação mediúnica até a chamada dos guias para incorporarem. De vez em quando em sua mente vinha a ideia de um ponto riscado onde havia estrelas, ondas e flechas. Incorporou sentindo-se completamente tomada pelo

guia, sentia todo o corpo formigar, teve a percepção da roupagem espiritual do caboclo. Braços fortes e morenos, tronco roliço e rígido e na cabeça um cocar de penas azuis e brancas. Estava a receber estas imagens na mente quando uma voz falou perto do seu ouvido.

_ “A entidade, pode por favor chegar próximo ao altar ... nosso comandante está convidando para que se identifique. ” Falou o cambono respeitosamente.

Ela sentiu um frio na barriga. “E agora o que eu faço? O que eu digo” Pensava enquanto seus pés moviam-se na direçã o do gongá. “Acalme-se ... eu estou aqui” Respondeu um pensamento que lhe foi imposto pelo guia de modo a tranquiliza-la. Ajoelhou-se em frente à tábua quadrada colocada à sua frente e serviu-se da pemba que o cambono ofereceu, fechou os olhos e o ponto riscado surgiu completo na sua tela mental. Riscou o ponto na tábua, pediu água do mar e uma vela para completar a imantaçã o.

_ “O mano podi dizê a sua nome” Disse seu Rompe Mato incorporado em seu

José .

O nome da entidade ecoou na mente de Marcela como um grito de retorno do passado. Foi tudo repentino. Ao mesmo tempo em que estava ali ajoelhada em frente ao altar, viu-se

[160]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

de volta àquela noite de 31 de dezembro em frente aquela simpática senhora de olhar calmo e firme a dizer:

_ “Fia é livre pra ir ou ficar, caboclo num vai fazê nada pra atrapaia sua vontade. Mas aproveita pra dizê pra fia que a fia tem uma missão. Fia fromosa, mas precisa de preparo at é chegá sua hora. ”

Ela emocionou-se e de seus olhos rolaram duas grossas lágrimas quando as últimas palavras que a entidade lhe disse naquela noite brotaram da sua memória com tanta clareza que ela chegou a escutar a voz da mé dium:

_ “...vai com Deus fia! Leva o axé de caboclo Pena Branca. ”

_ “Caboclo Pena Branca!” A entidade pronunciou o seu nome ao mesmo tempo em que a voz na memória de Marcela lhe dava a certeza de quem ele era.

Marcela Sabia que o caboclo que se identificava não era a mesma entidade que falara com ela naquela noite de reveillon. Já lhe tinha sido explicado que existem vá rios caboclos com o nome de Pena Branca do mesmo modo que existem várias pessoas com o mesmo nome no mundo. Compreendeu que naquela noite ela teve um aviso daquilo que aconteceria em um futuro bem próximo. Percebeu que este aviso veio através de uma filha de Iemanjá e de uma entidade mensageira deste mesmo orixá assim com ela e o seu guia. Agradeceu internamente e admirou a perfeição com que o caleidoscópio do destino forma imagens cada vez mais belas e harmônicas na medida em que as suas peças, os seres

[161]

É Preciso Saber Viver, por Nilton de Almeida Junior

humanos, vão assumindo os seus devidos lugares na obra de Deus.

No dia seguinte, um belo sábado, Marcela, Márcia e Lourdes estavam reunidas na cozinha da casa de Alzira que mostrava o último quadro que pintou. Elas conversava m animadamente sobre os acontecimentos da noite passada e como a responsabilidade de Marcela crescia com isto. Lembraram de como tudo começou, do medo que Marcela sentia; das loucuras que Márcia foi capaz de fazer, dos tempos difíceis da obsessão de André e Má rcia.

_ “Por falar nisto ... cadê o André?” Perguntou Alzira guardando o quadro.

_ “Na mesma ... encontrou uma “parceira fixa” que é casada. Só que de vez em quando ele dá umas fugidinhas... ” Esclareceu Márcia com a boca cheia de biscoitos.

_ “Ainda bem que você se livrou desse Don Juan do subúrbio né filha?” Falou Alzira rindo enquanto sentava-se no chão ao lado da irmã .

_ “Mas tudo foi válido ...” interrompeu Lourdes. “ ...Acho que não poderia ter sido diferente ... ainda bem que eles encontraram a orientação apropriada e fizeram por merecer a ajuda. Quanto ao André, ele já foi alertado de várias maneiras . Agora cabe a ele educar-se e procurar não brincar com os sentimentos dos outros. Ele não é má pessoa ... pena que esteja iludido com a força que a juventude tem, esquecendo-se que um dia a beleza e a juventude passam ... tomara que ele perceba isso logo para não acabar tendo a solidão como companheira. ”

Alzira não podia fugir à sua mania de recados musicais, deu um sorriso maroto enquanto pegava a colher de pau fingindo ser uma guitarra e cantou .

_ “Pra quem pensa que a vida, seja feita de ilusã o pode até ficar maluco ou morrer na solidã o.

É preciso ter cuidado pra mais tarde não sofrer ... ” Márcia e Marcela respondem em coro:

_ “... É PRECISO SABER VIVER! ”

Elas riram com prazer, nunca Alzira tinha enviado um recado musical que se encaixasse tão perfeitamente. Os laç os de família e de amizade daquelas quatro mulheres crescia com o tempo e com o respeito que nutriam uma pela outra. A mã e de Marcela aprendeu a respeitar sua opção religiosa quando viu que seu relacionamento melhorou com o amadurecimento que a filha sofreu.

Lá fora a cidade fervia de vida, a lua cheia começava a ser seguida pelas primeiras estrelas e o manto da noite cobria lentamente o firmamento. Enquanto isto na cozinha daquele apartamento da zona sul o conserto prosseguia com Alzira soltando a voz a plenos pulmões. Ela olhou diretamente para a irmã e continuou :

_ “Uma pedra no caminho você pode retirar ... ” Apontou para Márcia e sorriu :

_ “... Numa flor que tem espinhos você pode se arranhar. Se o bem e mal existem você pode escolher.... ” Lourdes passou a engrossar o coro.

_ “... É preciso saber viver! ”

FIM